

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**OS ANGLICISMOS NA ESCRITA DIGITAL E O PROCESSO DE INOVAÇÃO
LEXICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**SÃO LUÍS
2021**

ALBA CATARINA GAMA COSTA PENHA

**OS ANGLICISMOS NA ESCRITA DIGITAL E O PROCESSO DE INOVAÇÃO
LEXICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado em Letras
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras-PGLetras da
Universidade Federal do Maranhão,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise
do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima

**SÃO LUÍS
2021**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Penha, Alba Catarina Gama Costa.

Os anglicismos na escrita digital e o processo de
inovação lexical no português brasileiro / Alba Catarina
Gama Costa Penha. - 2021.

121 p.

Orientador(a): Veraluce da Silva Lima.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SAO LUIS,
2021.

1. Anglicismos. 2. Escrita digital. 3. Fenomenologia
da percepção. 4. Inovação lexical. 5. Morfologia
Derivacional. I. Lima, Veraluce da Silva. II. Título.

ALBA CATARINA GAMA COSTA PENHA

**OS ANGLICISMOS NA ESCRITA DIGITAL E O PROCESSO DE INOVAÇÃO
LEXICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado em Letras apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLEtras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Veraluce da Silva Lima
Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Greize Alves da Silva
Examinador Externo
Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Georgiana Márcia Oliveira Santos
Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Conceição de Mª de Araujo Ramos
Membro Suplente
Universidade Federal do Maranhão

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Marthin Luther King

Todas as minhas conquistas são frutos do apoio incondicional dos meus pais, Arienilson e Mirian, e da bondade de Deus em minha vida. A eles, portanto, dedico a conquista do Mestrado em Letras.

AGRADECIMENTOS

“Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus.”. (1º Tessalonicenses 5:18)

Essas palavras têm um significado especial para nós, pois trazem à luz aquilo que, em essência, procuramos cultivar em nossa vida: a gratidão. Por isso, a partir delas, queremos expressar toda a nossa gratidão àqueles que contribuíram para a construção desta obra tão significativa para nós.

Primeiramente, agradeço a Deus por sua bondade, misericórdia e amor para comigo, sendo meu apoio em todas as circunstâncias. Se não fosse o favor do Senhor em minha vida, eu não teria sabedoria suficiente para administrar todas as obrigações, responsabilidades e dificuldades que enfrentei no decorrer de minha jornada acadêmica no Mestrado. Sem Ele, seria impossível conquistar este tão sonhado título.

Agradecimentos especiais às seguintes pessoas:

Ao meu esposo, pela compreensão, companheirismo e apoio incondicional em todos os momentos de nossas vidas, principalmente nos momentos desafiadores, durante minha trajetória no Mestrado.

Aos meus filhos Marco Antonio e Manuela Catarina, por serem minha fonte de inspiração, de alegria, de força e de incentivo. Todas as minhas conquistas são para o bem-estar dos meus amados filhos.

Aos meus avós, Marilene e Raimundo, pelas orações diárias em prol do meu sucesso. Louvo a Deus pela vida deles.

Aos meus pais, Arienilson e Mirian. Hoje escrevo essa mensagem para agradecer tudo que fizeram e ainda fazem por mim. Obrigada por me ensinarem a caminhar e assim poder seguir meus próprios passos. Pela educação que me deram e por sempre estarem ao meu lado, tanto nas alegrias, como nos momentos difíceis.

Ao meu irmão, João Victor que é uma das pessoas mais importantes da minha vida. Quero ser um bom exemplo e lutar também pelos meus sonhos, assim como ele. Para mim, ele sempre será aquele irmão mais novo ao qual devo toda atenção e cuidado. E quanto ao amor que nos une, esse já é mais que eterno!

À minha amiga-irmã Leny Cláudia, por ser minha confidente, minha conselheira, minha animadora e um excelente exemplo de profissional e mulher. Sem suas palavras

incentivadoras seria um pouco mais difícil seguir firme nesse propósito.

À Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima. Ela foi parte essencial para que eu conquistasse essa vitória, pois foi muito mais que uma orientadora: foi uma verdadeira amiga nas horas difíceis. Admiro o vasto conhecimento que ela possui na área de Letras e, sobretudo, em fenomenologia como método de pesquisa. Graças ao profissionalismo, ao conhecimento e à boa vontade em orientar seus alunos, consegui concluir esta etapa tão desafiadora em minha vida.

À Prof^a Dr^a Georgiana Márcia Oliveira Santos que, desde a graduação, contribui para minha formação acadêmica. No mestrado, suas orientações foram essenciais para a formação do nosso arcabouço teórico. Sou muito grata a ela, pelas pertinentes observações e sugestões acerca de minha pesquisa, durante a disciplina de Fundamentos em Lexicologia e Lexicografia, assim como durante o Exame de Qualificação, o que contribuiu para que eu percorresse um caminho teórico mais focado em meu objeto de estudo: a inovação lexical a partir de anglicismos na linguagem on-line.

Aos Professores Doutores Cibelle Corrêa Béliche Alves, Mônica Fontenelle Carneiro e José de Ribamar Mendes Bezerra, pelos ensinamentos direcionados à minha investigação, durante a ministração das disciplinas: Fundamentos em Sociolinguística, Tópicos em Linguística Aplicada e Teorias Linguísticas.

À Prof^a Dr^a Greize Alves da Silva, por partilhar relevantes conhecimentos linguísticos, os quais nos deram mais clareza e segurança acerca do fenômeno por nós investigado.

À Prof^a Dr^a Conceição de Maria de Araujo Ramos, por socializar conosco seus saberes linguísticos e por sua minuciosa observação sobre o texto do Exame de Qualificação.

Ao Prof. Me. Evaldo Carlos Cardoso, pelos diálogos enriquecedores, os quais muito contribuíram para a conclusão do mestrado e por todo apoio dado durante o Exame de Qualificação.

Aos nossos estimados colegas, em especial à Francimone Dutra, pela oportunidade da alegre e motivadora convivência. Agradeço imensamente todo o apoio, as trocas de ideias e a maravilhosa companhia durante essa jornada acadêmica.

A todas essas pessoas, de coração aberto, dizemos: MUITÍSSIMO OBRIGADA!

RESUMO

As pesquisas linguísticas apresentam resultados convergentes a respeito da importância do estudo do léxico que, naturalmente, modifica-se para atender às necessidades comunicativas dos falantes. Nesse aspecto, considerando as múltiplas possibilidades que a língua nos oferece, torna-se possível também pensar em uma modificação expressiva no léxico da linguagem on-line. O presente trabalho tem, pois, como objetivo investigar, na escrita digital, palavras e/ou expressões advindas do inglês, bem como os processos de criação lexical e incorporação no português brasileiro. Nosso ponto de partida foi a seguinte questão norteadora: Como os usuários da rede social Instagram empregam os anglicismos no processo de inovação lexical no Português Brasileiro? Para responder à questão norteadora, recorreremos, primeiramente, aos teóricos cujos trabalhos versavam sobre morfologia derivacional, neologia lexical e escrita digital, destacando-se autores como: Alves (1984, 1994, 2004), Sandmann (1996), Biderman (2001), Isquendo (2001, 2004, 2007), Basílio (2011), Correia e Almeida (2012) Gonçalves (2012), Spadoro (2013), Shepherd e Saliés (2013), Barton e Lee (2015), dentre outros que discutem sobre linguística, morfologia derivacional, lexicologia, neologia lexical, estrangeirismos, linguagem on-line, categorias de fundamental importância para o desvelamento do fenômeno sob nossa investigação. Os procedimentos metodológicos são de base qualitativa e estão fundamentados na Fenomenologia. Para a coleta de dados, optamos pela construção de um corpus constituído por textos/comentários capturados de perfis do Instagram com mais de um milhão de seguidores. Os perfis selecionados abordam as seguintes temáticas: moda, entretenimento e política. Dentre os textos/comentários do corpus que construímos, selecionamos apenas 15 (quinze) para análise e esses textos/comentários estão sendo identificados como Descrições dos sujeitos da pesquisa. Os dados foram analisados à luz dos fundamentos da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1996), com o pesquisador vivenciando dois momentos: o da análise ideográfica e o da análise nomotética. Nesse processo, emergiram as seguintes categorias de análise: adoção de anglicismos, adaptação de anglicismos e criação neológica inovadora. Os dados analisados revelam os seguintes resultados: há anglicismos que não passam por nenhum processo de adaptação ao português e há anglicismos adaptados por meio de dois níveis: semântico e morfológico. Verificamos que as hashtags funcionam como um morfema lexical e possibilitam a criação de palavras compostas híbridas e que os gêneros textuais digitais contribuem para a ocorrência de anglicismos nas interações realizadas no *Instagram*, uma vez que são formas híbridas de comunicação. A partir da compreensão/interpretação que a atitude de reflexão nos proporcionou sobre nosso objeto de pesquisa, sugerimos novos estudos sobre o processo de inovação lexical no português brasileiro, considerando as peculiaridades da interação/comunicação mediatizada pelas práticas de escrita desenvolvidas nas redes sociais da web.

Palavras-chave: Anglicismos. Inovação lexical. Escrita digital. Morfologia Derivacional. Fenomenologia da percepção.

ABSTRACT

Linguistic searches show convergent results regarding the importance of the study of the lexicon, which, of course, changes to meet the communicative needs of the speakers. In this regard, considering the multiple possibilities that the language offers us, it is also possible to think of a significant change in the lexicon of the online language. The present work, therefore, aims to investigate, in digital writing, words and / or expressions from English, as well as the processes of lexical creation and incorporation in Brazilian Portuguese. Our starting point was the following guiding question: How do users of the social network Instagram employ anglicisms in the lexical innovation process in Brazilian Portuguese? To answer the guiding question, we resorted mainly to theoretical works on derivational morphology, lexical neology and digital writing, with emphasis on authors such as: Alves (1984, 1994, 2004), Sandmann (1996), Biderman (2001), Isquendo (2001, 2004, 2007), Basilio (2011), Correia e Almeida (2012) Gonçalves (2012), Spadoro (2013), Shepherd and Saliés (2013), Barton and Lee (2015), among others who discuss linguistics, derivational morphology, lexicology, lexical neology, foreign language, online language, categories of fundamental importance for the unveiling of the phenomenon under our investigation. The methodological procedures are of a qualitative basis and are based on Phenomenology. For data collection, we opted for the construction of a corpus consisting of texts / comments captured from Instagram profiles with more than one million followers. The selected profiles address the following themes: fashion, entertainment and politics. Among the texts / comments of the corpus that we built, we selected only 15 (fifteen) for analysis and these texts / comments are being identified as Descriptions of the research subjects. The data were analyzed in the light of the fundamentals of Perception Phenomenology (MERLEAU-PONTY, 1996), with the researcher experiencing two moments: that of ideographic analysis and that of nomothetic analysis. In this process, the following categories of analysis emerged: adoption of anglicisms, adaptation of anglicisms and innovative neological creation. The analyzed data reveal the following results: there are anglicisms that do not go through any process of adaptation to Portuguese and there are anglicisms adapted through two levels: semantic and morphological. We found that hashtags function as a lexical morpheme and allow the creation of hybrid composite words and that digital textual genres contribute to the occurrence of anglicisms in the interactions carried out on Instagram, since they are hybrid forms of communication. Based on the understanding / interpretation that the reflection attitude provided us about our research object, we suggest new studies on the lexical innovation process in Brazilian Portuguese, considering the peculiarities of interaction / communication mediated by the writing practices developed in the social networks of the web .

Keywords: Anglicisms. Lexical innovation. Digital writing. Derivational Morphology. Phenomenology of perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Página Cadastre-se do Instagram	52
Figura 2:	Página Perfil do Instagram	53
Figura 3:	Interface Timeline	54
Figura 4:	Hashtag como tecnomorfema	58
Figura 5:	Expressão morfossintática inovadora	59
Figura 6:	Hashtags como unidades lexicais inovadoras	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Adaptação de Anglicismos em Língua Portuguesa	41
Quadro 2:	Adaptações Morfológicas de Anglicismos	42
Quadro 3:	Redes Sociais com maior número de usuários.	43
Quadro 4:	Análise Ideográfica da Descrição 1	44
Quadro 5:	Análise Ideográfica da Descrição 2	48
Quadro 6:	Análise Ideográfica da Descrição 3	53
Quadro 7:	Análise Ideográfica da Descrição 4	74
Quadro 8:	Análise Ideográfica da Descrição 5	75
Quadro 9:	Análise Ideográfica da Descrição 6	75
Quadro 10:	Análise Ideográfica da Descrição 7	76
Quadro 11:	Análise Ideográfica da Descrição 8	77
Quadro 12:	Análise Ideográfica da Descrição 9	77
Quadro 13:	Análise Ideográfica da Descrição 10	78
Quadro 14:	Análise Ideográfica da Descrição 11	78
Quadro 15:	Análise Ideográfica da Descrição 12	79
Quadro 16:	Análise Ideográfica da Descrição 13	80
Quadro 17:	Análise Ideográfica da Descrição 14	81
Quadro 18:	Análise Ideográfica da Descrição 15	81
Quadro 19:	Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas.....	82
Quadro 20:	Quadro Ilustrativo de Convergência das Categorias nas Descrições dos Sujeitos	83
Quadro 21:	Relação dos anglicismos adotados e seus respectivos significados na língua de origem	83
Quadro 22:	Relação de anglicismo adaptados e seus respectivos significados contextualizados	84
Quadro 23:	Relação dos significados de anglicismos em expressões híbridas nas hashtags	86
Quadro 24:	Quadro Ilustrativo de Convergência das Categorias nas Descrições dos Sujeitos	86
Quadro 25:	Relação dos anglicismos adotados e seus respectivos significados no Português Brasileiro	90

Quadro 26: Relação dos anglicismos adaptados e seus respectivos significativos contextualizados	93
Quadro 27: Anglicismos adaptados	97
Quadro 28: Anglicismos deverbais	101
Quadro 29: Composição das expressões híbridas e dos significados	106

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	O LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	21
2.1	Contexto histórico da formação do Português Brasileiro	21
2.2	O avanço tecnológico e o enriquecimento lexical do Português Brasileiro	26
2.3	Processos de inovação lexical no Português Brasileiro	30
2.4	Os empréstimos e os estrangeirismos	41
3	A ESCRITA DIGITAL E OS ESPAÇOS DE INOVAÇÃO LEXICAL NA WEB 2.0	47
3.1	A Web 2.0 e as redes sociais como espaços da escrita digital ...	48
3.2	Os gêneros digitais e a inovação lexical na Web 2.0	54
4	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	63
4.1	A Fenomenologia como Trajetória Metodológica	63
4.2	Procedimentos Metodológicos e Tratamento dos Dados	66
5	OS ANGLICISMOS NA LINGUAGEM ON-LINE: uma análise fenomenológica	74
5.1	Análise dos dados	74
5.1.1	Análise Ideográfica	74
5.1.2	Análise Nomotética	85
5.2	Construção dos resultados	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS.....	112

1 INTRODUÇÃO

O processo de inovação lexical envolve aspectos linguísticos que vão além das questões morfológicas, relacionando-se aos estudos fonético-fonológicos, sintáticos, pragmáticos, discursivos e semânticos, pois ao criarmos ou adotarmos uma nova palavra, não inovamos apenas o léxico, mas também os demais aspectos linguísticos supracitados.

No processo de inovação lexical, há também os aspectos extralinguísticos, decorrentes de acontecimentos sociais, históricos, políticos etc., considerando que, nesse processo, são assimilados objetos, tecnologias e costumes/hábitos que as palavras nomeiam, as quais passam a constituir o léxico de uma língua como “o testemunho da sociedade” (MATORÉ, 1953, p.94).

Outrossim, podemos dizer que o léxico é “o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua. É ainda um conjunto virtual, onde se pode identificar como unidade básica o morfema, ou unidade significativa mínima” (CARVALHO, 1989, p.11).

Através do estudo do léxico, é possível verificar aspectos sociais, uma vez que as palavras aparecem, desaparecem, perdem ou ganham significações de acordo com as mudanças no entorno social do usuário da língua. Optamos pela concepção de léxico proposta por Biderman (2001) para fundamentar a nossa pesquisa, visto que a autora entende que o léxico é a “codificação da realidade”, portanto o aspecto sócio-histórico-cultural está intrinsecamente ligado à sua formação.

As pesquisas que tangem as áreas de neologia lexical e morfologia derivacional são defendidas por estudiosos como Alves (1984, 2004, 2007), Basílio (1995, 2011), Sandmann (1996), Biderman (2001), Isquerdo; Oliveira (2001), Isquerdo; Krieger (2004), Isquerdo (2001, 2004, 2007), Correia e Almeida (2012), Gonçalves (2012, 2019), dentre outros teóricos que descrevem processos de formação de palavras e as motivações subjacentes a eles que, majoritariamente, estão ligadas à evolução da sociedade.

Sendo assim, a análise das palavras que compõem o léxico nos permite conhecer a história, os costumes e os hábitos de um povo, pois é no léxico que encontramos a nomeação da realidade. Podemos, portanto, afirmar que “as palavras

são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem” (ANTUNES, 2012, p.27).

A decisão pelo nosso objeto de estudo partiu da nossa prática pedagógica, pois enquanto professora de língua portuguesa, percebemos a presença massiva de anglicismos nas realizações linguísticas dos alunos, tanto face a face como on-line. Nesse sentido, procuramos abordar o processo de inovação lexical que sofrem os anglicismos, ao se fazerem presentes nos textos produzidos pelos usuários da rede social Instagram. Delineamos como objetivo geral investigar, na escrita digital, palavras e/ou expressões advindas do inglês, bem como os processos de criação lexical e incorporação no português brasileiro e como objetivos específicos, os seguintes: identificar os neologismos provenientes da língua inglesa na escrita digital e analisar os anglicismos como elementos de importação linguística para a formação de neologismos em língua portuguesa. Procuramos demonstrar que os anglicismos revelam um processo de assimilação que não é apenas linguístico, mas envolve questões culturais, considerando que a língua é um fato social. Nesse sentido, as mudanças ocorridas na sociedade implicam em mudanças linguísticas.

Como a sociedade é dinâmica, mudanças ocorrem, ocasionando, portanto, constantes alterações na língua. Há casos em que palavras se tornam obsoletas devido ao desaparecimento do seu referente na sociedade, estas chamamos de arcaísmos. Da mesma forma, quando novos fatos sociais acontecem, há a necessidade de nomeá-los, surgindo, assim, os neologismos lexicais (ALVES, 1984, 1990, 2004, 2007; CORREIA e ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2012).

O léxico pode ser estudado em diferentes aspectos e, considerando-o como a parte da língua mais sensível a modificações, podemos analisar aspectos linguísticos e extralinguísticos através do estudo sistemático da neologia lexical, que é fruto da ocorrência de novos eventos sociais. Alves (2004, p.80) afirma que “a unidade lexical neológica, ao representar as necessidades cotidianas de nomeação, em muitos casos, retrata um fato histórico, político, social, um desenvolvimento científico e tecnológico”.

Para comprovar essa afirmação, valemo-nos do exemplo citado por Alves (2004), sobre a campanha das diretas-já no Brasil. Este acontecimento político influenciou a criação, não só da expressão **diretas-já**, mas de outras expressões, obedecendo a essa mesma estrutura morfológica, como foi o caso de **renúncia-já**, **cassação-já** e **mudanças-já**. Esses arranjos nos levam a entender que os

substantivos “diretas”, “renúncia”, “cassação” e “mudanças” acompanhados do advérbio “já” implicam sempre uma reivindicação, um direito a ser reivindicado.

Os exemplos dados por Alves (2004) nos confirmam a dimensão do dinamismo lexical que uma língua natural apresenta. Seu estudo sistemático traz contribuições não apenas para a linguística, mas também para outras áreas de conhecimento, como a Sociologia, por exemplo. Essas contribuições são o que Alves (2004) chama de perspectiva linguística e extralinguística.

Na perspectiva linguística, podemos desenvolver estudos sobre os neologismos lexicais que, segundo Alves (2004, p. 5) “podem originar-se a partir do emprego de mecanismos oriundos da própria língua - os processos autóctones - ou pela utilização de itens lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos”. Ou seja, o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas palavras.

Na perspectiva extralinguística, o estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução de uma dada sociedade, pois as transformações sociais e culturais refletem nitidamente no seu acervo lexical. Portanto, do ponto de vista extralinguístico, o léxico pode contribuir para “o estudo da evolução da sociedade brasileira”. (ALVES, 2007, p.87).

A neologia lexical por empréstimo ocorre por diversos fatores, mais precisamente pelo contato linguístico. Com o advento da internet, esse contato intensificou-se, possibilitando a inserção de elementos exógenos ao português brasileiro, como é o caso dos anglicismos, o que nos leva a afirmar que o português demonstra uma maior abertura para entrada de estrangeirismos. Os motivos são variados, como podemos observar nas palavras de Justina (2006, p.103):

Os anglicismos denunciam um sentimento de esnobismo ou prestígio, atribuindo ao inglês uma valoração positiva por estar associada à ideia de beleza, elegância, superioridade de objetos, modernidade, desenvolvimento e, em consequência, acesso a bens culturais e econômicos propagados pelos Estados Unidos.

Vemos assim que a neologia lexical por anglicismos, entendida como o processo de formação de novas palavras, a partir de itens lexicais da língua inglesa, perpassa por questões extralinguísticas. Esse fato pode ser justificado pela situação de prestígio que o inglês exerce sobre as outras línguas, por advir de sociedades mais

desenvolvidas economicamente que o Brasil, como é o caso dos Estados Unidos e da Inglaterra, por exemplo.

A respeito disso, Schneider (2007, p.6), no artigo intitulado “O léxico a partir de um olhar sociológico”, afirma que

A competência lexical do falante é de fato um produto social, isto é, resultado de suas relações interativas na sociedade em que vive. Assim como a língua, a sociedade é heterogênea, portanto, espera-se que diferentes grupos sociais utilizem vocabulários diferentes, pois as condições socioeconômicas interferem na aquisição do Vocabulário Básico do Português Brasileiro.

Procuramos analisar como os anglicismos participam do processo de nomeação de eventos da realidade, contribuindo para o enriquecimento do léxico do Português Brasileiro. A respeito disso, Biderman (2001, p.168) afirma que

O léxico é o lugar em que se deposita todo saber vocabular de um grupo sociolinguístico e cultural; é o lugar em que se deposita toda informação sobre o mundo condensada em unidades, pois nele se encontram nomenclatura e interpretação da realidade.

Nesse sentido, essa análise tem como base os fundamentos da Morfologia Derivacional, os processos de formação de palavras que recorrem “a regras próprias da língua [...] e a importação de palavras de outras línguas” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.33), uma vez que estão diretamente relacionadas à inovação lexical. Também nos baseamos na Linguagem on-line, cujos postulados tomam por base o uso da língua nos espaços de interação on-line, a partir dos estudos de Crystal (2001), Spadoro (2013), Shepherd e Saliés (2013), Recuero (2014), Barton e Lee (2015), Paiva (2016), dentre outros teóricos.

Para desvelarmos o fenômeno¹ sob nossa investigação, optamos pela Fenomenologia, trajetória metodológica que permite ao pesquisador ir à coisa mesma (HUSSERL, 2006) e “interrogar o mundo e os fenômenos que deseja interrogar” (MARTINS, 1992, p. 57). Nesse sentido, partimos da seguinte questão norteadora:

Como os usuários da rede social Instagram empregam os anglicismos no processo de inovação lexical no Português Brasileiro? A partir dessa interrogação, procuramos pensar o fenômeno interrogado – o processo de inovação lexical – e o fazemos a partir de uma situacionalidade, colocando-o diante de nosso olhar atento, para trazê-lo à luz e revelar os sentidos subjacentes a este processo, que estão além das aparências

¹ Empregamos o termo “fenômeno” com o sentido nascido dentro dos postulados teóricos fenomenológicos de Husserl: “como revelação da essência” (ABBAGNANO, 2012, p. 511).

imediatas. Para tanto, procuramos percorrer a trajetória proposta pela Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1996).

O corpus está constituído por perfis do Instagram com mais de um milhão de seguidores, devido à ampla visibilidade que possuem. Os perfis selecionados foram: @isabeletemoteo, que apresenta a temática da moda como principal conteúdo; @chapolinsincero, que mudou o nome do perfil para @sincerooficial, perfil humorístico que utiliza o gênero textual “Meme” para fins de entretenimento; @jairmessiasbolsonaro, perfil que aborda assuntos políticos. Os critérios que nortearam a constituição do *corpus* estão devidamente descritos no capítulo Metodologia.

A motivação por trás de nossa escolha da região de inquérito de nossa pesquisa foi o crescimento significativo que a rede social *Instagram* alcançou nos últimos anos, e a própria linguagem que é usada nesse espaço de interação. Nos espaços da internet, a escrita, ao nosso entender, é dinâmica e espontânea, e assume um caráter híbrido, por apresentar características da fala e da escrita simultaneamente.

Outro motivo que justifica a escolha do *Instagram* como nossa região de inquérito se refere à possibilidade de essa rede social favorecer as interações comunicativas on-line, com os interagentes compartilhando seus interesses e experiências cotidianos, por meio da palavra escrita e de outros conteúdos multimodais (BARTON; LEE, 2015), o que se constitui uma oportunidade para analisarmos o efeito das tecnologias digitais na linguagem. Além disso, o *Instagram* é uma

[...] rede social cuja principal troca comunicativa é a das imagens. Partindo do pressuposto de que vivemos numa ambiência comunicativa biosmidiática (Sodré, 2002) e que não existem mais hoje as supostas fronteiras entre real e virtual apontadas por Levy (1996) na década passada, analisar mais um objeto de um fenômeno tão recorrente no nosso ambiente contemporâneo midiático - o poder de influência da comunicação digital mediando comportamentos humanos na vida corporal – se mostra como discussão pertinente e urgente para os caminhos da comunicação. (JACOB, 2015, p.95)

O trabalho está estruturado em seis capítulos, sendo o primeiro a INTRODUÇÃO, o qual situa o leitor sobre o tema, os objetivos do trabalho, dentre outros aspectos exigidos deste capítulo. Em O LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (capítulo 2), mostramos de forma mais abrangente a evolução do léxico, a partir do período colonial, marcado pela mistura das línguas indígenas e africanas à

língua portuguesa. Evidenciamos como as transformações do século atual, sobretudo as que dizem respeito aos avanços tecnológicos, proporcionaram um enriquecimento lexical ao Português Brasileiro, por meio do uso de anglicismos. Nesse contexto, entendemos que a internet, dentre outros meios, proporciona a entrada desses estrangeirismos que se fazem presentes nas interações comunicativas dos falantes brasileiros. Contemplamos, ainda, os processos de inovação lexical que fundamentaram nossa análise de dados.

Já em A ESCRITA DIGITAL E OS ESPAÇOS DE INOVAÇÃO LEXICAL NA WEB 2.0 (capítulo 3), falamos sobre a relação entre a escrita e o mundo digital considerando os espaços da Web 2.0 e suas redes sociais. Apontamos o fato de que esses espaços possibilitam ao usuário uma interação comunicativa dinâmica, por meio de uma escrita que revela uma hibridação entre o oral e o escrito. Apresentamos o Instagram, espaço da Web 2.0, como o lócus de onde nosso fenômeno de investigação foi interrogado.

Ademais, tecemos considerações sobre os gêneros textuais digitais, conhecidos pela informalidade e pela fluidez, características que intensificam a ocorrência de fenômenos linguísticos. Observamos também o fato de os sujeitos utilizarem recursos semiológicos diversos, dentre os quais destacamos as hashtags que também atuam como elementos de construção de sentido, constituindo-se, assim, em uma forma linguística inovadora nas interações comunicativas da web 2.0.

No capítulo 4, TRAJETÓRIA METODOLÓGICA, apresentamos os fundamentos da Fenomenologia enquanto método de apreensão de nosso objeto de investigação. Ainda neste capítulo, mostramos os procedimentos metodológicos e o tratamento dos dados adotados no processo de investigação.

No capítulo 5, OS ANGLICISMOS NA LINGUAGEM ON-LINE, apresentamos análise dos textos selecionados do corpus construído. Foram selecionados quinze textos que foram analisados em dois momentos: o da análise ideográfica que trata esses textos individualmente como Descrições dos sujeitos da pesquisa; o da análise nomotética por meio da qual são identificadas as categorias de análise, também denominadas categorias abertas, movimento resultante da interpretação de convergências estabelecidas entre as sínteses das quinze descrições, na análise ideográfica. Tecemos uma rede de significados, tendo como base o arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa e a trajetória metodológica construída, para desvelamento do fenômeno investigado.

Em nossas CONSIDERAÇÕES FINAIS (capítulo 6), retomamos a questão norteadora do trabalho, a partir da qual foi possível o desvelamento de faces do fenômeno em estudo, tais como: a interação comunicativa nos espaços da Web 2.0 possibilita o surgimento de fenômenos linguísticos por conta da facilidade do contato entre pessoas de diferentes línguas, lugares e culturas; os processos de inovação lexical por meio de anglicismos, presentes no *Instagram*, são essenciais à construção de sentidos dos textos, tanto no ambiente virtual quanto fora dele; a comunicação on-line na rede social *Instagram* contribui para que os anglicismos sejam fator relevante no processo de inovação lexical no português brasileiro. Os resultados podem contribuir para os avanços epistemológicos no contexto da análise e descrição do Português Brasileiro, além de sinalizar para uma renovação do ensino de Língua Portuguesa, no que tange aos conhecimentos linguísticos, sobretudo lexicais.

2 O LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os estudos da linguagem são amplos e podem exigir periodicidade e metodologia distintas a depender do lócus de pesquisa, entre outros fatores. Barton e Lee (2015, p.217) recomendam que as pesquisas sobre a linguagem on-line, a exemplo desta, devem ser feitas periodicamente devido à maior dinamicidade da língua neste espaço de interação. Considerando esta realidade, podemos inferir que as inovações linguísticas podem ser ainda mais frequentes no ambiente virtual.

As pesquisas linguísticas dispõem de resultados convergentes a respeito da importância do estudo das palavras que, de acordo com Antunes (2012, p. 27), “são a *matéria-prima* com que construímos nossas ações de linguagem”. Nesse sentido, concebemos o léxico como elemento linguístico dinâmico e passível de constantes mudanças, pois é responsável por nomear o que existe em nossa volta, como os seres, os sentimentos, os acontecimentos da sociedade, as descobertas tecnológicas e científicas, dentre outros.

Para compreendermos melhor a dinamicidade linguística, sobretudo lexical, que apresenta o atual Português Brasileiro, fazemos um breve percurso histórico, pontuando aspectos desde a formação até a atual configuração do nosso acervo linguístico, marcado pela importação de itens lexicais, especialmente da língua inglesa, foco de nosso trabalho.

2.1 Contexto Histórico da formação do Português Brasileiro

O português é o idioma oficial de Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Timor Leste. Isso não implica dizer que a língua portuguesa, principalmente o léxico, possua exatamente as mesmas características em todos esses países. De fato, os portugueses levaram “a última flor do lácio” (primeiro verso do famoso poema *Língua Portuguesa*, de Olavo Bilac) para os novos territórios conquistados, no entanto, as populações autóctones que viviam

nessas terras possuíam suas próprias línguas que passaram a ser substratos linguísticos² com a imposição da língua portuguesa pelo colonizador.

Segundo Lucchesi (2012, p.48),

A colonização massiva do continente americano por parte de povos europeus, a partir do século XVI, na maioria das vezes acompanhada do extermínio das populações autóctones, teve como consequência um fato linguístico notável, mas que hoje passa despercebido em função de sua naturalização: a larga maioria dos habitantes da América fala atualmente uma língua de origem europeia, ao invés de uma língua autóctone americana.

No caso do Brasil, quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, aqui já habitavam aproximadamente 4.277.547 indígenas (DENEVAN, 1976, p.230), um número imensamente maior que o número dos colonos portugueses. Esses milhões de indígenas falavam aproximadamente 300 línguas distintas, das quais cerca de 140 já foram extintas (CASTILHO, 2010, p.177).

Um dos motivos do desaparecimento de algumas línguas dos povos autóctones foi o processo de lusitanização no Brasil, o qual “se deu a partir de oito focos irradiadores, quase todos eles localizados no litoral brasileiro” (CASTILHO, 2010, p.174). As cidades de São Vicente, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Olinda, Recife, São Luís e Belém foram as primeiras a serem dominadas pelo colonizador europeu, não apenas pelo viés político, mas também pelo cultural, religioso e linguístico.

Sobre a importância da dominação linguística por parte do colonizador português, Mariani (2003, p.75) faz as seguintes considerações:

Na ótica do colonizador português, essas três instituições nucleares do aparelho de Estado - religião, realeza e direito - simbolizam um estágio avançado de civilização que têm como base uma única língua nacional gramatizada e escrita. Desse ponto de vista, a língua portuguesa é também uma instituição que faz parte do funcionamento social geral da nação ao mesmo tempo em que dá legitimação escrita às outras instituições do reino. Os habitantes da terra brasileira e suas línguas, portanto, não são civilizados porque a eles se atribui a falta do que os portugueses possuem e veem como essencial à civilização.

Na contramão do colonizador português estavam os jesuítas que, embora dominassem a língua portuguesa, utilizavam a língua geral, isto é, o tupi missionário “fabricado” pelos próprios jesuítas (CÂMARA JR. apud CASTILHO, 2010, p.179), na comunicação com os indígenas, pois tinham o objetivo de convertê-los ao cristianismo

² De acordo com Câmara Júnior (1977, p. 42), substrato é o nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ele se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política.

e, desta forma, poderiam alcançar seus objetivos mais rapidamente. A respeito da língua geral, Lobo (2015, p.75) faz a seguinte definição:

[...] a expressão língua geral é polissêmica, sendo empregada: a) para designar a língua falada pelos tupis na costa, o que se convencionou chamar, no rastro de Serafim da Silva Neto (1950/1986), de língua geral da costa; b) para designar a língua indígena codificada gramaticalmente pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII; c) para designar um possível pidgin ou crioulo formado a partir do contato entre portugueses e índios falantes de línguas diversas ou mesmo falado anteriormente à chegada dos portugueses e d) finalmente, apenas para designar duas línguas de origem indígena — a primeira, de base tupiniquim, falada de início em São Paulo, no século XVI, e — posteriormente, levada pelas Bandeiras — em Minas Gerais, no sul de Goiás, no Mato Grosso e no Norte do Paraná; a segunda, de base tupinambá, falada de início no Pará e no Maranhão, no século XVII, e, posteriormente, na Amazônia, acompanhando a expansão portuguesa na área.

Percebemos, assim, que o processo de lusitanização, em seu primeiro estágio, não contemplou o domínio linguístico do português, de modo que a língua geral passou a ser utilizada, em muitas ocasiões, pelos próprios portugueses, como no processo de catequização pelos jesuítas e no processo de conquista territorial pelos bandeirantes, por exemplo.

Embora o domínio linguístico tivesse sido mais lento, por conta do uso da língua geral, o domínio político continuava “a todo vapor”. Para tanto, a conquista das cidades litorâneas brasileiras fazia-se necessária, para que outras regiões mais centrais pudessem ser dominadas, agora com o auxílio dos nativos recém-conquistados do litoral. A título de exemplo, podemos citar São Paulo e Maranhão, regiões brasileiras de dominação tupi onde predominava o uso da língua geral.

Lucchesi (2009, p.44) afirma que

O largo predomínio da língua geral em São Paulo perdeu até o início do século XVIII, quando o advento do ciclo da mineração alterou esse estado de coisas. Situação semelhante se observou também no Maranhão, para onde, entre 1560 e 1580, afluíram os tupinambás afugentados das demais regiões do litoral brasileiro, espalhando-se desde a Serra de Ibiapaba até as regiões banhadas por afluentes do Rio Amazonas.

Embora os bandeirantes, colonos portugueses responsáveis pela expansão do território colonial, tenham obtido êxito nas conquistas territoriais na região central do país, o domínio político e linguístico foi mais significativo no litoral. Os tupinambás e os tupi-guaranis, por exemplo, foram populações indígenas que habitavam no litoral e tiveram suas respectivas línguas extintas, pois o processo de lusitanização se iniciou nesta região. Alguns povos que vivem no interior da floresta amazônica ainda

conservam suas línguas até os dias atuais, como o *nheengatu*³, por exemplo. Portanto, a conservação de algumas línguas indígenas em detrimento de outras está diretamente relacionada à intensidade do processo de lusitanização, ou seja, ao processo de imposição da língua e cultura portuguesa, nos diferentes espaços do território brasileiro.

Diante do exposto, podemos afirmar que os bandeirantes e os jesuítas não só entendiam parte do léxico usado pelos nativos, como também foram eles que começaram a implementá-lo na então língua vernacular.

Segundo Lobo (2015, p.78),

Na segunda metade do século XVIII, porém, a língua geral entra em decadência. Várias razões contribuem para isso, entre as quais a chegada de numerosos imigrantes portugueses seduzidos pela descoberta das minas de ouro e diamantes e o Diretório criado pelo marquês de Pombal em 3 de maio de 1757, cujas decisões, aplicadas primeiro ao Pará e ao Maranhão, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Por elas proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o da língua portuguesa. A expulsão dos jesuítas em 1759, afastava da colônia os principais protetores da língua geral. Cinquenta anos mais tarde, o português eliminaria definitivamente esta última como língua comum, restando dela apenas um certo número de palavras integradas no vocabulário português local e muitos topônimos.

Outro ponto importante ocorrido durante o processo de lusitanização foi a chegada de cerca de 18 milhões de africanos (CASTILHO, 2010). Este fato intensificou as dificuldades de dominação linguística que os colonizadores tiveram de superar durante o processo de lusitanização, pois circulavam, no território brasileiro, línguas africanas, tais como:

o *nagô* ou *ioruba* (grupo *sudanês*) que teve o seu ponto de irradiação principalmente na Bahia, como atesta o vocabulário regional, e o *quimbundo* (grupo *banto*), em Pernambuco e outros Estados do Norte, no Rio de Janeiro, em São Paulo e Minas Gerais (COUTINHO, 2005, p.324).

No Brasil, a língua portuguesa foi exposta a influências linguísticas africanas. Esse contato linguístico com os africanos também contribuiu para que o Português Brasileiro se configurasse como uma variante do português europeu, conforme afirma Yeda Pessoa de Castro no prefácio de Mendonça (2012, p. 23):

[...] a influência mais profunda das línguas africanas no português brasileiro se processou “na morfologia, na simplificação e redução das flexões de plural

³ Língua desenvolvida a partir do tupinambá, falada ao longo de todo o vale amazônico brasileiro até a fronteira com o Peru, na Colômbia e na Venezuela; língua geral amazônica (HOUAISS, 2009)

e das formas verbais na fala popular”. Além desse tipo de influência que ele chama de “vertical”, considerando-a “mais profunda que a do tupi”, reconhece ainda uma influência “horizontal”, a da contribuição ao léxico, nas suas palavras, “menos extensa que a do tupi, mas igualmente significativa para o enriquecimento da língua portuguesa.

Destacamos que o elemento africano deixou marcas no português brasileiro e essas influências foram mais profundas na morfologia, embora os africanos também tenham contribuído no enriquecimento do léxico. Destacamos, ainda, que o elemento africano, não na mesma proporção que o elemento indígena, dificultou o projeto de domínio linguístico português, conforme afirma Garcia (2007, p.26):

Além dos idiomas indígenas, nesta época também vigoravam línguas africanas, amplamente usadas pelos escravos e seus descendentes. Apesar de não terem sido tão intensamente utilizadas como as línguas gerais indígenas e, tampouco, objeto de uma política específica de extinção neste período, as línguas africanas também significavam entraves ao projeto de exclusividade do português.

Embora os africanos representassem um obstáculo no processo de dominação linguística, eles contribuíram significativamente na construção do léxico do português brasileiro⁴.

Ademais, era desejo da Coroa Portuguesa estabelecer domínio político e linguístico, nas colônias conquistadas por ela. No Brasil, por exemplo, políticas de imposição linguística foram estabelecidas ao longo do período colonial, como a imposta por Marquês de Pombal. Dessa forma, tornava-se mais difícil a coexistência de várias línguas no território brasileiro, contribuindo, assim, para a implantação mais efetiva da língua portuguesa, conforme afirmam Silva-Reis e Bagno (2018, p.15-16).

Em meados do século XVIII, a Coroa portuguesa tentou instituir uma nova política linguística na região. Por meio de um documento que passou à história com o nome de Diretório dos Índios (1757), o primeiro-ministro português, Marquês de Pombal, decretava a obrigatoriedade de que somente a língua portuguesa deveria ser empregada como veículo de ensino e aprendizagem, com a conseqüente proibição do uso da língua geral (ou de qualquer outra língua indígena) na educação. Essa política acompanhava a expulsão dos jesuítas tanto de Portugal quanto de suas colônias,

⁴ Algumas dessas contribuições, de procedência africana, que passaram ao léxico do português brasileiro, segundo Coutinho (2005), foram: a) nomes de lugares: *Bangu, Benguela, cacimba, Caxambu, Guandu, murundu, quilombo*; b) nomes de divindades, práticas rituais, credences: *Exu, lemanjá, Ogum, Oxum, Orixá, xangô, babalaô, babalorixá, quimbombo, candomblé, macumba, mandinga, muamba, zumbi*; c) danças, instrumentos musicais: *batuque, jongo, lundu, maracatu, samba, banza, agogô, berimbau, canzá, marimba, urucungo*; bebidas, iguarias: *acará, acarajé, angu, mugunzá, quibebe, quitute, vatapá, cachaça*; d) animais: *caxinguelê, camundongo, gongolo, maribondo*; e) plantas: *mutamba, mulungu, dendê, diamba, inhame, chuchu, jiló, maxixe, quiabo*; f) outros termos: *bagunça, banguela, beleléu, búzio, cachimbo, caçula, cafua, cafuné, carimbo, dengue, encafifar, fubá, lengalenga, maracutaia, milonga, molambo, moleque, muxoxo, quizília, senzala, xingar, zonzo*.

considerados demasiado influentes e representantes de uma ideologia que se opunha às teses do Iluminismo vigente na Europa de então.

Embora as políticas de aculturação e imposição linguística estabelecidas pela coroa portuguesa tenham surtido o efeito esperado a longo prazo, não foram suficientes para impedirem que suas línguas indígenas e africanas influenciassem o português brasileiro.

Em séculos posteriores, mais precisamente nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes de outros países, principalmente europeus, vieram para o Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho. Esta nova política de incentivo à imigração foi motivada pela necessidade de mão de obra, haja vista o fim da escravidão e por uma atitude racista de embranquecimento da população, como afirmam Souza e Barbosa (2019, p.5):

O imigrante branco era o ingrediente perfeito, pois resolveria uma suposta escassez de mão de obra e seria responsável pelo isolamento e eliminação da raça negra considerada tão inferior, atrasada e prejudicial ao progresso. Nesse sentido, as teses eugenistas importadas da Europa foram bem aproveitadas pela classe branca dominante na cena brasileira da época. O racismo científico serviu como tese que fundamentou a política de embranquecimento da população, visto que seus precursores, não demoraram em associá-lo ao desenvolvimento do país, e o atraso à população negra.

Essa atitude de adicionar um novo elemento racial à miscigenação da população brasileira impactou na estrutura linguística do recém-formado Português Brasileiro, a exemplo da região Sul do Brasil, destino do imigrante europeu devido ao cultivo do café na região. As modificações linguísticas advindas da imigração europeia colaboraram com a variação linguística regional no Brasil, por exemplo, diferenciando a fala da região sul das demais regiões do país.

Destacamos que outros acontecimentos históricos⁵ e sociais também ocasionaram alterações significativas na língua portuguesa falada no Brasil, sobretudo no acervo lexical, já que este é responsável por nomear a realidade ao nosso redor e, portanto, constitui a parte da língua mais sensível a mudanças.

⁵ A título de exemplificação, os conflitos sociais que ocorreram no período regencial, durante o Brasil Império, proporcionaram a formação de itens neológicos capazes de nomear esses conflitos. O nome **Balaçada**, por exemplo, é um item lexical advindo de uma revolta social que ocorreu nos estados do Maranhão e Piauí e ganhou esse nome por ter sido liderada por pessoas que trabalhavam na confecção de balaios e cestos. Outra revolta social ocorrida na Bahia e liderada por Francisco Sabino foi denominada de **Sabinada**. Podemos perceber claramente que o sobrenome do líder dessa revolta foi utilizado na formação da palavra Sabinada.

Portanto, diante desse breve apanhado histórico da criação do Português Brasileiro, podemos constatar que a incorporação de termos procedentes de outras línguas é um processo inerente às línguas naturais e que acontece devido ao contato linguístico que os povos vão estabelecendo no decorrer do tempo.

2.2 O avanço tecnológico e o enriquecimento lexical do Português Brasileiro

No final do século passado e, sobretudo, no século atual, as transformações sociais motivadas pelo avanço tecnológico estão proporcionando um enriquecimento lexical à língua portuguesa de forma significativa, principalmente de palavras provenientes da língua inglesa.

No final da década de 1990, o deputado Aldo Rebelo, com seu Projeto de Lei nº 1676/1999, provocou um intenso debate, ao querer proteger a língua portuguesa de estrangeirismos (leiam-se os de origem inglesa). Para ele e para alguns professores, escritores, jornalistas e gramáticos partidários do purismo da língua, o uso de estrangeirismos constitui uma violação à língua portuguesa, símbolo da identidade nacional. Porém, o português, como qualquer língua viva, tem uma história de contato com centenas de outras línguas, contato este que contribuiu para a constituição de seu patrimônio lexical.

Embora tenhamos ressaltado que políticas de imposição linguística obtiveram sucesso no período colonial, não podemos esperar que este mesmo sucesso seja obtido nos dias atuais, momento marcado pela “desfronteirização” mundial pós advento da internet. Atualmente, a realidade vivenciada em uma determinada comunidade de fala⁶ pode ser facilmente transmitida para outra comunidade e, juntamente com a transmissão da realidade, ocorre a transmissão da codificação linguística que a nomeia.

A respeito desta realidade, Vanin (2009, p.149) diz que

[...] as comunidades de fala podem ser constituídas de membros de uma profissão com um jargão especializado, grupos sociais distintos, como alunos de Ensino Médio ou admiradores de determinado grupo – como os adeptos ao movimento punk, por exemplo, ou os moradores de uma favela – ou até mesmo grupos menores, como os de famílias e de amigos. Assim sendo, até mesmo comunidades on-line podem representar uma comunidade de fala.

⁶ Para Labov (1972, p. 120-121), a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso.

Consoante a esta associação entre realidade e formação de itens lexicais, Silva (1998, p. 118) faz as seguintes considerações:

O conhecimento de que o indivíduo dispõe resulta da transformação da realidade percebida em codificação linguística a ser rotulada em forma de palavra-lexema, unidades abstratas armazenadas na memória semântica, onde ficarão aguardando nova descodificação com propósito comunicativo.

Esta codificação linguística da realidade, de acordo com Biderman (2001, p.13), pode ser entendida como “a geração do léxico que se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. A título de exemplificação, podemos citar as inovações tecnológicas digitais que injetam no Português Brasileiro uma série de itens lexicais exógenos, pois grande parte dos insumos tecnológicos foram originados em países que possuem outros sistemas linguísticos.

Esse fato não é suficiente para justificar as importações linguísticas, haja vista que outras línguas atribuem nomenclaturas de seu próprio sistema linguístico às inovações tecnológicas importadas. A língua espanhola é um exemplo dessas línguas, conforme podemos comprovar a seguir:

La Real Academia Española es una institución conservadora que, desde su fundación, hace más de 300 años lucha para mantener la pureza de la lengua (Mora 2013: 19) y por eso prefiere siempre que se pueda adaptar los extranjerismos. En cuanto al tratamiento de los extranjerismos, la RAE insiste en que “su incorporación responda en lo posible a nuevas necesidades expresivas y, sobre todo, que se haga de forma ordenada y unitaria, acomodándolos al máximo a los rasgos gráficos y morfológicos propios del español.” (CRETU, 2018, p.170)⁷

No caso do Brasil, percebemos a fácil aceitabilidade dos falantes, ao incorporarem muitas palavras estrangeiras à língua portuguesa. Em relação às palavras estrangeiras provenientes do inglês, acreditamos que o brasileiro adota, frequentemente, termos originários dessa língua, na expectativa de apresentar sofisticação em seus discursos. Segundo Justina (2006), para o brasileiro, ser atualizado e moderno, é usar os mesmos termos que o país de referência usa. Por

⁷ A Real Academia Espanhola é uma instituição conservadora que, desde a sua fundação, lutou durante mais de 300 anos para manter a pureza da língua (Mora 2013: 19) e por isso prefere sempre que as palavras estrangeiras possam ser adaptadas. No que se refere ao tratamento das palavras estrangeiras, a RAE insiste que “a sua incorporação responde tanto quanto possível às novas necessidades expressivas e, sobretudo, que se faça de forma ordenada e unitária, acomodando-as tanto quanto possível ao gráfico e morfológico características do espanhol. ”

esse motivo, além de ocorrer intensamente o empréstimo linguístico, muitos desses termos não passam pelo processo de aportuguesamento, pois tal atitude poderia diminuir a elegância das unidades lexicais inglesas.

Os anglicismos não são apenas frutos da era digital, pois estão presentes em diversos contextos do cotidiano brasileiro, por meio de várias marcas de carro, roupas, produtos industrializados, eletrodomésticos, músicas, estabelecimentos comerciais, lanchonetes etc. “Por um lado, há os termos da tecnologia e da pesquisa avançada, desenvolvida e registrada quase hegemonicamente nessa língua. Do outro lado, há o universo do consumo e dos negócios” (GARCEZ; ZILLES, 2004, p.22).

A internet, com suas redes sociais, propicia ainda mais a inserção desse elemento léxico exógeno no Português Brasileiro. Tal fato pode ser justificado pela situação de prestígio que o inglês exerce em outras línguas, por advir de sociedades mais desenvolvidas que o Brasil, economicamente, como é o caso dos Estados Unidos e da Inglaterra. Consoante a isso, Garcez e Zilles (2004, p. 23) declaram que:

Em uma sociedade como a brasileira, na qual é imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e na qual a classe social consumidora sofre de grande insegurança social e se mira em modelo externo de consumo, norte-americano ou europeu, não surpreende que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não-consumidora.

Biderman (2001) ressalta que a aceitabilidade de estrangeirismos na língua é fruto da integração entre povos e esse processo ficou mais acentuado com o uso das tecnologias digitais. Isto porque,

No mundo contemporâneo sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e de telecomunicações. (BIDERMAN, 2001, p.15)

No atual momento, por exemplo, vivenciamos a pandemia do COVID-19 e, ouvimos da mídia, dos jornalistas, das autoridades políticas e científicas o termo *lockdown*, ao se referirem ao isolamento social compulsório. A repercussão midiática desse estrangeirismo está influenciando seu uso por grande parte dos falantes de língua portuguesa, os quais, de forma imediata, já fazem uso desse anglicismo em suas realizações linguísticas.

As ciências, as técnicas, os costumes e o mundo, de um modo geral, evoluem rapidamente, havendo, portanto, urgência em nomear as novidades. Isso tem levado, no caso do português, a uma permanente adoção de novos termos de terminologias especializadas das modernas tecnologias de ponta que são compostas de termos não-traduzidos, como por exemplo, *on-line, scanner, breakfast, marketing, carrying, out-bord, outsider, spotman, pointer, business, personal banking, self-service, workshop, layout, links, best-seller, browser, e-mail, manager, network, new-look, newmarket, off-line, sportman, happy-end, happy hour, upgrade, uppercut, up-to-date, check-up, out-door*. Muitos desses termos já foram incorporados ao vocabulário da língua portuguesa. No *Dicionário Aurélio–Século XXI* (FERREIRA, 1999), já se encontram registrados, como empréstimos não-traduzidos, *homepage, off-line, backup, net, link, web, chat, site, e-mail, hacker, html, on-line, network, Internet, interface, login, logoff*, entre inúmeros outros.

Ressaltamos que uma das causas da incorporação de anglicismos no léxico do Português Brasileiro se deve ao fato de a língua inglesa ser dominante na internet desde seu surgimento, conforme afirmam Carvalho e Kramer (2013, p.80), ao destacar a tese de David Crystal (2005) a respeito da hegemonia da língua inglesa na internet.

O autor defende a tese de que o inglês tornou-se a língua dominante no mundo, a partir dos anos 1990, exatamente por ser o veículo das novas tecnologias, e seu domínio não pode ser contestado. A revolução da linguagem no século XXI é um tripé, segundo ele, baseado nos dois fatos já expostos (predomínio do inglês/linguagem da internet) e também do desaparecimento das línguas das minorias que não acompanharam o desenvolvimento nem incorporaram mudanças. (CARVALHO e KRAMER, 2013, p. 80)

Ressaltamos, também, que os anglicismos, ao se cristalizarem no Português Brasileiro, não trazem inovações apenas no âmbito lexical. As inovações também são sentidas no âmbito da morfologia e da sintaxe. No nível da morfologia, temos a ressignificação de palavras da nossa língua, como, por exemplo, o termo *baixo*, por meio do processo de derivação, formou uma nova palavra pertencente à classe dos verbos: “*baixar*”. No âmbito da sintaxe, também encontramos inovações trazidas pelo avanço tecnológico, conforme afirmam Carvalho e Kramer, (2013, p. 79)

Os empréstimos, inclusive no templo sagrado da sintaxe, já se fazem sentir. Há uma tipologia de frase que foge aos modelos da língua portuguesa. “Os donos do *iPad* só precisam baixar o aplicativo da revista”, Acesse o *Android Market* no seu celular”. De acordo com o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, o verbo “acessar” criou um novo sentido, baseado em sua tradução da expressão do inglês *to download*.

Nesse contexto, entendemos que as tecnologias digitais, sobretudo a internet e suas redes sociais, contribuem constantemente para a ampliação lexical do Português Brasileiro e, por que não dizer, para o enriquecimento da língua de um modo geral, acompanhando as mudanças sociais que envolvem os usuários da língua falada no Brasil.

2.3 Processos de inovação lexical no Português Brasileiro

A globalização, processo de integração mundial, tornou-se mais intensa e evidente após o uso da internet em larga escala. A velocidade com que os eventos sociais são disseminados faz as pessoas terem acesso a diferentes informações e fatos que trazem consigo suas respectivas nomenclaturas, enriquecendo, dessa forma, o léxico de uma língua. Sendo assim, o acervo lexical avança na mesma proporção dos acontecimentos sociais para atender às necessidades comunicativas dos falantes.

Essa relação intrínseca entre língua e sociedade tem sido reconhecida por teóricos da linguagem⁸, com abordagens a respeito dessa relação, a partir de seu entendimento do que venha a ser social em se tratando de língua. Desde o surgimento da linguística como campo de estudos científicos, Saussure (2012) já se referia à língua como um fato social “da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p.17). Benveniste (1989, p.18) afirma que “ela [a língua] é mesmo por excelência o índice das mudanças que se operam na sociedade e nesta expressão privilegiada da sociedade que se chama a cultura”.

Nesse sentido, entendemos que a língua existe para atender às necessidades comunicativas da sociedade e que, mais precisamente, o léxico é constantemente modificado para atender a essas necessidades. Nesta esteira, Isquierdo (2001, p.91) reitera que “[...] o estudo de um léxico regional pode fornecer ao estudioso dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”. A título de exemplificação, citamos a expressão “*ariri de festa*”, que é utilizada para se referir a um frequentador assíduo de festas.

⁸ Dentre eles, podemos citar: Benveniste (1989), Labov (2008), Saussure (2012), Tarallo (2007).

Do fraseologismo “*ariri de festa*”, destacamos que o termo “*ariri*” se refere a uma palmeira que, segundo Ramos (2012, p.2),

ornamentava, por exemplo, a então famosa e mais popular festa da cidade de São Luís – a Festa de Nossa Senhora dos Remédios, como se pode observar no folhetim escrito por João Lisboa, ao retratar a Festa dos Remédios de 1851 (LISBOA, 1992).

Azevedo (2008, p. 73) também descreve a festa de Nossa Senhora dos Remédios e menciona a presença dessa palmeira na ornamentação da festa, conforme podemos comprovar neste excerto extraído de “O Mulato”.

Principiou expondo minuciosamente o Largo dos Remédios, com a sua ermida toda branca, seus bancos em derredor; muitos ariris, muita bandeira, muito foguete, muito toque de sino. Descreveu com assombro o luxo exagerado em que se apresentavam todos, todos!

Dessa forma, o acervo lexical de uma língua revela a realidade extralinguística (fatos históricos, políticos, sociais etc) de uma determinada comunidade, “constituindo um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos (lexicais) herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras” (BIDERMAN, 2001, p.14). Sendo assim, o léxico gerado a partir de acontecimentos históricos, políticos, sociais etc., como o exemplo das “diretas-já”, dado por Alves (2004), proporciona o surgimento de outras palavras. Isto posto, as palavras criadas, além de nomear um fato, servem ainda como fornecedoras de “matéria-prima” para formação de novos itens lexicais, como, por exemplo as palavras derivadas.

Da mesma forma, palavras nascem e “morrem” na mesma proporção que fatos sociais aparecem e/ou deixam de existir, porém essa dinamicidade inerente ao léxico não acontece de forma desordenada. Por trás das inovações lexicais, há um processo de formação de palavras que subjaz cada unidade lexical neológica.

Nos últimos vinte anos, aproximadamente, o acervo lexical do Português Brasileiro recebeu uma quantidade significativa de itens neológicos por meio do uso massivo da tecnologia digital. A internet, por exemplo, é uma tecnologia que possibilita um significativo intercâmbio linguístico, pois como as pessoas vivem entrelaçadas entre o mundo on-line versus off-line (BARTON; LEE, 2015), as práticas linguísticas próprias da interação comunicativa face a face também estão presentes nos espaços de interação on-line. Foi a partir desse crescimento no uso da internet e das suas redes sociais que se tornou necessária a criação de um novo campo de estudo da língua, chamado de linguística da internet (SHEPHERD; SALIÉS, 2013), pois, nestes

espaços, o contato linguístico e cultural é intenso, o que ocasiona maior ocorrência de uso de construções de termos neológicos. A respeito dessa relação entre o surgimento de itens lexicais neológicos e sociedade, Alves (2007, p. 87) afirma que

o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralinguístico, constitui **o estudo da evolução da sociedade brasileira**. (grifos nossos)

A partir dessa afirmação de Alves (2007), podemos inferir que a neologia lexical, subárea da lexicologia que estuda a formação e/ou importação de novas palavras à língua, pode servir de base aos estudos da realidade extralinguística, como por exemplo, às pesquisas relacionadas à sociedade.

Para que uma pesquisa sobre uma determinada sociedade que utilize o léxico como subsidiário de conceitos e sentidos tenha o efeito esperado, Matoré (1953, p. 63) propôs a teoria da lexicologia social, a qual recomenda a elaboração de campos nocionais, para descrever a estrutura social de um determinado período por meio do vocabulário, partindo de dois conceitos úteis: palavras-testemunho e palavras-chave.

As palavras-testemunho são as palavras novas que se constituem sinais de uma nova situação social, econômica, estética etc. (MATORÉ, 1953, p.66). São, portanto, elementos importantes à mudança lexical, pois é por meio delas que o acervo lexical de uma língua se organiza e se distribui. Além do mais, a palavra-testemunho é “um símbolo material de um fato espiritual importante, é a concretização de um fato de civilização” (MATORÉ, 1953, p. 65-66). Essas palavras têm um caráter social, pois são o reflexo de um estado da sociedade, servindo para trazer para o linguístico a realidade existente no mundo extralinguístico e, em algumas situações, essas palavras também podem ser neologismos.

As palavras-chave referem-se a uma noção de caráter social que expressa, de maneira sintética, uma determinada época da sociedade. Ou seja, são “unidades lexicológicas que exprimem uma sociedade, consistem em um ser, um sentimento, uma ideia em que a sociedade reconhece como um ideal” (MATORÉ, 1953, p.67). Desse modo, as palavras-chave ocupam os centros dos campos nocionais e, em volta delas, encontram-se as palavras-testemunho.

Romero e Cambraia (2015, p.77) explicam a teoria da lexicologia social proposta por Matoré (1953) da seguinte maneira:

[...] a lexicologia social de Matoré ancorava-se fundamentalmente na inovação lexical: as palavras-testemunho que compunham o campo nocional de uma dada sincronia eram neologismos. Segundo Matoré (1953), um neologismo é uma “[a]cepção nova introduzida no vocabulário de uma língua em uma dada época”. Os neologismos, ainda na sua visão, poderiam se manifestar: (a) por uma palavra nova (neologismo de forma); (b) por uma palavra já empregada, à qual se atribui um sentido novo (neologismo de sentido); e (c) por uma mudança de categoria gramatical.

Essa teoria foi criticada por Cambraia (2013), pois, para ele, Matoré não considera as variáveis extralinguísticas, como sexo, idade, escolaridade, dentre outras, conforme podemos comprovar a seguir:

Pode-se dizer que a lexicologia de Matoré é social (pois considera as transformações no mundo real ao analisar a língua, mais especificamente, o léxico), mas não é sociolinguística (pois não considera as diferenças na sociedade – de gênero, de idade, de classe social, de região, de formação escolar, etc. – ao analisar o léxico). (CAMBRAIA, 2013, p.167).

O léxico de uma língua, por ser uma das estruturas menos sistemática, depende da realidade exterior (CARVALHO, 1989). Tomando como exemplo a palavra *menino*, podemos identificar em sua estrutura duas unidades básicas: *menin-* e *-o*, ambas consideradas unidades significativas mínimas dessa palavra. A primeira unidade é o morfema lexical; a segunda é o morfema gramatical. Na língua, são os morfemas lexicais que estão sempre se renovando. Assim, podemos afirmar que é no acervo lexical que observamos as mudanças da língua, as influências que a língua sofre.

Para Leonardo Bloomfield (1939 apud LORENTE, 2004, p.21), “o estudo do léxico concentrou-se basicamente nos aspectos de formação de palavras, regido, sobretudo, pela noção de morfema”. Nesse ponto, as pesquisas linguísticas evidenciam que há uma lógica no processo de formação de palavras, que é internalizada e inconsciente nas construções neológicas realizadas pelos falantes.

Correia e Almeida (2012, p. 16) afirmam que um dos componentes de uma língua mais afetados pela mudança linguística é o léxico e essa mudança se realiza basicamente em dois níveis: “(i) por um lado, por razões extralinguísticas, algumas unidades caem em desuso, tornando-se **arcaísmos**; (ii) por outro, novas unidades lexicais vão entrando no léxico, os **neologismos**”. Os falantes, de maneira sistemática e desprovida de intencionalidade, são responsáveis por essa dinamicidade e alargamento do sistema linguístico, ao criarem novas palavras.

Os neologismos formados por processos autóctones obedecem às regras da própria língua. Sandmann (1996) menciona os processos de formação de palavras mais comuns, apontando a derivação e a composição como as principais maneiras de criarmos uma nova palavra. Essa nova palavra, assim como outras que formam o acervo lexical de uma língua, é estruturada “por unidades menores que, concatenadas umas às outras, veiculam conteúdos diversos ou apresentam relações variadas entre si” (GONÇALVES, 2019, p. 14).

A área responsável pelo estudo dessas estruturas que formam as palavras é a morfologia que, segundo Basílio (2011, p.12),

[...] é definida tradicionalmente como a parte da gramática que estuda a forma da palavra: o termo morfologia, etimologicamente, corresponde a “estudo da forma”. Do ponto de vista da morfologia, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos.

No sentido de tornar mais clara a afirmação de Basílio (2011), retomamos o exemplo registrado por Alves (2004), que diz respeito ao surgimento da unidade lexical neológica “*diretas-já*”, uma palavra formada pelo processo de composição. Os elementos constitutivos dessa unidade lexical apresentam uma ordem fixa e estão intimamente ligados, não permitindo, assim, qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos linguísticos. Essa unidade lexical é formada por duas bases: *diretas* + *já*, formando assim um composto morfossintático, em que “o nome da direita funciona como um modificador do nome da esquerda que, por seu turno, funciona como núcleo do composto. O elemento da direita encontra-se, então, subordinado ao nome da esquerda” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.55). Essa unidade lexical subsidiou a formação de outros itens lexicais com igual valor reivindicativo, o que indica que esse tipo de construção morfossintática já está internalizado no sistema linguístico. O usuário da língua é capaz de fazer outras construções semelhantes, uma vez que

O caráter reivindicativo expresso pelo neologismo *diretas-já* continua motivando, desde 1984, a formação de outras composições entre um substantivo e o advérbio *já*, que implicam sempre, uma reivindicação, um direito a ser exercido: ‘e, se depois de aprovada a eleição direta para presidente o PDS e os radicais começarem a campanha da *renúncia-já*? (Folha de S. Paulo, 04-05-85: 5, c. 4)’. (ALVES, 2004, p.82)

Convém destacar que a morfologia se apresenta de dois modos: morfologia flexional e morfologia derivacional. Os fundamentos para essas duas concepções de morfologia são um legado do gramático Varrão (apud CÂMARA JÚNIOR, 2009, p.81), o qual estabelecia a distinção entre “*derivatio voluntariae*” e “*derivatio naturalis*”. A *derivatio voluntariae* é um processo que dá origem a novas palavras e tem como mecanismo básico a derivação. Já a *derivatio naturalis* indica modalidades específicas de uma palavra e é um processo imposto pela própria língua, operando com o mecanismo da flexão.

Gonçalves (2019, p. 88) afirma que

A flexão corresponde às diferentes formas de uma palavra. Por exemplo, ‘andando’, ‘andavas andando’ e ‘andaremos’ são consideradas variações do verbo ‘andar’. Nos dicionários, essas quatro formas de palavras não recebem entradas lexicais separadas, sendo previsíveis a partir do verbete ANDAR. O termo andador, por outro lado, não é considerado mera alteração formal de andar, mas palavra distinta, com significado diferente e, como membro de outra categoria morfossintática (é um substantivo) (...). A palavra ‘andador’ constitui produto de derivação, sendo formada através da aplicação de um processo morfológico de afixação: a adjunção do sufixo -dor ao tema do verbo.

Dada a especificidade de nosso objeto de investigação, neste trabalho, tratamos apenas da morfologia derivacional, uma vez que estamos abordando o processo de ampliação do léxico do Português Brasileiro, por meio da criação de novas palavras, a partir dos anglicismos.

Os processos derivacionais são bastante produtivos na língua portuguesa e apresentam afixos específicos, utilizados para formar substantivos, assim como existem afixos específicos para formar adjetivos, verbos, advérbios, entre outras classes de palavras. Essa organização é mencionada por Basílio (1995, p.8) da seguinte forma:

os processos que podemos utilizar para formar palavras novas são sempre descritos através das classes gramaticais, o que implicitamente sugere que usamos afixos com a principal finalidade de formar uma palavra de uma classe a partir de uma palavra de outra classe.

Ainda sobre o processo de derivação, Correia e Almeida (2012, p. 38) comentam que é “aparentemente o processo mais disponível para a construção de palavras, não apenas na língua portuguesa, como nas línguas românicas”. Este fato explica o porquê da presença significativa deste processo nos neologismos.

Sandmann (1996, p.11) apresenta o processo de derivação subdividido em prefixação, sufixação, derivação regressiva, conversão e derivação parassintética,

afirmando que “a prefixação e a sufixação são, devido à sua produtividade, as partes mais importantes da derivação”, pois há um número significativo de palavras em Língua Portuguesa que foram formadas por meio desses mecanismos. O autor aponta que os afixos agregam significados diferentes a palavras que foram oriundas de um mesmo radical, opondo-se, assim, a opiniões de gramáticos como Bechara (2009) e Rocha Lima (1972) que afirmam que os sufixos são vazios de significação:

Aos autores de tais afirmativas eu gostaria de perguntar qual é a diferença entre **-ada** e golpe, em **martelada** ‘golpe de martelo’, entre **-ada** e **pontada**, em **facada** ‘pontada com a faca’, entre **-eira** e **árvore**, em **pereira** ‘árvore que dá pera’ ou entre **-eiro** e homem, em **leiteiro**. Os sufixos não são vazios de significados (veja acima ROCHA LIMA) nem são mais vazios de significado que os prefixos (veja acima BECHARA) e correspondem até semanticamente muitas vezes a lexemas: **violeiro**, uma derivação sufixal correspondente semanticamente ao grupo sintático **tocador de viola** [...] (SANDMANN, 1996, p.30-31)

Do mesmo modo que uma única base pode formar diferentes palavras por meio de diferentes afixos, um único afixo pode agregar o mesmo sentido a diferentes radicais. Sandmann (1996, p.16) exemplifica esta premissa com o emprego do prefixo *auto-* que, segundo o autor, significa “mesmo, próprio”. Ele apresenta um corpus com 20 palavras formadas a partir desse prefixo, as quais pertencem à classe dos verbos, substantivos e adjetivos, por exemplo: “autoadministrar”, “autodefinir-se”, “autodisciplina”, etc. O autor esclarece que o prefixo *auto-* não deve ser confundido com “auto”, abreviação de *automóvel*, pois as palavras formadas por meio deste último, não são oriundas do processo de derivação e, sim, do processo de composição. A título de exemplificação, o autor cita “autopeça”, “autoescola” e “autoestrada”, palavras que apresentam duas formas livres em sua formação.

Basílio (1995) afirma que a palavra pode ser considerada derivada quando apresenta em sua estrutura uma forma livre (base) mais uma forma presa (afixo), “por exemplo, as formas *retratista* (retrato + ista) e [...] *reler* (re + ler) [...] são formas derivadas, pois verificamos a estruturação base + sufixo ou prefixo + base” (BASÍLIO, 1995, p. 26).

Ressaltamos que a derivação por prefixação levantou polêmicas entre os linguistas a respeito de sua classificação. Enquanto alguns linguistas, como Eduardo Carlos Pereira ([1918]1940) e Mattoso Câmara Jr. (1976; 1977) (apud PEREIRA, 2008, p.15) defendem a ideia de que a prefixação pertence ao processo de

composição de palavras, outros defendem que pertence ao processo de derivação, como é o caso de Sandmann (1996), para quem os

prefixos são morfemas derivacionais, isto é, não ocorrem livremente e são usados para formações em série, enquanto um composto tem origem na concatenação de dois morfemas livres: prefixação: **anti-semítico** (**anti-** não ocorre livremente e se presta para formações em série [...]); composição: **mesa-redonda** (**mesa** e **redondo** podem ocorrer livremente dentro da frase) (SANDMANN, 1996, p.13).

Vemos assim que, no processo de composição, as formas que entram na formação de uma unidade lexical devem ser livres, ou seja, devem ser morfemas lexicais, como acontece com o composto “mesa-redonda”.

Bomfim (2002, p.59) afirma que a composição,

Em termos gerais, é o processo pelo qual a formação de palavras se dá pela união de dois ou mais radicais, formando uma nova palavra, por exemplo, amor + perfeito: amor-perfeito. Quando os radicais não são formas livres na língua, o composto é chamado de erudito: democracia, filosofia.

A unidade lexical “amor-perfeito”, exemplo dado pela autora, é um composto formado por duas formas livres que apresentam significado lexical. Também são compostas as unidades lexicais “democracia” e “filosofia”, embora não sejam formadas por formas livres. Daí serem consideradas palavras compostas eruditas.

A autora afirma também que a polêmica envolvendo a prefixação e a composição decorre do fato de o prefixo,

em alguns casos, se configurar até mesmo sozinho na frase, exemplo: “O Vasco sempre é somente vice.” Não se faz necessário o complemento. Por ser tão autônomo, faz-nos pensar em composição e não derivação o caso de “vice-campeão”, “vice-reitor”, “vice-cônsul”. (BOMFIM, 2002, p. 61).

Assim, em relação à derivação e à composição, a autora se posiciona da seguinte forma:

Percebemos então ao fim de nossa pesquisa que a prefixação é um processo que talvez pudesse se enquadrar em ambos os casos de derivação e composição, resguardados seus devidos caracteres, pois há casos que melhor se enquadram como derivação por prefixação (infeliz, desleal, reler, inativo, desfazer, perfurar, desamor, remoçar), e outros que melhor se encaixariam em composição por prefixação, devido à autonomia semântica de suas partes (preconceito, pronome, ultrassom, vice-presidente, antebraço, pós-guerra, contrarrevolução, ex-aluno, extraoficial, hiperácido. (BOMFIM, 2002, p. 62).

Percebemos claramente que a autora vê a prefixação como um processo de formação de palavras que pode pertencer tanto à derivação quanto à composição, enquadrando algumas unidades lexicais na derivação por prefixação (infeliz, desleal,

reler, inativo, desfazer, perfurar, desamor, remoçar) e outras unidades na composição (preconceito, pronome, ultrassom, vice-presidente, antebraço, pós-guerra, contrarrevolução, ex-aluno, extraoficial, hiperácido).

Correia e Almeida (2012, p.36), ao estabelecerem a diferença entre o processo de derivação e o de composição, afirmam que a derivação é governada por regras que permitem, com relativa precisão, determinar a categoria da base e a categoria do derivado, bem como “prever o significado do derivado a partir do significado da regra de construção de palavras, do significado do afixo e do significado da base”. Quanto à composição, os elementos intervenientes nesse processo são portadores de significado lexical e podem pertencer a uma classe maior de palavras como: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio (CORREIA; ALMEIDA, 2012).

Neste trabalho, adotamos a visão de Sandmann (1996) que considera a prefixação como um processo derivacional. Essa visão é corroborada por Correia e Almeida (2012), autoras que também contribuíram para demarcarmos os processos de formação de palavras por derivação e por composição.

Feitas estas considerações sobre a derivação por prefixação e a composição, voltamos o nosso olhar para a derivação por sufixação, processo também disponível no sistema do português para a inovação lexical. Esse processo se realiza com o acréscimo de sufixos à base. O sufixo, “elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical” (ALVES, 2007, p.29). É o que acontece com vários sufixos nominais que se associam a bases verbais para formarem substantivos e adjetivos neológicos, como é o caso do sufixo *-ança* na construção do substantivo **frevança** (frevar + *-ança*).

Para Bechara (2009, p. 338), “o sufixo não tem curso independente na língua (e por isso se chama forma presa) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc) a que pertence”. Exemplo similares foram citados no tópico 2.1 (Contexto histórico) como o nome das revoltas ocorridas no período regencial, **Balaiada** e **Sabinada**, em que as palavras são formadas por uma base acrescida do sufixo *-ada*. Nesse caso, “a palavra que se forma mantém uma relação semântica fixa com a palavra-base” (BASÍLIO, 2011, p.9), ou seja, a unidade lexical “Balaiada” mantém relação semântica com o substantivo “balaio”, do mesmo modo que “Sabinada” com o substantivo “Sabino”.

Dessa maneira, podemos dizer que assim como os prefixos, os sufixos também agregam novos sentidos a um mesmo radical, como por exemplo: a base *pedr-* pode formar outras palavras como: *pedreiro*, *pedraria*, *pedregulho*, *pedrada*, *empedrado*, *apedrejar*.

Assim sendo, para que seja possível a identificação do processo de formação presente em determinada palavra, é necessário observar se ela é constituída por uma base e um afixo ou por duas bases. Isto posto, podemos classificá-las como derivadas ou compostas, respectivamente.

Sandmann (1996, p.81) apresenta, também, a visão de gramáticos brasileiros, como “Bechara (p. 226), Cunha (p.75) e Rocha Lima (p.187)”, a respeito da derivação regressiva que, ao contrário dos processos derivacionais explanados anteriormente neste capítulo, não apresenta acréscimo de afixos, mas sim decréscimo de elemento(s) mórfico(s).

Gonçalves (2019, p. 139-140), por sua vez, reforça que essa noção de decréscimo somente acontece se “considerarmos o infinitivo como base, pois haveria a retirada da marca de infinitivo, o que corresponderia a uma redução, como ‘falar’ → ‘fala’; ‘esperar’ → ‘espera’”.

Nessa mesma esteira, Basílio (1995, p. 39) diz que, se analisarmos outros casos como “abalar → abalo; alcançar → alcance [...] e considerarmos que esses casos são derivação regressiva, pelo menos teremos que considerar que se trata de um caso misto, pois também ocorre o acréscimo de vogais”. Dessa forma, deparamo-nos com um caso que apresenta ora a supressão, ora a adição de elementos mórficos, no processo de nominalização de um verbo, o que contradiz, algumas vezes, a generalização do termo “regressiva”.

Outro processo autóctone que não envolve o uso de afixos é a conversão. Esse processo é também chamado de derivação imprópria, por se contrapor à ‘derivação própria’, “pois produz uma mudança de categoria ou subcategoria sem sinal formal” (SANDMANN, 1996, p.99). Podemos citar como exemplo o adjetivo “verde” que pode mudar para a classe dos substantivos, se vier acompanhado de um determinante anteposto, conforme os exemplos a seguir:

Ex1: Eu tenho os olhos **verdes**. (adjetivo)

Ex2: O **verde** das matas me encanta. (substantivo)

Por fim, não menos importante, temos mais um processo autóctone de formação de palavras chamado de parassíntese, ou derivação parassintética. Esse

tipo de derivação necessita do emprego simultâneo de prefixo e sufixo, para que a palavra apresente significação, ou seja, trata-se de uma afixação simultânea, conforme afirma Sandmann (1996, p.99):

A prova de que se trata de uma afixação simultânea obtém-se pela prova de exclusão, isto é, tentando, como em **ensombrecer**, por exemplo, omitir o prefixo ou o sufixo. Em ambos os procedimentos o resultado é uma palavra inexistente: ***sombrecer**, ***ensombra**, do que se conclui que no caso se trata de uma afixação simultânea.

Pelo apresentado neste tópico sobre os processos de formação de palavras autóctones, ou seja, recorrendo a regras da própria língua, podemos afirmar que esses processos revelam inovações lexicais, ao fazerem surgir palavras novas que são construídas, a partir de uma lógica semântica e morfológica que facilita a memorização e o uso adequado de um item lexical, considerando o propósito comunicativo.

2.4 Os empréstimos e os estrangeirismos

Além dos processos autóctones de formação das unidades lexicais, o léxico do português brasileiro pode ser ampliado por meio do procedimento de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira (CARVALHO, 1989, p.24), uma forma de inovação lexical que possibilita a utilização de itens lexicais de outro sistema linguístico para construção de palavras na língua portuguesa: neologismos por empréstimo. Esse processo tem impactado consideravelmente o português brasileiro. Correia e Almeida (2012) se refere a essa forma empréstimo de importação de palavras, apontando a língua inglesa como a maior exportadora de itens lexicais da atualidade, conforme podemos comprovar a seguir:

Atualmente, dado o predomínio da língua inglesa como língua de comunicação internacional (científica, técnica, política), pelo predomínio geoestratégico de países de fala anglo-saxônica, a maioria das demais línguas são importadoras de palavras da língua inglesa. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.69)

O processo de importação de palavras é denominado de estrangeirismo ou empréstimo. Devido à polissemia do termo “empréstimo”, a gramática tradicional portuguesa estabelece a distinção entre os dois termos, como Correia e Almeida (2012, p. 71) explicitam:

'estrangeirismo' denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que 'empréstimo' denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, que foi aportuguesada.

As palavras importadas, independentemente de serem empréstimos ou estrangeirismos, têm uma origem e, de acordo com essa origem, podem ser classificadas como galicismos (do francês), italianismos (do italiano), castelhanismos (do castelhano), dentre outras.

Neste trabalho, tratamos das palavras importadas da língua inglesa, os anglicismos que são encontrados na língua portuguesa na forma de empréstimos e de estrangeirismos. Essas palavras podem ser neológicas, caso não estejam dicionarizadas, ou podem constituir o vocabulário oficial da língua portuguesa, se apresentarem entradas lexicais nos dicionários.

Em relação aos empréstimos linguísticos, podemos dizer que eles se constituem um processo presente em qualquer língua. Isto porque os fatos da língua podem se propagar com base nas mesmas leis que regem os costumes da sociedade, como por exemplo, a moda (SAUSSURE, 2006). Esse processo pode ser explicado pela força de intercurso. Segundo Saussure (2006, p.239),

É ao intercurso que se deve a extensão e a coesão de uma língua. Ele age de duas maneiras: quer negativamente, impedindo o retalhamento dialetal ao sufocar uma inovação no momento em que surge em algum ponto; quer positivamente, favorecendo a unidade ao aceitar e propagar tal inovação.

A força de intercurso obriga que a comunicação entre os homens se realize, favorecendo, dessa forma, a adoção das inovações linguísticas e propagando-as. Isto posto, percebemos que o contato linguístico entre o português brasileiro e outras línguas está permeado pela força do intercurso, considerando que há a tendência à adoção de empréstimos manifestada em nossa língua.

Outrossim, a adoção de estrangeirismos parece facilitar a comunicação, pois os falantes brasileiros que o fazem estão "desobrigados" de criar uma palavra nova, cabendo-lhes a missão de apenas adotar as novas palavras ao português. Nesse sentido, o empréstimo se torna "uma tentativa de reproduzir numa língua os padrões linguísticos já existentes em outra" (CARVALHO, 1989, p.35).

Essa facilidade à adoção de estrangeirismo não acontece em todas as línguas. A língua espanhola, diferente da língua portuguesa, como já mencionamos

anteriormente, busca um referente lexical dentro de seu sistema linguístico que tenha relação com o termo estrangeiro, conforme podemos verificar no quadro a seguir:

Quadro 1: Adaptação de Anglicismos em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola

Língua inglesa	Língua portuguesa	Língua espanhola
Mouse	Mouse	Ratón
Pen drive	Pen-drive	Memoria usb
Handboll	Handebol	Balonmanos
Basketball	Basquetebol	Baloncesto

Fonte: Quadro construído pela autora

Podemos constatar que os anglicismos na língua portuguesa sofrem processos de adoção e de adaptação, o que não acontece na língua espanhola, os quais apresentaram estrutura morfológica distinta, pois foram utilizados itens lexicais dentro de sua própria estrutura linguística. Esse fato pode indicar uma preferência dos usuários da língua portuguesa pelos anglicismos vistos como inovações linguísticas.

Os empréstimos apresentam quatro níveis de adaptação linguística: “fonológico, ortográfico, morfológico e semântico” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 71). No nível fonológico, a adaptação da palavra importada ao léxico da língua portuguesa pode ocorrer pela “substituição de segmentos não existentes na língua de chegada por outros nela existentes, mudança no acento da palavra, perda da distinção em relação à quantidade das vogais” (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p.71).

Na língua portuguesa, a adaptação fonológica ocorre da seguinte forma: se o empréstimo inicia ou termina por consoantes desacompanhadas de vogal,

há o desenvolvimento de um e protético ou paragógico perceptível, mesmo que nunca venha a ser adotado na grafia:
smoking – roupa masculina para ocasiões de gala, nunca foi adaptado na escrita, mas é pronunciado esmoque;
stress – é dito estresse, já estando adaptado graficamente. (CARVALHO, 1989, p.45)

Podemos dizer que, fonologicamente, torna-se difícil comprovar a adaptação de uma unidade lexical, uma vez que os fonemas da língua exportadora – a língua fonte – não se conservam na língua importadora – a língua receptora –, o que não acontece em relação à ortografia e à morfologia. No nível ortográfico, a adaptação da palavra acontece por meio da adoção de uma grafia em consonância com as normas ortográficas da língua portuguesa. No nível morfológico, a adaptação ocorre quando a palavra importada assume um padrão flexional na língua que a recebe.

O Quadro a seguir demonstra exemplos de adaptações de anglicismos à língua portuguesa, nos níveis ortográfico e morfológico, extraídos de Correia e Almeida (2012, p.71-72) e de Santos (2006):

Quadro 2: Adaptação de Anglicismos em Língua Portuguesa

Língua Inglesa	Nível Ortográfico	Nível Morfológico
Stress	Estresse	Estressar (scanner + ar)
Scanner	Escâner	Escanear (scanner + ar)
Shampoo	Xampu	-----
Blackout	Blecaute	Blecautes
Hardware	-----	Hardwares (pl. – acréscimo de -s)
Software	-----	softwares (pl. – acréscimo de -s)
Mouse	-----	Mouses (pl. – acréscimo de -s)

Fonte: Quadro construído pela autora

Fazemos destaque às adaptações das unidades lexicais “hardwares”, “softwares” e “mouses” que recebem o mesmo tratamento dado ao plural das palavras da língua portuguesa: acréscimo do morfema de número –s. As palavras “hardwares” e “softwares” não admitem flexão de número na língua de origem (inglês). A palavra “mouses”, na língua de origem, tem como plural *mice*. Essas palavras são flexionadas como se pertencessem ao português.

Convém destacar que a adaptação morfológica de uma palavra importada pode ocorrer também da seguinte forma, conforme afirmam Correia e Almeida (2012, p.72-73):

- o empréstimo serve de base a um derivado construído em português – exemplos: *zipar*, *estressar*;
- quando se trata de uma palavra construída, o empréstimo pode assumir afixos portugueses em substituição de sufixos oriundos da língua de partida – ex. *pizzeria* > *pizzaria*;
- quando se trata de uma palavra construída, o empréstimo pode ser alvo de uma reestruturação morfológica que, preservando a sua estrutura original, seja conforme à estrutura da língua de acolhimento – ex. *otimidade* em vez de *otimalidade*, adaptação insuficiente de *optimality [theory]* (“modelo linguístico que propõe que as formas observáveis da língua resultam da interação entre restrições em conflito”).

Vemos assim que o empréstimo, ao adentrar o sistema linguístico do português, é adaptado com base na gramática da língua que o recebeu. No caso dos anglicismos, muitos têm sido adaptados da seguinte forma: morfema lexical em inglês seguido de morfema derivacional da língua portuguesa, conforme Quadro a seguir.

Quadro 3: Adaptações Morfológicas de Anglicismos

Morfema Lexical (Inglês)	Morfema Derivacional (Português)	Unidade Lexical Adaptada
Hardware	-ista	Hardwarista
Clic	-ar	Clicar
Link	-ar	Linkar
Twitter	-eiro -ar	Twiteiro Twitar
Facebook	-ear	Facebokear
Blog	-eiro	Blogueiro
Shipp	-ar	Shippar
Work	-ar	Workar
Star	-ar	Startar
Stalk	-ear	Stalkear

Fonte: Quadro construído pela autora

No nível semântico, os empréstimos também podem sofrer adaptação em diferentes níveis, segundo Correia e Almeida (2012, p.72), dentre os quais estamos destacando apenas três níveis, considerando nosso objeto de estudo. No primeiro nível, o empréstimo apresenta um dos significados da língua-fonte. No segundo nível, a palavra importada pode exibir “além de um dos significados que tinha na língua de partida, outros significados já adquiridos na língua de chegada. No terceiro nível de adaptação semântica, o empréstimo pode apresentar significado diverso do que apresenta na língua-fonte.

Apresentamos a seguir um Quadro contendo exemplos de empréstimos adaptados no nível semântico.

Quadro 4: Adaptações de Anglicismos no Nível Semântico

Níveis de Adaptação	Anglicismos	Significado na língua de origem	Significado no português brasileiro
Nível 1	Net	Internet; rede	Internet, rede
	Shape	Forma (em geral)	Forma física, moldura
	Light	Luz, claro, leve	Leve, suave
Nível 2	Beef	Carne, corte da carne	Um corte da carne
	Crush	Esmagamento, paixão súbita	Paixão súbita, paixão desenfreada
	Drink	Beber (verbo), bebida	Bebida

Nível 3	Smoking	Fumar (verbo)	Peça de roupa masculina
	Outdoor	Do lado de fora	Anúncio em forma de cartaz
	Show	Mostrar (verbo)	Apresentação artística/ Apresentações diversas que chamem a atenção de qualquer público

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Vemos assim que os empréstimos linguísticos e, no caso aqui tratado, os anglicismos, são acolhidos no Português Brasileiro resultantes do desenvolvimento científico e tecnológico e podem expandir o léxico da língua, À medida que se cristalizam nas interações comunicativas dos usuários da língua.

O advento da internet possibilitou e facilitou a ocorrência dessas importações linguísticas, pois o contato entre diferentes povos intensificou a livre circulação de várias línguas nos espaços da web. A internet e suas redes sociais facilitam o intercâmbio linguístico e cultural, ocasionando um crescente surgimento de neologismos por estrangeirismos e por empréstimos.

Destacamos que os anglicismos presentes no léxico do português brasileiro não são frutos apenas da era digital. Eles estão presentes em diversos contextos do cotidiano do brasileiro, através de várias marcas de carro, roupas, produtos industrializados, eletrodomésticos, músicas, estabelecimentos comerciais, lanchonetes etc. Contudo, a internet, com suas redes sociais, tem ampliado ainda mais a inserção de elementos léxicos exógenos no português brasileiro, como é o caso dos anglicismos.

Creemos que o brasileiro adota, frequentemente, os anglicismos, na expectativa de apresentar sofisticação em seus discursos. Acreditamos até que, se os anglicismos fossem substituídos por vocábulos em português, seriam rejeitados pelos usuários. Basta lembrar que já houve, na história da língua portuguesa, empréstimos que foram adaptados, mas não foram assimilados pelo falante. Foi o caso dos seguintes termos, segundo Carvalho (1989, p. 49): *ludopédio* para substituir *futebol*; *lucívelo* em lugar de *abajur*; *ludâmbulo* para substituir *turista*; *preconício* em lugar de *reclame*; *convescote* para substituir *piquenique*.

A falta de preocupação por parte do falante brasileiro com o purismo da língua somada ao prestígio que a língua inglesa goza na sociedade brasileira podem ser os fatores que propiciam a entrada de anglicismos em nossa língua.

3 A ESCRITA DIGITAL E OS ESPAÇOS DE INOVAÇÃO LEXICAL NA WEB 2.0

Como vimos no decorrer do capítulo anterior, o processo de inovação lexical no Português Brasileiro acontece desde sua concepção, assim como em todas as línguas naturais. Verificamos, também, que se trata de um processo contínuo, motivado pelos acontecimentos sociais.

Essas inovações linguísticas acontecem para atender às necessidades comunicativas dos usuários da língua. Isto porque, segundo Barton e Lee (2015, p.91),

vivemos num mundo cada vez mais móvel, tanto física quanto virtualmente. Fluxos de pessoas, conhecimentos, ideias e objetos estão todos em aceleração, levando a novas interações entre as pessoas e as novas formas de aprendizagem online e offline. A língua se torna um importante veículo, que pode sustentar, dirigir, impedir e canalizar esses fluxos.

Nesse contexto, a linguagem passa a ter “um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. [...] Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças”. (BARTON e LEE, 2015, p. 13), impactando o processo de comunicação. Dessa forma, as práticas de escrita, embora sejam mais estáveis que a fala, também estão em processo de adaptação à realidade do mundo digital.

Assim, considerando a relação entre língua e o mundo digital, abordamos, neste Capítulo, os aspectos gerais da Web 2.0 e suas redes sociais como espaços de escrita, os quais permitem “aos usuários criar e publicar seu próprio conteúdo *online*” (BARTON; LEE, 2015, p.22). Nosso olhar também se volta para a língua/linguagem escrita nesses espaços de comunicação digital, a qual se materializa nos textos digitais, considerados produtos da linguagem, o que, segundo Shepherd e Saliés (2013, p. 8), “[...] implica suspender dicotomias consagradas pela Linguística como fala *versus* escrita, pois o meio as implodiu, e estudar as propriedades típicas da linguagem na internet, assim como seus propósitos e efeitos”.

Fiorin (2008, p.8) também aborda a suspensão da dicotomia fala *versus* escrita nos espaços on-line, fazendo a seguinte afirmação: “os gêneros da internet caracterizam-se exatamente pelo fato de serem textos escritos marcados pela

oralidade e pela informalidade. Estão entre o oral e o escrito e é essa característica que determina muito de seu estilo”.

Para compreendermos melhor a escrita digital, tecemos, no tópico 3.1, considerações sobre a Web 2.0 e as redes sociais como espaços da escrita digital.

3.1 A Web 2.0 e as redes sociais como espaços da escrita digital

A vivência das diferentes gerações no mundo on-line aumentou consideravelmente nos últimos anos. Esse fato vem confirmar o impacto e as constantes mudanças que o uso da linguagem on-line têm exercido na vida de todos nós. Com o surgimento da Web 2.0, os usuários do ciberespaço passaram a criar e o publicar o próprio conteúdo on-line. Isto porque esse ambiente virtual se tornou uma rede social de participação e colaboração nas comunidades de usuários.

A Web 2.0 designa, segundo O’Reilly (2005, p.266), uma

plataforma online dinâmica que possibilita a interação e a participação de diferentes atores no ambiente digital com o objetivo de criar e compartilhar informações. [...] uma evolução que permite a utilização efetiva de todo o potencial disponível na web. [...] não possui fronteiras rígidas, sendo que diferentes sites e ferramentas atingem determinados indicadores de interatividade em variados aspectos e intensidades.

Essa plataforma on-line tem como regra fundamental o aproveitamento da inteligência coletiva, entendida como “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LEVY, 2011, p.28). Ela se baseia no desenvolvimento de uma rede de informação em que cada usuário, além de usufruir dos dados da rede, pode contribuir com conteúdos gerados pelos usuários, como é o caso da Wikipédia e de outras enciclopédias e dicionários on-line.

A Web 2.0 disponibiliza diferentes ferramentas, dentre elas estão as redes sociais (Wikipédia, Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, dentre outras). Essas redes sociais possuem milhões de usuários ativos que utilizam os espaços de escrita como forma de comunicação. Embora esses espaços permitam postagens de textos não-verbais, a escrita se mostra preponderante, pois “muitas dessas mensagens curtas, como as atualizações de *status* no *Facebook*, são escritas na forma de narrativas curtas que atendem a uma ampla gama de funções discursivas”. (BARTON

e LEE, 2015, p. 100). Dessa forma, a escrita ocupa papel central nesses espaços de interação social

O último relatório feito pela *Digital in 2019*, do site *We are Social* levantou a quantidade de usuários das redes sociais mais utilizadas em 2019⁹.

Quadro 5: Redes Sociais com maior número de usuários

Rede social	Usuários ativos *em milhões
1. Facebook	2,271
2. YouTube	1,900
3. WhatsApp	1,500
4. Facebook Messenger	1,300
5. WBXIN/WeChat	1,083
6. Instagram	1,000
7. QQ	803
8. Qzone	531
9. DOUYIN/TikTok	500
10. Sina Weibo	446
11. Reddit	330
12. Twitter	326
13. Douban	320
14. LinkedIn	303
15. Baidu Tieba	300
16. Skype	300
17. Snapchat	287
18. Viber	260
19. Pinterest	250
20. Line	194

Fonte: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>

De acordo com esse relatório, podemos constatar que as redes sociais fazem parte da vida cotidiana de milhões de pessoas, sendo a escrita um dos elementos mediadores da comunicação digital, pois as ações das pessoas em quase todas as áreas são mediadas pelos textos e “cada vez mais, as novas tecnologias são o veículo dessa mediação textual” (BARTON e LEE, 2015, p. 30). Esta afirmação está em total consonância com o atual momento em que vivenciamos o distanciamento social

⁹ Considerando que os dados são de 2019, é bem possível que esse quantitativo tenha mudado nos últimos dois anos.

devido à pandemia do covid-19, pois as relações de trabalho, estudo e até mesmo as relações sociais passaram a ser mediadas pela internet com mais frequência.

Nesse contexto, as

redes sociais, tais como o Facebook, Orkut e Twitter, oferecem novas possibilidades para nos aproximarmos de nossos alunos. Elas têm servido como espaço para facilitar as relações pessoais e o fluxo de informações entre redes de interesses comuns. Amigos de longa data se reencontram nessas redes, que também promovem a oportunidade de formação de novos grupos a partir de gostos similares, conectando pessoas e facilitando a comunicação entre elas através de perfis e fóruns de debate (BRAGA; MARTINS; MENEZES, 2012, p. 223-224)

Neste trabalho, destacamos a rede social *Instagram*, considerando ser a rede social que estamos utilizando como *locus* de nossa pesquisa. De acordo com os dados apresentados no Quadro 5 sobre os usuários ativos das redes sociais, o *Instagram*, ocupa a sexta posição entre as vinte redes mais utilizadas. Uma das justificativas para o sucesso dessa rede social é sua constante atualização e novas possibilidades de comunicação.

Esse espaço de escrita digital foi lançado nos Estados Unidos, em 2010, com um propósito diferente do que vemos hoje. A princípio, essa plataforma, desenvolvida pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, segundo Pizza (2012), consistia em releitura de fotos instantâneas, com o objetivo de “resgatar a nostalgia do instantâneo cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas Polaroids, câmeras fotográficas de filme, cujas fotos revelavam-se no ato do disparo”. (PIZZA, 2012, p.7)

Pizza (2012) também faz referência à dinamicidade dessa rede social que, embora esteja constantemente sendo reformulada, ainda conserva a interação instantânea, por meio de suas interfaces como, por exemplo, os *Stories* e o *Direct*, que são formas de interagir criadas recentemente na rede social. Os *Stories* permitem que os usuários publiquem fotos e vídeos rápidos, que podem ser editados e que só podem ser visualizados por um período curto de tempo, pois saem do ar em 24 horas. O *Direct* é outro recurso do *Instagram* que permite trocar mensagens e fotos de forma privada com seus seguidores. Para Pizza (2012, p.42),

O Instagram é fruto dessa geração dinâmica, que um dia absorveu a informação e no seguinte já a propagou instantaneamente. O fenômeno Instagram não é bicho de sete cabeças ou inusitado, mas

o resultado bem-sucedido de uma possibilidade, que o meio permitiu que se propagasse. O momento atual é dinâmico.

Atualmente, o *Instagram* apresenta diversas formas de interação, tais como as postagens no *Feed*, nos *Stories*, no *Reels*, além da troca de mensagens via *Direct*. A respeito destas possibilidades de interação, Aragão, Farias, Mota e Freitas (2016, p.135) afirmam que

o Instagram é uma mídia social que oferece aos usuários a oportunidade de compartilhar suas vidas através da publicação de imagens e vídeos (BERGSTRÖM; BÄCKMAN, 2013). Segundo notícia veiculada no site G1 (2014), o Instagram atingiu o número de 200 milhões de usuários ativos por mês e 60 milhões de novas imagens postadas a cada dia.

Para melhor caracterizar o *Instagram* como um espaço de escrita on-line, apresentamos imagens de suas páginas, por julgarmos relevantes para a compreensão do lócus de nossa pesquisa. Como essa rede social passa por constantes atualizações de *layout*, entre outras mudanças, esclarecemos que a captura das imagens aconteceu em maio de 2020.

A inscrição no *Instagram* não é algo complicado, principalmente se o usuário já possuir uma conta no *Facebook*. Embora essas redes sociais sejam distintas, pertencem a um mesmo grupo, a um mesmo dono (Mark Zuckerberg). Dessa forma, os usuários do *Facebook* podem entrar no *Instagram* de forma facilitada. Há a possibilidade de fazer parte de apenas uma das redes sociais em questão, logo quem não possui uma conta no *Facebook*, pode apenas se cadastrar, com dados pessoais, no aplicativo da rede social Instagram, e vice-versa.

A Figura 1 mostra como realizar a inscrição no *Instagram*.

Figura 1: Página *Cadastre-se* do *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com>

De forma geral, é muito simples encontrar um usuário dentro da rede da social *Instagram*, pois estes possuem nomes únicos que são iniciados por (@) (arroba) + o nome do usuário, como por exemplo: @albacatarina. Dessa forma o símbolo @ torna o nome do usuário em um link que, quando acionado, abre o perfil do usuário em questão (@albacatarina). Uma vez encontrado o usuário, há duas formas de segui-lo: se a conta dele for pública, basta clicar na opção *Seguir* (um link disponível logo abaixo do nome do perfil), ou seja, o usuário não precisa aceitar a solicitação de amizade nem se tornar seu “amigo” simultaneamente. Logo, não há reciprocidade no que diz respeito ao ato de seguir um usuário. Caso a conta seja privada, ou seja, quando o público geral não tem acesso às postagens – apenas os seguidores –, o dono do perfil precisa aceitar a solicitação *Seguir*, para que o usuário que solicitou o ato de seguir, passe a ter acesso às suas postagens. Diferentemente do *Facebook*, rede social na qual o ato de seguir é recíproco.

Realizado o cadastro no *Instagram*, um *Perfil* (página pertencente ao usuário) é gerado, tornando-se visível na *Página Inicial* e trazendo algumas informações sobre o usuário, tais como: nome, foto de *Perfil*, minibiografia, entre outras informações. Esses elementos constituintes do *Perfil* são possíveis, graças aos vários aplicativos que o *Instagram* comporta, conforme Figura 2.

Figura 2: Página *Perfil* do *Instagram*



Fonte: www.facebook.com.br

Ressaltamos que, dentre os recursos que o *Instagram* oferece, utilizamos as *Postagens*, textos que descrevem a imagem postada. Seleccionamos, então, *Postagens* de *Perfis* de personalidades com ampla visibilidade, para a construção de nosso *corpus*.

Outro elemento constituinte do *Instagram* é a interface de navegação, chamada *Timeline*, espaço destinado à visualização das *Postagens* dos *Perfis* seguidos pelo usuário. Nesse espaço, é possível manter interação comunicativa de várias maneiras, dentre as quais, destacamos os seguintes: comentários nas *Postagens*, comentários nos *Stories*, envio de *Direct*. A Figura 3 demonstra essa interface de navegação no *Instagram*.

Figura 3: Interface *Timeline*



Fonte: www.instagram.com

As características da rede social Instagram descritas neste tópico, assim como o fato de ser a sexta rede social com maior número de usuários no mundo e, por apresentar espaços de escrita que permitem a *produção* de textos por parte dos seus usuários, justificam a escolha dessa rede social como lócus de nossa pesquisa.

3.2 Os gêneros digitais e a inovação lexical na Web 2.0

No tópico 3.1, abordamos a Web 2.0 como um ambiente virtual que abriga as redes sociais, um dos espaços de uso da escrita digital. Os usuários desses espaços procuram estabelecer interação por meio de uma variedade de textos, o que possibilita “a explosão de novos gêneros e protogêneros, germes de futuros gêneros” (BARTON; LEE, 2015, p.30). Isto porque o mundo está cada vez mais mediado pelo texto e a web se transformou em um elemento essencial dessa mediação textual.

Cavalcanti (2010, p.02) reforça que

[...] à medida em que há inserção de tecnologias nas práticas sociais e como mediação da comunicação, pode-se esperar que a materialização dessas práticas/interações seja diferente daquilo gerado sem estes recursos. Essas

materializações podem implicar não somente em gêneros inéditos, modificações em gêneros já existentes, mas também, a mescla de gêneros.

Dessa forma, os gêneros textuais digitais estão ocupando um espaço central na vida cotidiana das pessoas, pois se popularizam e se solidificam em alguns setores. Esses gêneros criam formas comunicativas próprias, híbridas que desafiam as relações entre a oralidade e a escrita, inviabilizando, assim, a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino da língua.

Marcuschi (2002, p. 13) afirma que, nos gêneros textuais digitais, “a comunicação se dá pela linguagem escrita. [...] esta escrita tende a uma certa informalidade e a uma menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo”. O autor apresenta uma listagem de gêneros textuais digitais, considerando apenas a natureza das relações entre os interagentes e os gêneros. O Quadro a seguir compõe esses gêneros.

Quadro 6: Gêneros Textuais Digitais de Participação interativa entre os interagentes

Interagentes conhecidos	Interagentes desconhecidos	Interagentes anônimos	Interagentes irreais
E-mail	Listas de discussão	Bate-papos abertos	MUDs
Bate-papos agendados	Bate-papos abertos	Bate-papos em salas privadas	–
Bate-papos educacionais	Bate-papos reservados	–	–
Aulas virtuais	Endereço eletrônico	=	–
Videoconferência	E-mails	=	–
Endereço eletrônico Listas de discussão	Entrevistas	—	–
Entrevistas	–	–	–

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008, p.206)

Ressaltamos que nem todos os gêneros textuais digitais constam da listagem feita por Marcuschi, considerando as mudanças trazidas pelo desenvolvimento das redes sociais. Este é o caso dos blogs, “um tipo de diário eletrônico, não raro escrito em duplas ou em n-tuplos de participantes que colaboram para construir um texto sempre em evolução” (MARCUSCHI, 2008, p.206)

Embora a maioria dos gêneros textuais digitais sejam marcados pela informalidade, alguns podem apresentar uma linguagem mais formal, como o *e-mail* por exemplo, pois trata-se de um gênero muito utilizado institucionalmente e, nesse caso, a norma culta pode ser preponderante. No entanto, com o advento dos espaços

de interação da Web 2.0, o surgimento de gêneros textuais híbridos¹⁰ aumentou, intensificando, assim, a ocorrência de fenômenos linguísticos, como por exemplo o uso de gírias, de expressões idiomáticas e de estrangeirismos. Isto porque esses gêneros textuais, embora escritos, possibilitam a inserção de elementos visuais e sons, integrando no próprio texto recursos semiológicos diversos como: imagem, fotos, música, voz e a escrita, além do uso de *emoticons*, de *hashtags*, como elementos de construção de sentido dos textos, fato que traz descontração e informalidade ao texto digital.

Lêdo e Peixoto (2009, p.16), fazendo referência aos textos produzidos na web, afirmam que

Os gêneros que se apresentam no ambiente virtual, muitos deles (re)criados a partir de gêneros equivalentes na escrita convencional ou na fala, são chamados gêneros virtuais, digitais ou hipertextuais. Estes possuem características peculiares ou que são simplesmente acentuadas devido ao ambiente dinâmico e interativo em que se situam, embora não exclusivas dele, como a hipertextualidade, a linguagem multimodal e o hibridismo. Esses fenômenos acabam por facilitar e incrementar o desenvolvimento de relações interpessoais na Web, além de introduzir modificações típicas na linguagem utilizada, como é o caso do uso de abreviaturas e emoticons.

Ademais, os gêneros textuais digitais parecem ser mais sucintos, devido a algumas situações como, por exemplo, a limitação que alguns espaços de escrita online oferecem, como é o caso do *Twitter*, que limita o número máximo de caracteres por postagem, limitando, assim, a publicação de textos longos. Por esse motivo, dentre outros, percebemos que a linguagem multimodal é utilizada para fins comunicativos nesses espaços, pois carrega consigo a intenção comunicativa do enunciador de maneira compacta. Um exemplo desse tipo de fenômeno é o gênero textual digital meme que se apresenta em diversos espaços de interação da web como forma de entretenimento. Conforme Massaruto, Do Vale e Alaimo (2017, p. 2),

Na última década, as redes sociais foram invadidas por mensagens nomeadas como Meme e que hoje em dia preenchem boa parte dos conteúdos presentes na web, desde redes sociais como o *facebook* e *instagram* até jornais de grande circulação como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Diante de qualquer notícia de grande impacto, seja nacional ou internacional, a internet borbulha com novos Memes que trazem reflexões e analisam a sociedade.

¹⁰ Gêneros discursivos híbridos podem surgir a partir das Tecnologias da Informação e Comunicação, a exemplo de chats, fóruns, blogs.

Os gêneros textuais digitais possuem função sociocomunicativa bem delimitada e são formas textuais que representam situações sociais, por isso são fecundas no contexto das redes sociais. Em decorrência dessa realidade, esses gêneros são mais objetivos, pois assim podem ser mais facilmente produzidos e compartilhados nos espaços de interação on-line.

Nesse caso, para ampliar a inteligibilidade dos textos contidos nas postagens, o autor faz uso de recursos semiológicos diversos, conforme já referido anteriormente. Dentre esses recursos, fazemos destaque às *hashtags*¹¹ que são etiquetas de marcação para que os usuários possam categorizar e organizar suas postagens, ampliando o seu alcance na rede social.

Silva (2017, p.20) procura conceituar *hashtag* da seguinte forma:

Partindo de uma conceituação mais ampla, apresentamos a hashtag como uma palavra de origem inglesa, composta pela junção dos termos hash (cerquilha - #) e tag (etiqueta), que diz respeito a uma cadeia de caracteres que formam uma unidade ao ser precedida pelo símbolo cerquilha (#)...

Pela estrutura que apresenta, a expressão *hashtag* é um anglicismo que já faz parte da língua que falamos e, conseqüentemente, do léxico do português brasileiro. Isto porque nos textos produzidos nas redes sociais, em especial no *Instagram*, as *hashtags* são elementos de construção de sentido que funcionam como *links* e, conforme afirma Silva (2017, p. 20),

[...] os caracteres que sucedem esse símbolo são de naturezas diversas. Ou seja, a cadeia de caracteres pode formar uma palavra (incluindo siglas e acrônimos), uma expressão, uma sentença e ainda tratar-se de uma composição alfanumérica. Vale ressaltar que, em todos esses casos, a cadeia de caracteres forma um único bloco, no qual não há espaço separando os componentes dessa cadeia.

Nesse sentido, podemos considerar as *hashtags* como uma forma linguística inovadora que, segundo Paveau apud Silva (2017, p.24),

corresponde a um “tecnomorfema” que tem uma natureza composta, pois, além de ser um segmento linguístico (siglas, palavras, expressões ou sentenças), também se trata de um *link*, capaz de ligar elementos na rede de internet.

¹¹ Uma *hashtag* constitui-se em uma etiqueta de “contexto” no Twitter, que aponta de forma específica um termo que não apenas constrói contexto, mas igualmente permite que o tweet seja buscado e recuperado também pela etiqueta. Em geral, é representada pelo sinal “#”. (RECUERO, 2014, p.61)

Podemos então afirmar que as *hashtags*, nas redes sociais, funcionam nos moldes dos morfemas lexicais formadores de palavras compostas, conforme podemos comprovar a seguir.

Figura 4: Hashtag como um tecnomorfema.



Fonte: <https://www.instagram.com>

Na Figura 4, a *hashtag* #*lasveguese* apresenta uma cadeia de caracteres formando um único bloco, precedido do símbolo # (cerquilha). A expressão “lasveguese” faz referência à cidade norte-americana de Las Vegas. A forma como a cidade foi referenciada na *hashtag* lembra uma ação verbal na voz reflexiva: *lasvergar-se*. Podemos afirmar que a *hashtag* #*lasveguese* se constitui um tecnomorfema, construção composta típica da tecnologia digital, uma vez que “possui uma dupla natureza: é um segmento linguístico e funciona como um *hiperlink* capaz de ligar elementos na rede de internet” (SILVA, 2017, p.50).

Considerando a morfologia dessa *hashtag*, podemos dizer que ela é formada por um verbo da 1ª conjugação que se constitui um neologismo, o verbo *lasvergar* seguido do clítico *se*. Essa *hashtag* advém de um meme, gênero textual digital, criado a partir de uma postagem da atriz Bruna Marquezine, na qual a atriz aparece mergulhando em águas cristalinas, em Fernando de Noronha, e usando o termo *Noronhe-se* como legenda, de acordo com a Figura 5.

Figura 5: Criação Neológica inovadora



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=noronhe+se+meme&tbm=>

Em pouco tempo, os usuários das redes sociais passaram a utilizar essa estrutura morfossintática em outros contextos, adequando o termo às suas localidades, conforme a Figura 6.

Figura 6: *Hashtag* com unidades lexicais inovadoras



Fonte: www.instagram.com

Percebemos que a força de intercurso presente na expressão *Noronhe-se* favoreceu a adoção dessa inovação linguística e a propagou, influenciando a criação de tantas outras unidades lexicais, obedecendo a essa mesma estrutura morfossintática. Ao final do texto da Figura 6, encontram-se as seguintes *hashtags* construídas a partir do termo *Noronhe-se*: *#europese* e *#italianese*

Podemos afirmar que os gêneros digitais têm revelado construções lexicais bem criativas, como é o caso da expressão *Noronhe-se* e das *hashtags* *#lasveguese*, *#europese* e *#italianese*. A possibilidade de inovação lexical por meio de *hashtag* acontece por conta da popularização que esse recurso alcança nos gêneros digitais veiculados na Web 2.0, os quais, ao serem amplamente compartilhados nos espaços de escrita on-line, revelam uma diversidade de palavras e expressões, tanto em inglês quanto em português bem criativas.

De acordo com o site Canaltech (2018)¹², site especializado em tecnologia digital, as *hashtags* mais populares do Brasil em 2018, por ordem crescente de uso, foram *#tbt*, *#love*, *#brasil*, *#amor* e *#instagood*. A primeira colocada na lista é uma das *hashtags* mais usadas atualmente, no *Instagram*, o que gera mais engajamento dos interagentes, pois ela funciona quase como uma campanha que “convida” os usuários das redes sociais a compartilharem momentos vividos em fotos ou vídeos. A sigla *#tbt* corresponde a “*Throwback Thursday*” e significa algo como “lembranças de quinta-feira”.

A motivação para o uso de *hashtags* em inglês, possivelmente, consiste no desejo que o usuário da rede social possui em dar visibilidade global para sua postagem, haja vista o caráter universal da língua inglesa. Outros exemplos de *hashtags* muito populares atualmente são: *#bff* (*best friends forever*) *#blacklivesmatter*, *#Fakenews* entre outras. Percebemos, assim, uma possível forma de assimilação de anglicismos por meio do uso de *hashtag* na escrita digital em língua portuguesa.

Outrossim, o texto digital no *Instagram* é um meio pelo qual as pessoas podem apresentar recortes de suas vidas nas postagens lançando mão de várias textualidades para materializar seus discursos por meio de linguagem verbal e não-verbal. Nesse sentido, Ramos e Martins (2018, p.123) afirmam que o *Instagram* se constitui uma textualidade, conforme podemos comprovar a seguir:

Mosaica e paulatinamente, textualidades são produzidas e publicadas nas redes sociais, formando um todo sempre crescente, conectado e contínuo, uma macrotextualidade viva, que, em sua superfície, revela interfaces textuais interligadas em prol de um perfil, ou seja, do delineamento de um sujeito. Tem-se, assim, um sujeito virtual em constante definição, a partir de superfícies (hiper) textuais e, portanto, de discursos. O *Instagram* é, por isso, uma textualidade.

¹² <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-veja-hashtags-mais-citadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018-129075/>

Essa característica é fundamental para compreendermos como as inovações lexicais se constroem e se propagam no *Instagram*. Ademais, é importante considerar que uma das causas do uso de anglicismos nas inovações lexicais deve-se ao fato de a língua inglesa ser dominante na internet desde seu surgimento. Algumas nomenclaturas de insumos tecnológicos e de aplicativos virtuais foram assimilados ao português brasileiro da mesma forma que na língua de origem (como mostramos no capítulo anterior).

Carvalho e Kramer (2013, p. 80), ao destacar a tese de David Crystal (2005) a respeito da hegemonia da língua inglesa na internet, fazem a seguinte afirmação:

O autor defende a tese de que o inglês tornou-se a língua dominante no mundo, a partir dos anos 1990, exatamente por ser o veículo das novas tecnologias, e seu domínio não pode ser contestado. A revolução da linguagem no século XXI é um tripé, segundo ele, baseado nos dois fatos já expostos (predomínio do inglês/linguagem da internet) e também do desaparecimento das línguas das minorias que não acompanharam o desenvolvimento nem incorporaram mudanças.

Em se tratando de anglicismos, ao se cristalizarem no português brasileiro, não trouxeram inovações apenas no âmbito lexical, mas também podemos observar alterações em outros âmbitos da morfologia, como a ressignificação de palavras da nossa língua, para que, assim, conseguissem nomear uma nova realidade extralinguística, como, por exemplo o termo “baixo” que, no português brasileiro pode funcionar como adjetivo e como advérbio. Constatamos que, por meio do processo de derivação, esse termo formou uma nova palavra muito empregada pelos usuários da internet, de um modo geral: o verbo “*baixar*”. É muito comum ouvirmos pessoas dizerem: *Eu já baixei o arquivo da internet*.

Ressaltamos que as inovações provenientes dos empréstimos linguísticos ocorrem até mesmo no âmbito da sintaxe. E no caso das inovações advindas da escrita digital, podemos afirmar que já estão sendo incorporadas à comunicação face a face com naturalidade, pois de acordo com Barton e Lee (2015, p.37), “[...] características linguísticas que costumavam estar confinadas no mundo *online* adentraram contextos *offline*”. Dessa forma, as práticas comunicativas encontram-se entrelaçadas entre o mundo on-line e o mundo off-line.

Ademais, “a influência dessa linguagem é mais evidente em situação informal ou quando o interlocutor a quem a mensagem é dirigida está mais próximo do produtor

do texto” (SOUZA; DEPS, 2012, p. 177). Essa constatação demonstra que a escrita digital não traz influência negativa quanto ao uso da norma-padrão. Em pesquisa realizada por Souza e Deps (2012, p. 177), os resultados foram assim sintetizados pelos autores:

As constatações deste estudo demonstraram que os receios de alguns educadores, no sentido de que a linguagem virtual possa interferir negativamente na linguagem convencional, não têm fundamento; reforça isso também o fato de que os usuários das redes sociais apresentaram melhor desempenho nos fatores de textualidade que devem compor a escrita, em comparação aos não usuários. Possivelmente, isso decorre ao fato de o internauta estar em contato com uma multiplicidade de textos e, no próprio evento comunicativo, ele vai aprendendo a se posicionar. Através do processamento de aprendizagem social, o interagente aprende no próprio fluxo da comunicação verbal.

Destacamos que os usuários das redes sociais se caracterizam por dois tipos de gerações: a dos nativos digitais e a dos imigrantes digitais (PRENSKY, 2001). As pessoas nascidas após os anos 2000 são consideradas nativas digitais por apresentar mais habilidades no manejo dos recursos tecnológicos digitais, o que justifica o porquê de tal denominação. Já os nascidos em um outro contexto, por exemplo, antes da década de 1980, período considerado analógico (PRENSKY, 2001), apresentam uma certa dificuldade em atuar nos espaços da Web, por isso foram denominados de imigrantes digitais. Diferentemente dos nativos digitais,

[...] os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de um manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Atualmente, os mais velhos foram “socializados” de forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. É uma língua aprendida posteriormente na vida, os cientistas nos dizem, vai para uma parte diferente do cérebro. (PRENSKY, 2001, p.2)

Os nativos digitais participam cotidianamente de atividades nos espaços da Web 2.0 e, com muita frequência, podem estar expostos a inovações linguísticas veiculadas pela escrita digital, assim como podem utilizar essas inovações nas interações comunicativas de que participam. O uso de anglicismos configura um dos fenômenos presentes nas redes sociais. Os próprios nomes das formas de interação que o *Instagram* disponibiliza (*Stories, Feed, Reels E Direct*) já trazem para o português brasileiro palavras advindas do inglês. Ademais, as legendas podem utilizar recursos que possibilitam uma maior socialização e expansão do conteúdo postado e

dos fenômenos linguísticos ali presentes, como, por exemplo, as *hashtags* que foram anteriormente comentadas.

A respeito do caráter central que as legendas apresentam na rede social *Instagram*, Pastor e Lemos (2018, p. 20-21) afirmam que “no Instagram, o reforço da sociabilidade vem das legendas (textos simples, *hashtags* e emojis), ampliando o caráter não imagético e comunicacional das práticas fotográficas contemporâneas em rede social”.

Portanto, por se tratar de um espaço de interação com forte presença da linguagem escrita, podemos inferir que os fenômenos presentes na rede social *Instagram* impactam a língua como um todo. Por esta razão, a escrita digital passou a ser objeto de investigação linguística, como é o caso dessa pesquisa.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

No momento em que nosso objeto de estudo foi definido, ou seja, quando tomamos a decisão de estudar o fenômeno da inovação lexical no português brasileiro por meio de anglicismos, tratamos de escolher o caminho a percorrer, visando obter respostas concernentes a nossa inquietação enquanto sujeito pesquisadora.

Neste capítulo, tratamos da fenomenologia como trajetória metodológica, dos procedimentos metodológicos e do tratamento dos dados da pesquisa.

4.1 A Fenomenologia como Trajetória Metodológica

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa que nasce de nossa consciência enquanto pesquisadora, optamos pela Fenomenologia, trajetória metodológica que procura analisar a realidade pesquisada, a partir de uma consciência que se dirige para essa realidade, atribuindo-lhe significados. Na trajetória fenomenológica, os objetos de investigação são intencionados pela consciência de um sujeito percebedor (o pesquisador) que interroga as coisas do mundo. Isto porque pesquisar em Fenomenologia consiste em “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez...” (MARTINS, 1992, p. 24).

O termo *Fenomenologia* advém do processo de composição de palavras, apresentando dois radicais gregos: *phainomenon* e *logos*. O primeiro corresponde a *fenômeno*, isto é, àquilo que aparece por si mesmo; o segundo, ao discurso, ou à predisposição para trazer à luz o ser e o existir do homem (SANTOS, 1997). O filósofo alemão Edmund Husserl foi quem introduziu a Fenomenologia como método de apreensão do real, como reitera Chizotti (1995, p.14-15):

Husserl propõe um caminho que ultrapasse as aparências imediatas das coisas e alcance os *fenômenos*, a essência das coisas na sua manifestação. A ciência das essências repousa na intuição de que “toda consciência é consciência de alguma coisa” e visa um objeto que não é ela e que não pode estar contido nela. Por esta operação, o sujeito se torna consciente desse ato pelo qual dá uma significação ao objeto.

Assim, ao assumirmos a Fenomenologia como método de investigação, despimo-nos de concepções diante do fenômeno que investigamos, pois

entendemos que precisamos “ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos” (CHIZOTTI, 1995, p. 80).

Buscamos, assim, analisar os anglicismos na escrita digital à luz da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 2006), procurando descrevê-los tão precisamente quanto possível, numa linguagem que encarna significações reveladoras do mundo-vida dos sujeitos da pesquisa, considerando que

a experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens; a percepção nos dá um *logos* em estado nascente, que nos ensina, fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade; ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação (MERLEAU-PONTY, 2006, p.63). .

A pesquisa fenomenológica exige que o pesquisador vivencie três momentos os quais garantirão o rigor científico da investigação. O primeiro momento, a **Descrição Fenomenológica**, diz respeito ao olhar do pesquisador para o fenômeno que se revelará como uma estrutura de estruturas. Como sujeito/pesquisadora, buscamos investigar as realizações linguísticas (BAGNO, 2000) produzidas por interagentes da rede social *Instagram*, nossa região de inquérito. Foram capturados textos que apresentam anglicismos que não foram dicionarizados, ou seja, que estão em processos de neologia lexical no português brasileiro, em perfis do Instagram com mais de um milhão de seguidores. Os perfis selecionados foram: @isabeletemoteo, que apresenta a temática da moda como principal conteúdo; @chapolinsincero, que mudou o nome do perfil para @sincerooficial, perfil humorístico que utiliza o gênero textual “Meme” para fins de entretenimento; @jairmessiasbolsonaro, perfil que aborda assuntos políticos.

Com os textos capturados, construímos um *corpus* o qual garantiu “a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo” (BAUER; AARTS, 2002, p.40). Foi desse corpus que retiramos 15 (quinze) textos que analisamos. Esses textos estão sendo considerados as **Descrições** dos sujeitos da pesquisa.

O segundo momento, a **Redução Fenomenológica** ou **Èpoché**, diz respeito ao momento em que o pesquisador coloca entre parênteses o mundo exterior, a fim de se ocupar apenas com as operações realizadas por sua consciência (HUSSERL, 1992). É o momento em que o pesquisador procura suspender

qualquer juízo a respeito do que deseja investigar para poder conhecê-lo, a partir de sua origem, intuindo a sua essência, considerando que as essências possuem as relações vivas da experiência, por isso estão vinculadas à existência (SANTOS, 1997, p.37-38).

No momento da **Redução Fenomenológica**, retomamos a questão norteadora da pesquisa: Como os usuários da rede social Instagram empregam os anglicismos no processo de inovação lexical no português brasileiro?

De posse das Descrições dos sujeitos da pesquisa, colocamos entre parênteses o mundo exterior, a fim de nos ocuparmos apenas com as operações realizadas pela consciência (HUSSERL, 1992). Isolamos as partes de cada Descrição que consideramos significativas para a análise do fenômeno de investigação, as Unidades de Significado, que “apontam para a consciência que o sujeito tem do fenômeno” (MARTINS, 1992, p.60), procurando “ir à coisa mesma” (HUSSERL, 1992), a fim de focalizar, situar o que desejo conhecer” (MARTINS, 1992, p.55) sobre o objeto investigado, realizando a explicitação dessas Descrições, através da Análise Ideográfica, que consistiu na análise individual das 15 (quinze) Descrições selecionadas do *corpus* construído.

O terceiro momento da trajetória fenomenológica é a **Compreensão/interpretação**, momento que nos proporciona a compreensão do objeto estudado. Após a “busca de convergências, divergências e idiosincrasias contidas nestas descrições” (MARTINS, 1992, p. 61), por meio da Análise Nomotética, momento em que as Unidades de Significado confluíram entre si, dando origem às categorias abertas, categorias que não são dadas a priori, procuramos realizar a interpretação dessas categorias, construindo, assim, os resultados da pesquisa.

Essa foi a trajetória que percorremos para o desvelamento do fenômeno de nossa investigação: Os Anglicismos na Escrita Digital e o Processo de Inovação Lexical no Português Brasileiro.

4.2 Procedimentos Metodológicos e Tratamento dos Dados

Durante o processo de definição do nosso objeto de investigação, ou seja, quando definimos o fenômeno linguístico **Os Anglicismos na Escrita Digital e O Processo de Inovação Lexical no Português Brasileiro**, preocupamo-nos em definir a questão norteadora para não perdermos o foco e, assim, não conseguirmos

chegar à compreensão almejada. Nesse aspecto, “a elaboração de proposições ou questões orientadoras da pesquisa são indispensáveis na dinâmica do estudo qualitativo” (BASTOS, 2017, p. 448).

Devido ao perfil qualitativo da pesquisa, não nos preocupamos com questões quantitativas em nenhuma das etapas da nossa trajetória metodológica. Nossa preocupação primeira será com a construção de um corpus de pesquisa, entendido como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme arbitrariedade (inevitável) em torno do qual ele vai trabalhar” (BARTHES, 1971, p.104).

Assim, realizamos um movimento de aproximação de nosso objeto de investigação, procurando construir significados para o referido objeto, no intuito de responder à questão norteadora de nossa pesquisa: *Como os usuários da rede social Instagram empregam os anglicismos no processo de inovação lexical no português brasileiro?*

Para responder a essa questão, optamos por utilizar como locus de pesquisa o *Instagram*, rede social da web descrita no item 4.1 do nosso trabalho. Nesse intuito, como usuária dessa rede social que apresenta espaços de escrita variados, procuramos criar critérios de construção do *corpus* para coleta dos textos. Os critérios foram os seguintes:

1º critério: Os textos capturados dos perfis do Instagram deveriam apresentar anglicismos que não foram dicionarizados no português brasileiro;

2º critério: Os perfis deveriam possuir muitos seguidores, independente de sexo e escolaridade dos usuários;

3º critério: Os textos deveriam tratar de temas que favorecessem o uso de anglicismos.

Definidos os critérios de seleção do corpus, procuramos capturar os textos, utilizando como procedimento a realização de *print screens*, os quais foram arquivados em uma pasta de computador. Foram capturados uma média de 70 (setenta) *prints*, os quais estão compondo o corpus da pesquisa.

Procuramos organizar as postagens resultantes dos *prints* capturados, nos seguintes temas:

MODA: A escolha do tema foi motivada pela constatação da grande quantidade de ocorrência de anglicismo nos posts das *blogueiras* de moda.

ENTRETENIMENTO: A grande quantidade de perfis humorísticos que utilizam o gênero textual meme, tanto para entreter como para tratar de assuntos atuais, proporcionou-nos a observação de uma significativa quantidade de termos da língua inglesa nas postagens deste perfil.

POLÍTICA: Recentemente, o cenário político tem proporcionado a entrada de itens lexicais anglófonos, por meio de fatos que repercutem mundialmente, como, por exemplo, a expressão *Fake News*.

Para tratamento dos dados, adotamos a *Varição Imaginativa*, técnica de pesquisa que, segundo Martins (1992, p.60), “consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência”. É uma técnica apropriada numa pesquisa fenomenológica, pois, por ela, o pesquisador “pode vir a descobrir quais são os constituintes essenciais do fenômeno” (MARTINS; BICUDO, 2003, p. 105). É o momento em que direcionamos nosso olhar para as Descrições selecionadas, iniciando a **Redução Fenomenológica**, na tentativa de nos aproximarmos da estrutura do fenômeno, ao buscarmos captar os sentidos contidos nas referidas Descrições.

Assim, construímos um quadro de análise individual caracterizado da seguinte forma: na primeira coluna, encontram-se as realizações linguísticas dos usuários do *Instagram*, na maneira original em que foram escritas, ou seja, de acordo com os *print screens*. Essas realizações linguísticas são denominadas de Descrição dos sujeitos e estão identificadas com numeral cardinal, em ordem crescente. Na segunda coluna, são destacadas as Unidades de Significado retiradas de cada Descrição e consideradas significativas para o pesquisador somente aquelas em que se encontram os anglicismos. Essas Unidades de Significado estão numeradas em algarismos arábicos na sequência em que aparecem na Descrição, reiniciando a numeração em cada Descrição.

A seguir, apresentamos os 15 (quinze) *print screens*, selecionados do corpus construído. Esses *print screens* estão sendo considerados como as Descrições dos sujeitos da pesquisa e estão numerados em ordem crescente de 1 a 15, organizados por tema. A seguir, apresentamos as Descrições selecionadas para análise.

Descrição 1



Descrição 2



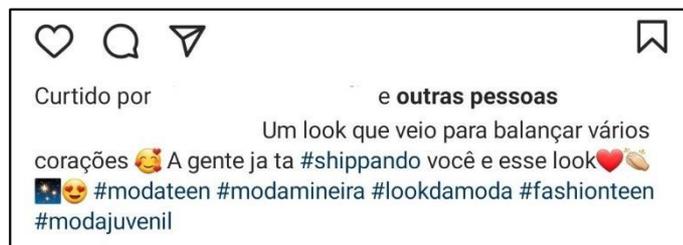
Descrição 3



Descrição 4



Descrição 5



Descrição 6



Descrição 7



Descrição 8



TEMA 2 – ENTRETENIMENTO

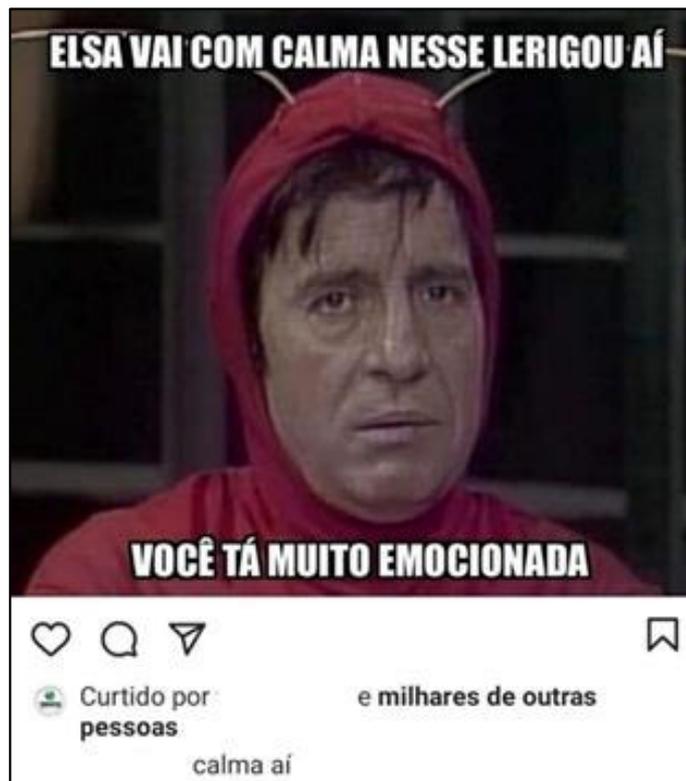
Descrição 9



Descrição 10



Descrição 11



Descrição 12

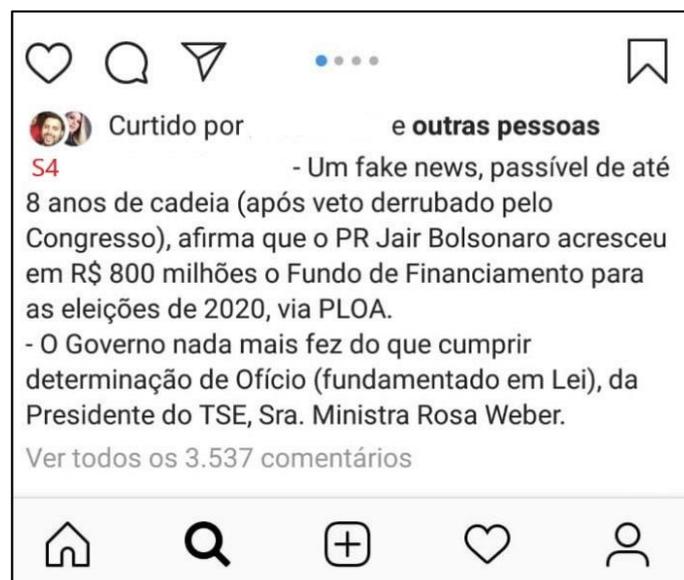


Descrição 13



TEMA 3 – POLÍTICA

Descrição 14



Descrição 15



Essas foram as descrições que selecionamos do *corpus* construído para investigar os anglicismos na escrita digital. No capítulo seguinte, apresentamos a análise dos dados e os resultados que encontramos.

Neste capítulo, abordamos a pesquisa que realizamos, para desvelar os anglicismos presentes na escrita digital. Esse capítulo consta da análise dos dados e da construção dos resultados da pesquisa.

5.1 Análise dos Dados

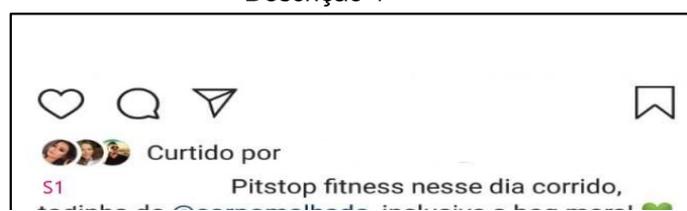
A análise dos dados foi realizada em dois momentos. No primeiro momento, realizamos a Análise Ideográfica das Descrições selecionadas e, no segundo momento, foi realizada a Análise Nomotética. Esse movimento encontra-se descrito nos subtópicos a seguir.

5.1.1 Análise Ideográfica

Feita a seleção dos *print screens* os quais compuseram o *corpus* da pesquisa, procuramos capturar os sentidos das realizações linguísticas dos sujeitos, por meio da Análise Ideográfica. Essas realizações linguísticas são denominadas de Descrição dos sujeitos, conforme já referido no Capítulo 4, e estão identificadas com numeral cardinal, em ordem crescente.

A seguir, construímos um quadro de análise individual assim caracterizado: na primeira coluna, encontram-se as realizações linguísticas, na maneira original em que o sujeito as escreveu no *Instagram*. Na segunda coluna, são destacadas as Unidades de Significado retiradas das Descrições de cada sujeito e consideradas significativas para o pesquisador somente aquelas em que o sujeito da pesquisa utilizou o anglicismo em suas realizações linguísticas. Essas Unidades de Significado estão numeradas em algarismos arábicos na sequência em que aparecem na Descrição, reiniciando a numeração em cada análise.

Descrição 1



Quadro 7 – Análise Ideográfica da Descrição 1

DESCRIÇÃO 1	UNIDADES DE SIGNIFICADO D- 1
<p>Pitstop fitness neste dia corrido, todinha de @corpomalhado inclusive a bag mara! 🤍🐱</p> <p>Soletre: foco. Leia: 🗣️👉</p> <p>Como diria o maridinho: ok moral, blz! 🤝😊</p> <p>#lookdaisa #focus #fitnessgirl #isaneonzinha</p>	<p>1 Pitstop fitness neste dia corrido,</p> <p>2 inclusive a bag mara.</p> <p>3 #lookdaisa</p> <p>4 #focus</p> <p>5 #fitnessgirl</p>

Síntese da Descrição 1:

Na Descrição 1, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com a adoção de palavras anglófonas
- com formação híbrida
- com juntura intervocabular
- com adaptação semântica
- com uso de hashtag

Descrição 2



Quadro 8 – Análise Ideográfica da Descrição 2

DESCRIÇÃO 2	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-2
-------------	-----------------------------

<p>Bom dia genteee! ✨</p> <p>Amanheci assim pelas mãos de fada da [REDACTED] para o shooting mara da [REDACTED]. Vai rolar takeover nos meus Stories. Acompanhem tudinho por lá 📷 #mornig #shootingdaisa #busyday</p>	<p>1 o shooting mara 2 Vai rolar takeover 3 nos meus Stories. 4 #morning 5 #shootingdaisa 6 #busyday</p>
---	--

Síntese da Descrição 2:

Na Descrição 2, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com a adoção de palavras anglófonas
- com adaptação semântica
- com formação híbrida
- com juntura intervocabular
- com uso de hashtag

Descrição 3



Quadro 9 – Análise Ideográfica da Descrição 3

DESCRIÇÃO 3	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-3
<p>☐ Quereria contar muitas news dos jobs de hoje. Porém o bug do Instagram não deixou.</p> <p>Amanhã compartilho o start do nosso semestre pra vocês meus amores, tem muita coisa enviada por Deus ✨ { 🇺🇸 🇧🇷 [REDACTED] } #Apreta</p>	<p>1 Quereria contar muitas news 2 dos jobs de hoje. 3 Porém o bug do Instagram não deixou. 4 Amanhã compartilho o start do nosso semestre</p>

Síntese da Descrição 3:

Na Descrição 3, o sujeito emprega o anglicismo no português

- com adoção de palavras anglófonas.

Descrição 4



Quadro 10 – Análise Ideográfica da Descrição 4

DESCRIÇÃO 4	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-4
<p>Todinha de ... no mood all black poderoso com sensualidade na medida exata! 🐱 Esse conjunto de body + legging ta uma coisa de muso! 🤩👉 Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nos stories! O lançamento é: AMANHÃ ❤️ #lookdaisa #shootingdaisa #viorando</p>	<p>1 Todinha de ... no mood all black poderoso com sensualidade na medida exata! 2 Esse conjunto de body + legging ta uma coisa de muso! 3 Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nos stories! 4 #lookdaisa 5 #shootingdaisa</p>

Síntese da Descrição 4

Na Descrição 4, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com a adoção de palavras anglófonas
- com adaptação semântica
- com formação híbrida
- com juntura intervocabular
- com uso de hashtag

Descrição 5



Quadro 11 – Análise Ideográfica da Descrição 5

DESCRIÇÃO 5	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-5
Um look que veio para balançar vários corações. 🍷 A gente ja ta #shippando você e esse look. 🍷👉 😊 #modateen #modamineira #lookdamoda #fashionteen #modajuvenil	1 Um look que veio para balançar vários corações. 2 A gente ja ta #shippando você 3 e esse look . 4 #modateen 5 #lookdamoda 6 #fashionteen

Síntese da Descrição 5:

Na Descrição 5, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com a adoção de palavra anglófona
- com adaptação morfológica
- com juntura intervocabular
- com formação híbrida
- com uso de hashtag

Descrição 6



Quadro 12 – Análise Ideográfica da Descrição 6

DESCRIÇÃO 6	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-6
Um #Tbt da semana passada tbm vale, né?! 🍷👉 #workando	1 Um #Tbt da semana passada tbm vale, né?! 2 #workando

Síntese da Descrição 6:

Na Descrição 6, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adoção de sigla anglófona
- com adaptação morfológica
- com uso de hashtag.

Descrição 7



Quadro 13 – Análise Ideográfica da Descrição 7

DESCRIÇÃO 7	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-7
#startando o feriadão 🗨️ 📱 🌐 #sqn #boratrabiá #foconoobjetivo #progresso	1 #startando o feriadão

Síntese da Descrição 7:

Na Descrição 7, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adaptação morfológica
- com uso de hashtag

Descrição 8



Quadro 14 – Análise Ideográfica do Descrição 8

DESCRIÇÃO 8	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-8
-------------	-----------------------------

<p>Sempre será você com você mesmo. O jogo é esse! Quando você STARTAR para você, tudo fará sentido.</p> <p>#autoconhecimento #autorresponsabilidade #meusprimeiros passos #começar #startar #vocêcomvocê #esseéojogo</p>	<p>1 Quando você STARTAR para você, tudo fará sentido.</p> <p>2 #startar</p>
--	--

Síntese da Descrição 8:

Na Descrição 8, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adaptação morfológica
- com adaptação semântica
- com uso de hashtag.

Descrição 9



Quadro 15 – Análise Ideográfica do Descrição 9

DESCRIÇÃO 9	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-9
<p>O MAL DE VOCÊS É IR STALKEAR SABENDO QUE VAI FICAR TRISTE DEPOIS</p>	<p>1 O MAL DE VOCÊS É IR STALKEAR</p>

Síntese da Descrição 9

Na Descrição 9, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adaptação morfológica
- com adaptação semântica

Descrição 10



Quadro 16 – Análise Ideográfica da Descrição 10

DESCRIÇÃO 10	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-10
Eu stalkeando // vi oq eu não queria. Sigam 🍷 Sigam	1 Eu stalkeando

Síntese da Descrição 10:

Na Descrição 10, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adaptação morfológica
- com adaptação semântica

Descrição 11



Quadro 17 – Análise Ideográfica da Descrição 11

DESCRIÇÃO 11	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-11
Elsa vai com calma nesse lerigou aí Você tá muito emocionada	Elsa vai com calma nesse lerigou aí

Síntese da Descrição 11:

Na Descrição 11, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adaptação semântica
- com escrita oralizada.

Descrição 12



Quadro 18 – Análise Ideográfica da Descrição 12

DESCRIÇÃO 12	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-12
As crushadas não param, seu sorriso deixou alguém apaixonadinha ❤️😍👩🏻 #crushfama #crush #macapa #crushando	1 As crushadas não param 2 #crushfama 3 #crush 4 #crushando

Síntese da Descrição 12:

Na Descrição 12, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adoção de palavra anglófona
- com adaptação morfológica
- com juntura intervocabular
- com formação híbrida
- com uso de hashtag

Descrição 13



Quadro 19 – Análise Ideográfica da Descrição 13

DESCRIÇÃO 13	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-13
"O nosso santo bateu, o amor da sua vida sou eu..." 🎵😊😄 #friendzone #shippadas #todomundoama #bargilrs #comchuvaousem	1 #Friendzone 2 #shippadas 3 #bargilrs

Síntese da Descrição 13:

Na Descrição 13, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com adoção de palavras anglófonas
- com adaptação morfológica
- com formação híbrida
- com uso de hashtag

Descrição 14



Quadro 20 – Análise Ideográfica da Descrição 14

DESCRIÇÃO 14	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-14
<p>Um fake News, passível de até 8 anos de cadeia (após veto derrubado pelo Congresso), afirma que o PR Jair Bolsonaro cresceu em R\$ 800 milhões o Fundo de Financiamento para as eleições de 2020, via PLOA.</p> <p>O Governo nada mais fez do que cumprir determinação de Ofício (fundamentado em Lei), da Presidente de TSE, Sra. Ministra Rosa Weber.</p>	1 Um fake News

Síntese da Descrição 14

Na Descrição 14, o sujeito emprega o anglicismo no português:

-com a adoção de palavras anglófonas

Descrição 15



Quadro 21 – Análise Ideográfica da Descrição 15

DESCRIÇÃO 15	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-15
<p>Luciano Hang, da Lojas Havan, fala sobre o Datafolha. Segundo o DataFake, em 2018, eu perderia para todos no 2º turno.</p> <p>Ao sobe  Verde e amarelo.</p>	1. Segundo o DataFake

Síntese da Descrição 15:

Na Descrição 15, o sujeito emprega o anglicismo no português:

- com formação composta
- com juntura intervocabular
- com adaptação semântica

Concluída a Análise Ideográfica das Descrições selecionadas, iniciamos um novo movimento da trajetória fenomenológica: o da Análise Nomotética. Esse movimento está descrito no item a seguir.

5.1.2 Análise Nomotética

Realizamos um movimento de aproximação e de afastamento em relação ao fenômeno, buscando as convergências e idiossincrasias de sentidos já revelados pela Análise Ideográfica. Por meio da convergência das Unidades de Significado, identificamos as Categorias Abertas, assim denominadas por não terem sido dadas a priori. Essas Unidades de Significado convergiram entre si, resultando em 3 (três) Categorias Abertas: *Adoção de Anglicismo*, *Adaptação de Anglicismo* e *Criação Neológica Inovadora*. O Quadro a seguir demonstra esse movimento.

Quadro 22 – Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas

CATEGORIAS ABERTAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
ADOÇÃO DE ANGLICISMO	2. inclusive a bag mara.	D1
	4. #focus	D1
	5. #fitnessgirl	D1
	o shooting mara	D2

	1. nos meus Stories .	D2
	4. #morning	D2
	6. #busyday	D2
	1. Queria contar as news	D3
	2. dos jobs de hoje	D3
	3. Porém o bug do Instagram não deixou.	D3
	4. Amanhã compartilho o start do nosso semestre pra vocês	D3
	5. Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nos stories!	D4
	1. Um look que veio para balançar vários corações	D5
	6. #fashionteen	D5
	3. #crush	D12
	1. #Friendzone	D13
	1. Um fake News	D14
ADAPTAÇÃO DE ANGLICISMO	1. Pitstop fitness neste dia corrido	D1
	2. Vai rolar takeover	D2
	1. Todinha de ... no mood all black poderoso ta!	D4
	1. A gente já ta #shippando você	D5
	2. #workando	D6
	1. #startando o feriadão	D7
	1. Quando você STARTAR para você, tudo fará sentido.	D8
	2. #startar	D8
	1. O mal de vocês é ir stalkear	D9
	1. Eu stalkeando	D10
	1. Elsa vai com calma nesse lerigou aí	D11
	3. As crushadas não param	D12

	4. #crushando	D12
	1. #shippadas	D13
	1. Segundo o DataFake	D15
CRIAÇÃO NEOLÓGICA INOVADORA	1. #focus	D1
	5. #fitnessgirl	D1
	4. #morning	D2
	6. #busyday	D2
	4. #lookdaisa	D4
	5. #shootingdaisa	D4
	1. A gente já ta #shippando você	D5
	4. #modateen	D5
	5. #lookdamoda	D5
	6. ##fashionteen	D5
	1. Um #Tbt da semana passada tbm vale, né?!	D6
	2. #workando	D6
	1. #startando o feriadão	D7
	2. #startar	D8
	1. Elsa vai com calma nesse lerigou aí	D11
	2. #crushfama	D12
	3. #crush	D12
	4. #crushando	D12
	1. #friendzone	D13
	2. #shippadas	D13
3. #bargilrs	D13	
Segundo o DataFake	D15	

O movimento de convergência das Categorias Abertas está exposto no Quadro a seguir.

Quadro 23 – Quadro Ilustrativo de Convergências das Categorias nas Descrições dos Sujeitos

DESCRIÇÕES → CATEGORIAS ↓	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	T O T A L
ADOÇÃO DE ANGLICISMO	3	4	4	1	2	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	17
ADAPTAÇÃO DE ANGLICISMO	1	1	-	1	1	1	1	2	1	1	1	2	1	-	1	15
CRIAÇÃO NEOLÓGICA INOVADORA	2	2	-	2	4	2	1	1	-	-	1	3	3	-	1	22

O Quadro ilustra o total de Unidades de Significado que foram identificadas nas Descrições dos sujeitos da pesquisa, selecionadas do corpus que construímos. Temos assim um total de 54 (cinquenta e quatro) Unidades de Significado que, ao convergirem entre si, deram origem às Categorias Abertas.

5.2 Construção dos Resultados

De acordo com a análise realizada no item 5.1.2, a qual trouxe à luz as convergências das Descrições reveladas pelo uso de anglicismos nas interações comunicativas da Rede Social *Instagram*, num movimento de reflexão e de compreensão para que o fenômeno se revelasse, retomamos a Questão Norteadora que direcionou nosso percurso metodológico: *Como os usuários da rede social Instagram empregam os anglicismos no processo de inovação lexical no Português Brasileiro?*

Damos início, assim, à compreensão das três categorias que emergiram das quinze Descrições analisadas: *Adoção de Anglicismo*, *Adaptação de Anglicismo* e *Criação Neológica Inovadora*. A partir dessas categorias, damos continuidade à leitura

dos dados da investigação como uma expressão do vivido, não como coisas que simplesmente existem, mas como algo que designa uma realidade apreendida.

A primeira categoria a ser analisada é *Adoção de Anglicismo*. Em vista dessa denominação e, também, para uma melhor análise de nosso objeto de estudo, julgamos necessário apresentarmos aqui, embora em linhas gerais, alguns dos pressupostos fundantes do fenômeno da adoção ou empréstimos linguísticos, um dos domínios teóricos da Neologia Lexical.

Nesse sentido, tomamos a definição apresentada por Correia e Almeida (2012), pois, para essas autoras, existe uma diferença entre empréstimos e estrangeirismos:

De acordo com esta distinção, “estrangeirismo” denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que “empréstimo” denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, que foi aportuguesada. (CORREIA E ALMEIDA, 2012, p. 71)

Dessa forma, entendemos que a adoção de anglicismos corresponde à adoção de um estrangeirismo da língua inglesa em outro sistema linguístico, no caso dessa pesquisa, na língua portuguesa. Verificamos que se trata de um processo intenso de produtividade lexical, principalmente pela situação de contato linguístico com a língua inglesa que foi intensificado com o avanço da tecnologia, como constatou Alves (2007, p.6): “contemporaneamente, é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnicos e científicos”.

Correia e Almeida (2012) também testificam o predomínio da língua inglesa e, por sua vez, a influência que esta exerce sobre as demais línguas.

Atualmente, dado o predomínio da língua inglesa como língua de comunicação internacional (científica, técnica, política) pelo predomínio geoestratégico de países de fala anglo-saxônica, a maioria das demais línguas são importadoras de palavras da língua inglesa (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 69)

A partir dessas considerações sobre estrangeirismos linguísticos, apresentamos as Unidades de Significado pertencentes à categoria *Adoção de Anglicismo*:

inclusive a **bag** mara. (D1)
#focus (D1)
#fitnessgirl (D1)
o **shooting** mara (D2)

nos meus **stories**. (D2)
#morning (D2)
#busyday (D2)
 Queria contar as **news** (D3)
 dos **jobs** de hoje (D3)
 Porém o **bug** do Instagram não deixou. (D3)
 Amanhã compartilho o **start** do nosso semestre pra vocês (D3)
 Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nos **stories** (D4)
 Um **look** que veio para balançar vários corações (D5)
#fashionteen (D5)
#crush (D12)
#friendzone (D13)
 Um **fake News** (D14)

Nessas Unidades de Significado, são encontrados os seguintes anglicismos: [bag -D1], [focus -D1], [fitnessgirl -D1], [shooting -D2], [stories -D2], [morning -D2], [busyday -D2], [news -D3], [jobs -D3], [bug-D3], [start-D3], [stories-D4], [look -D5], [fashionteen -D5], [crush-D12], [Friendzone-D13], [fake News-D14].

De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 71), classificamos os anglicismos como estrangeirismos, pois “não sofreram quaisquer adaptações à língua de chegada”. Isto porque eles foram acolhidos, nas interações comunicativas em língua portuguesa, sem nenhum tipo de alteração fonológica, ortográfica, morfológica e/ou semântica.

Isso posto, compreendendo o anglicismo como um elemento do léxico importante para o processo de inovação lexical, e mesmo para corroborar com os postulados de Correia e Almeida (2012), apresentamos a definição de Alves (2007, p.73) sobre estrangeirismos:

[...] o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma.

No quadro abaixo, apresentamos os significados dos anglicismos encontrados nas Unidades de Significado, os quais são os mesmos da língua de origem. Para que pudéssemos apresentar os significados dos anglicismos, baseamos-nos no dicionário *Oxford Learners Dictionaries*, da Oxford University Press (2004).

Quadro 24 - Relação dos anglicismos adotados e seus respectivos significados na língua de origem

UNIDADE DE SIGNIFICADO	ANGLICISMO	SIGNIFICADO NA LÍNGUA DE ORIGEM
inclusive a bag mara	Bag	Bolsa
#focus	Focus	Foco

#fitnessgirl	Fitness + girl	Hábitos saudáveis + garota
o shooting mara	Shooting	ensaio fotográfico
nos meus stories	Stories	Histórias
#morning	Morning	Manhã
#busyday	Busyday	Dia cheio de atividades
queria contar as news	News	Novidades
dos jobs de hoje	Jobs	Trabalhos
porém o bug do Instagram não deixou	Bug	Pane
Amanhã compartilho o start do nosso semestre pra vocês	Start	Início
Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nos stories	Stories	Histórias
Um look que veio para balançar vários corações	Look	Estilo de vestir
#fashionteen	Fashion + teen	Moda + adolescente
#crush	Crush	Paquera
#Friendzone	Friendzone	Zona da amizade
Um Fake News	Fake News	Notícias falsas

Fonte: Quadro construído pela autora

Assim, no português brasileiro, as Unidades de Significado poderiam ser compreendidas, conforme descritas no Quadro 25:

Quadro 25 - Relação dos anglicismos adotados e seus respectivos significados no Português Brasileiro

UNIDADE DE SIGNIFICADO COM ANGLICISMO NA LÍNGUA DE ORIGEM	UNIDADE DE SIGNIFICADO COM ANGLICISMO TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO
inclusive a bag mara	inclusive a bolsa mara
#focus	#Foco
#fitnessgirl	#garota que tem hábitos saudáveis
o shooting mara	o ensaio fotográfico mara
nos meus stories	nas minhas histórias
#morning	#Manhã

#busyday	#Dia cheio de atividades
queria contar as news	queria contar as novidades
dos jobs de hoje	dos trabalhos de hoje
porém o bug do Instagram não deixou	Porém a pane do Instagram não deixou
Amanhã compartilho o start do nosso semestre pra vocês	Amanhã compartilho o início do nosso semestre pra vocês
Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nos stories	Vou postar mais desse ensaio maravilhoso nas histórias
Um look que veio para balançar vários corações	Um estilo de vestir que veio para balançar vários corações
#fashionteen	#Adolescente na moda
#crush	#paquera
#Friendzone	#zona da amizade
Um Fake News	Umas notícias falsas

Fonte: Quadro construído pela autora

Fazemos destaque às seguintes Unidades de Significado:

#crush (D12)
Um **fake News** (D14)

O anglicismo **crush**, segundo o dicionário Oxford (2021), é definido da seguinte forma: “crush somebody/something to press something so hard that it is damaged or injured, or loses its shape”. Numa tradução livre dessa definição, temos: “esmagar alguém/algo para pressionar algo com tanta força que seja danificado ou ferido, ou perca sua forma”. Esse anglicismo é empregado no português brasileiro, de acordo com o Dicionário informal (2021), como “Sinônimo de gamar, estar babando por alguém, sem ela nem saber da sua existência, na maioria dos casos”, ou seja, com o significado de **paquera**. Nesse sentido, a Unidade de Significado “**#crush** (D12)” pode ser compreendida como “**#paquera**, conforme descrita no Quadro 25.

Em relação à Unidade de Significado “Um **fake News** (D14)”, verificamos que o anglicismo **fake News**, de acordo com o dicionário on-line *Oxford Advanced Learner’s Dictionary* (2021, p.58), encontra-se registrado da seguinte forma:

fake news
noun
/ˌfeɪk ˈnjuːz/

/,feɪk 'nu:z/
[uncountable]

false reports of events, written and read on websites – grifo nosso)

No português brasileiro, esse significado não se altera, pois é empregado como algo que não é verdadeiro, ou seja, como algo falso, como podemos verificar na citação a seguir:

Os perfis falsos ou **fakes** são um grande problema em redes sociais. São vários os casos em que contas são criadas com o intuito de trazer desinformação ou induzir possíveis seguidores a golpes e outros tipos de prejuízos. Ainda que muitas redes desenvolvam medidas para conter a criação de **fakes**, inclusive declaradas em termos de uso, é possível deparar-se com contas enganosas. (grifo nosso) (CANALTECH, 2021, p.3)

Como podemos perceber, o termo *fake*, no contexto da citação foi usado tal como na língua de origem, para classificar como falsos alguns perfis das redes sociais. Observamos, portanto, o caráter produtivo desse anglicismo no português brasileiro, haja vista seu uso em diferentes contextos.

Verificamos, também, uma instabilidade no uso desse anglicismo em relação ao gênero: na Unidade de Significado D14, o anglicismo está acompanhado de artigo indefinido masculino. No verbete retirado de um dicionário informal on-line, **Fake News** é categorizado como substantivo feminino, conforme podemos comprovar a seguir:

Significado de Fake news
substantivo feminino

Notícias falsas; quaisquer notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens. Etimologia (origem de fake news).
Do inglês fake news, literalmente “notícias falsas”. (DICIO, 2021, p.3)

É importante destacarmos que há um inquérito tramitando no Superior Tribunal Federal (STF) chamado de “Inquérito das Fake News”. O inquérito foi nomeado com o anglicismo acompanhado de artigo feminino: **das Fake News**. Esse fato ratifica que *Fake News* é um termo anglófono adotado, cujo gênero ainda não foi cristalizado no português brasileiro: ora é utilizado como substantivo masculino (como o interagente utilizou na Descrição 14), ora é utilizado como substantivo feminino.

Destacamos, também, que, embora ainda não estejam registrados nos dicionários de língua portuguesa, os anglicismos que compõem a categoria *Adoção de Anglicismos* estão presentes no cotidiano dos usuários do Instagram, enriquecendo o léxico da nossa língua. Desse modo, podemos afirmar que é perceptível o poder de

influência da língua inglesa no processo de inovação lexical, pois esses anglicismos foram incorporados às interações comunicativas dos falantes brasileiros, sem qualquer mudança em sua estrutura morfossintática, semântica e/ou pragmática. Percebemos, assim, a relevância do inglês como uma língua de cultura em vários domínios da sociedade brasileira, sobretudo na comunicação on-line.

A segunda categoria a ser analisada é *Adaptação de Anglicismo*, evidenciada nas Unidades de Significado retiradas de 13 (treze) das 15 (quinze) Descrições selecionadas:

Pitstop fitness neste dia corrido (D1)
 Vai rolar **takeover** (D2)
 Todinha de ... no **mood all black** poderoso com sensualidade na medida exata! (D4)
 A gente já tá **#shippando** você (D5)
#workando (D6)
#startando o feriadão (D7)
 Quando você **startar** para você, tudo fará sentido. (D8)
#startar (D8)
 O mal de vocês é ir **stalkear**. (D9)
 Eu **stalkeando**. (D10)
 Elsa vai com calma nesse **lerigou** aí (D-11)
 As crushadas não param (D12)
#crushando (D12)
#shippadas (D13)
 Segundo o **DataFake** (D15)

Nessa segunda categoria, as Unidades de Significado apresentam anglicismos adaptados morfológica e semanticamente: [Pitstop fitness -D1], [takeover -D2], [mood all black -D4], [shippando -D5], [workando -D6], [startando -D7], [startar -D8], [#startar-D8], [stalkear -D9], [stalkeando -D10], [lerigou -D11], [crushadas -D12], [crushando -D12], [shippadas -D13], [DataFake -D15].

Apresentamos de forma detalhada as Unidade de Significado, assim como o significado contextualizado dos anglicismos.

Quadro 26 – Relação de anglicismos adaptados e seus respectivos significados contextualizados

UNIDADE DE SIGNIFICADO	ANGLICISMOS	SIGNIFICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
A gente já tá #shippando você	<i>Shippando</i>	Torcida por um relacionamento
Vai rolar takeover	<i>Takeover</i>	Comandar o Instagram de outro usuário.
Todinha de @vioristore no mood all black poderoso com sensualidade na medida exata!	mood all black	Vestida toda de preto
#workando	Workando	Trabalhando

# startando o feriadão	Startando	Iniciando
Quando você startar para você, tudo fará sentido	Startar	Despertar
Eu stalkeando .	Stalkeando	Espionando
# crushando	Crushando	Paquerando
# shippadas	Shippadas	Pessoas que vivem um relacionamento amoroso
Pitstop fitness neste dia corrido	Pitstop fitness	Momento relacionado a atividade física
Segundo o DataFake	Datafake*	Instituto de Pesquisa não confiável

Fonte: Quadro construído pela autora

Destacamos, desta segunda categoria de análise, as Unidades de Significado que possuem anglicismo com adaptação, no nível semântico, ao português brasileiro:

Pitstop fitness neste dia corrido (D1)
vai rolar [**takeover**] (D2)
Todinha de ... no [**mood all black**] poderoso com sensualidade na medida exata! (D4)

Na língua portuguesa, esses anglicismos apresentam traços semânticos diferentes dos traços da língua de origem, em ao menos um dos três níveis de adaptação semântica (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Portanto, embora algumas dessas palavras não tenham sofrido modificações morfológica, fonológica ou ortográfica, são consideradas empréstimos linguísticos por terem sofrido alterações de sentido.

A adaptação semântica de um empréstimo pode dar-se em diferentes níveis:

- o empréstimo apenas exhibe, na língua de chegada, um dos significados que apresenta na sua língua de partida – ex. net em português (por internet), quando em inglês net significa também “rede”;
- o empréstimo exhibe, na língua de chegada, além de um dos significados que tinha na língua de partida, outros significados já adquiridos na língua de chegada – ex: bife (do inglês beef, “carne bovina”);
- O empréstimo apresenta um significado bastante diferente daquele que apresenta na língua de partida – ex: batom, no sentido de “cosmético para dar cor aos lábios” (do francês bâton, “pau; bastão; pedaço de madeira cônico e alongado que serve como apoio, arma ou utensílio”) (CORREIA e ALMEIDA, p. 73, 2012)

Em vista disso, iniciamos a análise da categoria *Adaptação de Anglicismo* pelos anglicismos que sofreram adaptação semântica para um melhor entendimento dessa categoria. A Unidade de Significado da Descrição 1 “**Pitstop fitness** neste dia corrido” apresenta dois anglicismos: **Pitstop** e **fitness**. O termo **Pitstop** apresenta

adaptação morfológica e semântica. Esse anglicismo está registrado da seguinte forma no dicionário Oxford (2021):

Pit stop
 noun
 /'pɪt stɒp/
 /'pɪt stɑ:p/
 (in motor racing) **an occasion when a car stops during a race for more fuel, etc.** (grifo nosso)

Observamos que **Pitstop**, na Descrição 1, apresenta juntura intervocabular, ou seja, o termo **Pit** está ligado graficamente ao termo **stop**, fenômeno bastante evidenciado em crianças (ou adultos) em fase de apropriação do código escrito, que escrevem as palavras sem espaço entre elas. Isto porque, segundo Cagliari (2003, p. 142), “na fala não existe a separação de palavras, a não ser quando marcada pela entonação do falante”. Assim, a juntura de **Pitstop** significa uma transposição da propriedade da linearidade de uso da fala na escrita. Vemos assim que nas redes sociais, esse fenômeno se faz presente, fato não observado na entrada do verbete no dicionário da Oxford (2021). Observamos, também, o significado apresentado pelo verbete: “**an occasion when a car stops during a race for more fuel, etc.**” (grifo nosso), que traduzido temos: “uma ocasião em que um carro para durante uma corrida para obter mais combustível, etc.” No entanto, na temática moda, verificamos que não se trata da parada de um carro, mas sim de uma pausa que o usuário do Instagram realizou para tratar de assuntos da moda, ou seja, roupas e acessórios próprios para a realização de atividades físicas. Portanto, como o anglicismo adquiriu um novo significado na língua portuguesa, além do significado que já possuía na língua de origem, podemos classificá-lo como nível 2¹³ de adaptação semântica.

No que diz respeito ao segundo anglicismo desta Unidade de Significado, **fitness**, verificamos que não sofreu adaptação morfológica nem semântica, como podemos observar no verbete a seguir

fitness
 noun
 /'fɪtnəs/
 /'fɪtnəs/
 [uncountable]
the state of being physically healthy and strong (grifo nosso) (OXFORD, 2021)

¹³ No segundo nível, a palavra importada pode exibir além de um dos significados que tinha na língua de partida, outros significados já adquiridos na língua de chegada.

O dicionário Oxford (2021) registra o significado do termo **fitness** da seguinte forma: “the state of being physically healthy and Strong”. Traduzindo livremente para o português brasileiro, temos: “o estado de ser fisicamente saudável e forte”. Vemos, assim, que o sentido da palavra **fitness** na língua de origem foi assimilado no português brasileiro junto com a estrutura morfológica do anglicismo. Assim, a Unidade de Significado “**Pitstop fitness** neste dia corrido (D1)” pode ser compreendida como “Parada de moda voltada para atividades físicas neste dia corrido”.

Outro anglicismo que apresenta, no contexto comunicativo no qual está inserido, significado distinto do que está registrado no dicionário on-line Oxford (2021) é **takeover**, presente na seguinte Unidade de Significado:

vai rolar [**takeover**] (D2)
 takeover
noun
 /'teɪkəʊvə(r)/
 /'teɪkəʊvər/
 [countable, uncountable]
 1. **an act of taking control of a company by buying most of its shares**
 (grifo nosso)

A tradução para a língua portuguesa da definição de **takeover** dada pelo dicionário da Oxford é “um ato de assumir o controle de uma empresa comprando a maior parte de suas ações”¹⁴.

Porém, na rede social Instagram, a expressão adquiriu outro significado, como podemos verificar na explicação dada no site [communitymanager.pt](https://www.communitymanager.pt)¹⁵

Um Instagram takeover é quando assumimos a conta de Instagram de outra pessoa, temporariamente, e partilhamos conteúdo com a sua audiência. Os Instagram takeovers são uma forma fantástica de marcas, indivíduos e influenciadores colaborarem e de fazerem promoção cruzada de conteúdo. (COMMUNITY MANAGER, 2021, p.2)

Por conta dessa mudança semântica, podemos afirmar que **takeover** assimilou um significado diferente do encontrado na língua de origem, ao ser incorporado nas interações comunicativas em língua portuguesa, na rede social Instagram. Assim, a Unidade de Significado “vai rolar [**takeover**] (D2)” passa a

¹⁴ Tradução livre de: “**an act of taking control of a company by buying most of its shares.**”

¹⁵ Disponível em: <https://www.communitymanager.pt/organizar-um-instagram-takeover/#:~:text=Um%20Instagram%20takeover%20%C3%A9%20quando,fazerem%20promo%C3%A7%C3%A3o%20cruzada%20de%20conte%C3%BAdos>. Acesso em: 20 março 2021.

significar “Vou comandar o perfil do Instagram x”. Logo, podemos afirmar que esse empréstimo pertence ao nível 3 de adaptação semântica

A mesma situação de adaptação semântica do anglicismo takeover ocorre com o anglicismo **mood**. Na língua de origem, a palavra **mood** significa humor, como podemos constatar na definição a seguir dada pelo dicionário da Oxford (2021):

Mood
noun
/mu:d/
/mu:d/
[countable] **the way you are feeling at a particular time.** (grifo nosso).

A definição “**the way you are feeling at a particular time**” pode ser traduzida para língua portuguesa como “a maneira como você está se sentindo em um determinado momento”. Na temática moda, o anglicismo denota estilo ou forma de se vestir. Assim, a Unidade de Significado “todinha de ... no [**mood all black**] poderoso com sensualidade na medida exata! (D4)” pode ser interpretada da seguinte forma: “todinha de ... no **estilo todo preto** poderoso com sensualidade na medida exata!”. Podemos entender que a tradução contextualizada da expressão “**mood all black**” é “estilo todo preto”, com a palavra **mood** apresentando diferente significado do dicionarizado em sua língua de origem. Logo, esse anglicismo também se encaixa no nível 3 de adaptação semântica.

Dando continuidade à análise das Descrições, colocamo-nos diante das seguintes Unidades de Significado:

A gente já ta **#shippando** você (D5)
#workando (D6)
#startando o feriadão (D7)
Quando você **startar** para você, tudo fará sentido. (D8)
#startar (D8)
O mal de vocês é ir **stalkear**. (D9)
Eu **stalkeando**. (D10)
#crushando (D12)
#shippadas (D13)
Segundo o **DataFake** (D15)

Nessas Unidades de Significado, encontramos os anglicismos que sofreram adaptação morfológica, ao entrarem no sistema linguístico do português brasileiro. Fazemos destaque, num primeiro momento, aos seguintes anglicismos: **shippando** (D5), **workando** (D6), **startando** (D7), **startar** (D8), **stalkear** (D9), **stalkeando** (D10), **crushando** (D12), **shippadas** (D13). Esses anglicismos foram adaptados por meio do processo de derivação sufixal: a uma base acrescentamos um sufixo derivacional que ocorre sempre à direita da base (CORREIA; ALMEIDA, 2012). No caso dos

anglicismos das Unidades de Significado, a base é constituída por formas livres da língua inglesa e o sufixo é uma forma presa do português brasileiro. O Quadro a seguir demonstra os anglicismos que sofreram adaptações verbais:

Quadro 27 – Anglicismos adaptados morfologicamente

ANGLICISMO ADAPTADO	BASE LÍNGUA INGLESA	SUFIXO PORTUGUÊS (FORMADOR DE VERBO)	FORMA DE CITAÇÃO DO VERBO
#shippando	Shipp	-ar	Gerúndio
#workando	Work	-ar	Gerúndio
#startando	Start	-ar	Gerúndio
startar	Start	-ar	Infinitivo
Stalkear	Stalk	-ear	Infinitivo
Stalkeando	Stalk	-ear	Gerúndio
#crushando	Crush	-ar	Gerúndio

Fonte: Quadro construído pela autora

Vemos que os anglicismos deram origem a novos verbos da 1ª conjugação (de tema em -a) no português brasileiro, passando assim de radicais nominais a radicais verbais, assumindo, em consequência, os elementos gramaticais do português brasileiro: a vogal temática e a desinência de infinitivo, conforme demonstrado no Quadro 27.

Sandmann (1996, p.69) faz a seguinte afirmação sobre os verbos formados a partir do sufixo -ar: “Em geral se pode dizer que X-ar expressa uma ação que tem alguma coisa com X”. Para confirmar a afirmação do autor, tomemos para análise a Unidade de Significado **#workando**. Essa Unidade de Significado, que se encontra na forma nominal do gerúndio, uma das flexões do verbo em português, é formada do seguinte modo: **work** + **-ar**, originando, assim o verbo **Workar**, que significa trabalhar.

Portanto, podemos afirmar que os anglicismos **#shippando**, **#workando**, **#startando**, **startar** e **#crushando**, sofreram adaptação no nível morfológico, ao terem passado para a língua portuguesa, através do processo de derivação. Dessa maneira, uma vez vernacularizadas em nossa língua, essas palavras assumiram o padrão flexional do português por meio do sufixo verbal -ar formador de verbos da 1ª conjugação. Logo, outras palavras que forem formadas em português a partir desses

anglicismos seguirão a estrutura flexional da língua portuguesa. Essas Unidades de Significado ilustram o fato de muitos anglicismos serem adaptados à língua portuguesa pelo processo derivacional: morfema lexical em inglês seguido de morfema derivacional do português.

É importante observar que as Unidades de Significado **#startando** (D7) e **startar** (D8), embora contenham a mesma base **start-**, apresentam significados diferentes nos contextos em que foram empregadas, como podemos observar

#startando o feriadão (D7)

Quando você **startar** para você, tudo fará sentido (D8)

A Unidade de Significado “**#startando** o feriadão” pode ser compreendida como “**#iniciando** o feriadão”. Já “Quando você **startar** para você, tudo fará sentido”, pelo contexto, **startar** não se refere a começar/iniciar algo, mas sim despertar para si. Vemos assim que o significado de **startar**, nessas Unidades de Significado, depende do contexto em que foi empregado. Esse fato nos possibilita afirmar que esse anglicismo está adquirindo, além do significado que tem na língua de origem (inglês), outro em língua portuguesa. A definição que o dicionário de Oxford (2021) atribui a *start* é “*beginning*” que, traduzido para o português, significa “começo/início”. Percebemos que, pelo contexto contido na Unidade de Significado “**#startando** o feriadão (D7)”, o anglicismo exibe o mesmo significado do registrado na língua de origem, o que não acontece em “Quando você **startar** para você, tudo fará sentido (D8)”.

Dessa forma, além da adaptação morfológica, esse anglicismo apresenta adaptação semântica nível dois (ver Quadro 6), pois o empréstimo exibe, além de um dos significados que tinha na língua de partida, outro significado já adquirido na língua de chegada.

Em relação aos anglicismos **stalkear** (D9) e **stalkeando** (D10), eles foram adaptados morfológica e semanticamente. A adaptação morfológica de **stalkear** (D9) e **stalkeando** (D10) também ocorreu pelo processo de derivação sufixal, com o sufixo **-ear** colocado à direita da base **stalk**, enquadrando, assim, os anglicismos adaptados na categoria de verbo: **stalkear** (D9) flexionado na forma nominal de infinitivo e **stalkeando** (D10), na forma nominal de gerúndio. Esses anglicismos, além de receberem sufixos verbais da língua portuguesa, apresentam também alteração de significado em relação à língua de origem.

Esses anglicismos estão presentes nas Unidades de Significado: “o mal de vocês é ir **stalkear** (D9)” e “Eu **stalkeando** (D10)”. Nessas Unidades de Significado, **stalkear** (D9) e **stalkeando** (D10) derivam do verbo **to stalk**. No dicionário da Oxford (2021), esse verbo apresenta o seguinte significado:

stalk
verb
/stɔ:k/
/stɔ:k/
Verb Forms
[transitive, intransitive] **stalk (something/somebody) to move slowly and quietly towards an animal or a person, in order to kill, catch or harm it or them.** (grifo nosso)

O termo **stalk** é definido da seguinte forma: “stalk (something/somebody) to move slowly and quietly towards an animal or a person, in order to kill, catch or harm it or them” (OXFORD, 2021). Numa tradução livre da definição dada pelo dicionário, temos: “perseguir (algo/alguém) para se mover lenta e silenciosamente em direção a um animal ou a uma pessoa, a fim de matá-lo, pegá-lo ou feri-lo”. Podemos constatar que o significado dicionarizado do anglicismo não é o mesmo apresentado nas Descrições D9 e D10. Na rede social Instagram, os anglicismos derivados de *to stalk* significam *bisbilhotar o perfil de um usuário*, como podemos verificar na definição que o site Techtudo (2021) apresenta:

O que é Stalkear?
Stalkear é o aportuguesamento do verbo *to stalk*, que, em inglês, significa perseguir. Na vida real, o ato indica uma violação séria à privacidade do indivíduo “stalkeado”, mas o sentido é diferente no mundo virtual. No Instagram, assim como em outras redes sociais, a expressão é usada como sinônimo de entrar no perfil de alguém e conferir tudo sobre a pessoa — principalmente as fotos. Pode-se dizer que stalkear é sinônimo do verbo bisbilhotar. A famosa curtida sem querer em fotos antigas é uma das principais denúncias de que alguém te stalkeou.

Verificamos que o verbo **Stalkear**, ao ser incorporado no léxico do português brasileiro, passa a receber tratamento idêntico ao tratamento dado aos verbos cuja base portadora de significado lexical pertence à própria língua portuguesa, no que se refere ao processo de flexão verbal. Ressaltamos que, embora tenha sido assimilado no português brasileiro também como um verbo, seu significado sofreu alteração. Esse anglicismo se enquadra no nível 3 de adaptação semântica, ou seja, possui um significado diferente daquele que apresenta na língua de partida.

Continuando nossa análise, fazemos referência a dois outros anglicismos que sofreram processo de derivação, encontrados nas seguintes Unidades de Significado:

As crushadas não param (D12)
 #shippadas (D13)

Para a análise desses anglicismos, consideramos o entendimento de Sandmann (1996, p.51), que afirma: “os substantivos designativos de ação terminados em -ada são muitas vezes empregados no português informal de hoje [...]”. O autor ilustra sua afirmativa com o seguinte exemplo: “Influente prócer tricolor, ressentido ainda hoje com a malufada de seu time da Taça Guanabara [...], malufada significa nesse contexto ‘derrota’, significado fortemente dependente do contexto” (SANDMANN, 1996, p. 51). Nesse sentido, os anglicismos adaptados **crushadas** e **shippadas** também dependem fortemente do contexto e foram formados pelo processo de derivação sufixal, pois às bases **crush** e **shipp** foi acrescentado o sufixo -ada e correspondem a substantivos deverbais, uma vez que foram formados a partir de verbos: **crushar** e **shippar**, já adaptados ao português brasileiro. Segundo Sandmann (1996, p.50), as derivações formadas com o sufixo -ada “são substantivos designativos de ação”.

Esses termos também foram adaptados semanticamente, pois foram formados a partir de anglicismos que apresentam significado diferente do que possuem na língua de origem, conforme podemos comprovar a seguir:

Quadro 28 – Anglicismos deverbais

ANGLICISMO ADAPTADO	BASE LÍNGUA INGLESA	SIGNIFICADO NA LÍNGUA INGLESA	SIGNIFICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
crushadas	Crush	Esmagar alguém/algo para pressionar algo com força	Paquera
Shippadas	Shipp	Desejar ou apoiar uma relação romântica entre personagens de ficção ¹⁶	Apoio a uma relação romântica real, de pessoas próximas

Fonte: Quadro construído pela autora

Uma vez que esses anglicismos ganharam novos significados no português brasileiro, podemos afirmar que eles apresentam o nível 3 de adaptação semântica.

¹⁶ Significado extraído da seguinte citação: To want or support a romantic relationship between fictional characters, usually one that is suggested by fans rather than shown in the work of fiction itself. The couple generally has a ‘ship name’ formed of the names of the two characters (MACMILLAN, 2021).

Consideremos, agora, a Unidade de Significado presente na Descrição 15, a seguir:

Segundo o **DataFake** (D15)

Verificamos que o termo *DataFake* trata-se de uma palavra composta por justaposição a qual apresenta dois radicais da língua inglesa: *data* e *fake*.

Constatamos, pelo contexto em que se apresenta esta Unidade de significado, que o termo **Data** se reporta ao nome Datafolha, um instituto de pesquisa pertencente ao Grupo Folha. Realizamos a busca pela etimologia do termo **Data** e verificamos que advém do latim, tendo como significado “dado, elementos”. (TORRINHA, 1982, p. 226). No latim, essa palavra pertencia ao caso nominativo: *datum* no singular e, no plural, *data*. Esse termo latino foi assimilado pelas línguas inglesa e portuguesa da mesma forma da língua de origem. No dicionário Oxford (2021), o termo *data* é registrado como plural de *datum*, conforme podemos comprovar a seguir

datum
noun
/'deɪtəm/
/'deɪtəm/
(plural **data**)
(specialist)
a fact or piece of information. (grifo nosso).

Isto posto, podemos afirmar que o anglicismo **DataFake** é uma palavra composta por justaposição, pois trata-se de uma palavra formada por duas unidades autônomas *Data* e *Fake*: ambas provenientes da língua inglesa. Ademais, o significado do termo *Fake*, na Unidade de Significado “segundo o **DataFake** (D15)”, é o mesmo já apontado na categoria *Adoção de Anglicismo*, quando analisamos a Unidade de Significado “Um **fake News** (D14)”.

Como última Unidade de Significado a ser analisada na Categoria *Adaptação de Anglicismo*, temos:

Elsa vai com calma nesse *lerigou* aí. (d11)

Nessa Unidade de Significado, encontra-se o anglicismo **lerigou**, considerado em nossa análise uma idiossincrasia, uma vez que se manifestou de forma diferenciada dos demais anglicismos adaptados: com adaptação semântica e escrita oralizada. Esse anglicismo, na língua de origem, corresponde à expressão “*let it go*”, que traduzida para o português equivale a “pode ir”, contudo é empregada na linguagem informal com o sentido de “deixa pra lá”, “deixa acontecer”, uma espécie de gíria (OXFORD, 1995, p.590). Essa expressão ganhou repercussão, ao ser cantada

no filme *Frozen*, no qual a personagem repete a expressão na música que canta ao mesmo tempo em que cai muita neve e congela os ambientes exibidos na cena. Por conta dessa cena emblemática e do sucesso do filme no Brasil, a expressão “*let it go*” passou a ser relacionada ao frio. Podemos constatar esse novo sentido no contexto apresentado pela Unidade de Significado D11.

Destacamos que a expressão *let it go* passou a ser representada na escrita das redes sociais da web como **lerigou**, revelando uma escrita praticamente falada que se manifesta por meio da transcrição fonética e da juntura vocabular de 3 termos ingleses: *let, it e go*. Esse fato nos leva a concordar com Cagliari (2006, p.2), quando afirma que a escrita “nada mais é do que uma representação da linguagem oral e, portanto, recupera a linguagem oral com todas as suas características, inclusive o caráter linear e sintagmático dos elementos que se concatenam numa certa ordem”.

Dando continuidade à compreensão/interpretação das categorias de análise, passemos à terceira categoria: *Criação Neológica Inovadora*. Essa categoria se evidencia nas seguintes Unidades de Significado, extraídas das Descrições selecionadas para análise, neste trabalho.

#focus (D1)
#fitnessgirl (D1)
#morning (D2)
#busyday (D2)
#lookdaisa (D4)
#shootingdaisa (D4)
#shippando (D5)
#fashionteen (D5)
#modateen (D5)
#lookdamoda (D5)
#workando (D6)
 Um **#Tbt** da semana passada tbm vale, né?! (D6)
#startando (D7)
#startar (D8)
Lerigou (D11)
#crush (D12)
#crushfama (D12)
#crushando (D12)
#friendzone (D13)
#hippadas (D13)
#bargilrs (D13)
Datafake (D15)

Optamos por este nome para a terceira categoria, pois os anglicismos presentes nas Unidades de Significado destacadas, segundo Correia e Almeida (2012, p.25), são tipos de neologismos que podem evidenciar, ao mesmo tempo, tipos de novidade diferente. Sendo assim, embora as duas outras categorias analisadas também apresentem criações neológicas, constatamos aqui a seguinte novidade

diferente: das 22 (vinte e duas) Unidades de Significado, 20 são *hashtags*, uma criação neológica que reflete a criatividade do usuário da língua.

Antes, porém, de iniciarmos a análise das Unidades de Significado que compõem a categoria *Criação Neológica Inovadora*, ressaltamos que, para nomearmos essa terceira categoria, embasamo-nos na definição de Correia e Almeida (2012, p.21) sobre neologismos:

Na língua corrente, os neologismos são, então, num primeiro momento, unidades do discurso, passando para o sistema da língua apenas aquelas formações que assumem um caráter permanente e estável, isto é, normalmente aquelas que resultam de uma necessidade do sistema, sobretudo as de caráter denominativo. A entrada no sistema linguístico, oficializada pelo registro em dicionário da língua, é, ao mesmo tempo, o momento em que a formação deixa de ser um neologismo. (CORREIA; ALMEIDA, p. 21, 2012)

Dessa forma, entendemos que todas as Unidades de Significados da categoria *Criação Neológica Inovadora* apresentam palavras que já passaram para o sistema da língua, embora ainda não estejam registradas nos dicionários da língua portuguesa. Essas criações inovadoras estão assumindo, nas redes sociais da web e especificamente no Instagram, um caráter permanente e estável (CORREIA; ALMEIDA, 2012), como as expressões **lerigou** e **DataFake** e as *hashtags*, “unidade linguística, usada principalmente nas redes sociais digitais, com múltiplas finalidades” (SILVA, 2017, p.20).

As expressões **lerigou** e **DataFake** presentes nas Unidades de Significado “Elsa vai com calma nesse **lerigou** aí (D11)” e “segundo o **DataFake** (D15)”, por comporem também a segunda categoria, já foram analisadas. Nesse sentido, fazemos apenas referência a essas expressões como criações lexicais inovadoras, por apresentarem novidade tanto formal quanto semântica (CORREIA; ALMEIDA, 2012), conforme já explicitado anteriormente.

A respeito das Unidades de Significado que se caracterizam como *hashtags*, fazemos as seguintes considerações iniciais. As *hashtags* desempenham papéis diversificados nas redes sociais, o que, por sua vez, contribuem para a disseminação de uma expressão, independente da língua em que foi empregada. Nesse sentido, podemos afirmar que as *hashtags* se constituem uma inovação linguística, considerando a forma como são empregadas no espaço digital: “uma forma linguística cuja função é essencialmente social, permitindo a filiação difusa (*filiação ambiental*) dos usuários, a conversação e investigação tecnológica (*habilidade de pesquisa*) do

discurso” (PAVEAU, 2013, s/n, tradução livre). A autora denominou essa forma linguística de tecnomorfema¹⁷ de natureza composta, pois além de ser um elemento linguístico, funciona como um *link* capaz de agrupar assuntos e pessoas que abordam questões comuns.

Como um tecnomorfema, as *hashtags* apresentam a seguinte estrutura: o símbolo cerquilha (#) e, após esse símbolo, uma palavra (incluindo acrônimos e siglas), uma expressão, uma sentença, ou uma composição alfanumérica. Em todos esses casos, “a cadeia de caracteres forma um único bloco, no qual não há espaço separando os componentes dessa cadeia” (SILVA, 2017, p.20-21), por meio da junção intervocabular.

Esse fenômeno tem facilitado significativamente a inserção de anglicismos na língua portuguesa, haja vista que os usuários das redes sociais, a depender do conteúdo, compartilham a *hashtag* exaustivamente a ponto de popularizá-la.

Silva (2017, p.20) faz a seguinte consideração sobre as *hashtags*:

Para os estudiosos pioneiros no assunto, como Davies (2010), as *hashtags* são somente uma forma de categorizar as mensagens do Twitter referentes ao mesmo assunto. Conforme Zappavigna (2011), a *hashtag* tem uma dupla função: facilitar a pesquisa e tornar possível a filiação de tweets. Zappavigna (2011) defende que as *hashtags* criam uma oportunidade de unir assuntos comuns e, dessa forma, unir comunidades humanas reais ou virtuais.

As funções que as *hashtags* possuem, apresentadas na citação de Silva (2017), estão vinculadas à rede social *Twitter*. No entanto, alguns anos após o seu surgimento, as *hashtags* foram migrando para as outras redes sociais até chegarem ao *Instagram* em 2011, conforme podemos comprovar a seguir:

Depois de seu surgimento no Twitter, as *hashtags* começaram a migrar para outras redes sociais digitais. O percurso histórico da *hashtag* mostra que, com a inserção de links no Twitter em julho de 2009, essa ferramenta foi ganhando espaço e passou a ser usada no Instagram e no Google+ (que adicionaram o suporte *hashtag* em 2011), no Vine, no Flickr e no Facebook, em 2013. (SILVA, 2017, p.20)

A partir de então, o uso das *hashtags* se popularizou a ponto de se fazer presente nas interações comunicativas dos usuários de qualquer rede social da web de forma significativa.

¹⁷ Esse termo já foi definido no Capítulo 3 desta dissertação.

As Unidades de Significado que compõem nossa terceira categoria são *hashtags* e algumas delas já tiveram os caracteres linguísticos analisados, considerando que esses caracteres eram constituídos por palavras anglófonas, sem adaptação ou com adaptação. Aquelas que apresentaram palavra anglófona sem adaptação foram analisadas na categoria *Adoção de Anglicismo*, como foi o caso de:

#focus (D1)
#fitnessgirl (D1)
#morning (D2)
#busyday (D2)
#fashionteen (D5)
#crush (D12)
#friendzone (D13)

As Unidades de Significado que apresentaram palavra anglófona adaptada foram analisadas na categoria *Adaptação de Anglicismo*, como foi o caso de:

#workando (D6)
#startando (D7)
#startar (D8)
#crushando (D12)
#shippadas (D13)

Tanto as Unidades de Significados sem adaptação quanto as que foram adaptadas são *hashtags* e, mesmo tendo sido já analisadas nas duas primeiras categorias, compõem a categoria *Criação Neológica Inovadora*. Assim, vamos apresentar a análise apenas das Unidades de Significado que ainda não receberam tratamento, como é o caso de:

#lookdaisa (D4)
#shootingdaisa (D4)
#modateen (D5)
#lookdamoda (D5)
Um **#Tbt** da semana passada tbm vale, né?! (D6)
#crushfama (D12)
#bargilrs (D13)

Essas Unidades de Significado são formadas por palavras provenientes da língua inglesa e da língua portuguesa. São criações neológicas inovadoras, pois a cadeia de caracteres colocada após o símbolo cerquilha (#), à exceção da Unidade de Significado “Um **#Tbt** da semana passada tbm vale, né?! (D6)”, apresenta novidade formal: mais de uma palavra formando apenas um bloco linguístico. A cadeia de caracteres que forma essas *hashtags* são compostas por elementos linguísticos anglófonos e portugueses.

No Quadro abaixo, apresentamos as estruturas híbridas que formam essas Unidades de Significado, destacando sua composição e o significado que os elementos linguísticos possuem no contexto do Português Brasileiro.

Quadro 29 – Composição das expressões híbridas e dos significados

UNIDADES DE SIGNIFICADOS	COMPOSIÇÃO		SIGNIFICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
	ANGLICISMO	PORTUGUÊS	
#lookdaisa	<i>Look</i>	da + Isa	Estilo de vestir da Isa
#modateen	<i>Teen</i>	moda	Moda para adolescente
#shootingdaisa	<i>Shooting</i>	da + Isa	Ensaio fotográfico da Isa
#lookdamoda	<i>Look</i>	moda	Estilo de vestir da moda
#crushfama	<i>Crush</i>	fama	Paquera famosa
#bargirls	<i>Girls</i>	Bar	Garotas do bar

Fonte: Quadro construído pela autora

As Unidades de Significado destacadas no quadro são *hashtags*, que apresentam estrutura morfológica em forma de sintagmas nominais. Como *hashtags*, essas Unidades atuam como links capazes de ligar elementos na internet, funcionando como uma palavra-chave. Assim, ao utilizar uma *hashtag*, o usuário do Instagram, segundo Silva (2017, p.22), “chama a atenção para um elemento específico de sua postagem, como se usasse um marca-texto virtual, haja vista que a hashtag tem um layout diferente dos demais elementos da postagem”. Processos como esses favorecem a “acentuada proliferação de elementos não nativos às estruturas morfológicas do português” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.105).

Percebemos, também, que o usuário do Instagram, ao utilizar um segmento linguístico híbrido, aplica o Princípio da Economia Linguística, pois os anglicismos do quadro 29 equivalem a sintagmas nominais em língua portuguesa, quando observamos os significados no contexto. De acordo com Correia (1995, p.1), “o léxico possui também mecanismos que permitem tornar as línguas naturais sistemas de comunicação extremamente económicos”. Dessa forma, podemos entender que, nesse contexto, o uso de *hashtags* pelos usuários da rede social *Instagram* contribuiu para o processo de economia linguística.

Segundo Martinet (1963, p.14),

Em todas as línguas até hoje descritas, exige o tipo de organização que acabamos de esboçar e que parece impor-se às comunidades humanas

como sendo o que melhor se adapta às necessidades e disponibilidades do homem. Só a economia resultante das duas articulações permite obter instrumento de comunicação de emprego geral, graças ao qual se pode transmitir tanta informação por tão baixo preço.

Em relação à Unidade de Significado “Um **#Tbt** da semana passada tbm vale, né?! (D6)”, podemos verificar que, dentre os seus componentes, encontra-se uma *hashtag*: **#Tbt**, pois apresenta o símbolo cerquilha (#) precedido de uma sigla que corresponde à expressão **Throwback Thursday**. Essa é uma das formas de estruturação de *hashtags*, conforme já referido anteriormente.

Ressaltamos que, além de podermos considerar os segmentos linguísticos híbridos das *hashtags* como uma estratégia de economia linguística, eles também agregam elegância e sofisticação às realizações linguísticas dos usuários do *Instagram* como afirma Olandina (2006, p. 103).

Os anglicismos denunciam um sentimento de esnobismo ou prestígio atribuindo ao inglês uma valoração positiva por estar associado à ideia de beleza, elegância, superioridade de objetos, modernidade, desenvolvimento e, em consequência, acesso a bens culturais e econômicos propagados pelos Estados Unidos.

Concluída a análise da categoria *Criação Neológica Inovadora*, reiteramos que os anglicismos contribuem para a inovação lexical do português brasileiro, sobretudo nos espaços de interação on-line, uma vez que são utilizados de diferentes formas nas interações comunicativas dos usuários das redes sociais, como vimos a partir da compreensão/interpretação das Categorias analisadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito apresentar o percurso investigativo acerca do emprego de anglicismos na rede social *Instagram* no processo de inovação lexical no Português Brasileiro. Nessa trajetória percorrida, tomando por base as teorias linguísticas, em consonância com o método fenomenológico de investigação, adentramos no mundo da língua(gem) de sujeitos que utilizam essa rede social da web como espaços de interação comunicativa. Buscamos compreender as inovações lexicais presentes nas realizações linguísticas dos sujeitos e como os anglicismos contribuem para este processo, sem perder de vista nossa questão norteadora: Como os usuários da rede social *Instagram* empregam os anglicismos no processo de inovação lexical no Português Brasileiro?

Para respondermos a essa questão, respaldamo-nos nos pressupostos teóricos que construímos para desvelamento dos anglicismos na linguagem on-line, analisando-os anglicismos como um fator de inovação lexical, e tendo como ponto de partida as realizações linguísticas dos usuários da Rede Social *Instagram*.

Ao procurarmos desvelar as inovações lexicais empregadas pelos interagentes, ao utilizarem anglicismos em suas realizações linguísticas no interior do *Instagram*, percebemos que esses anglicismos contribuem para o enriquecimento do léxico do Português Brasileiro, pois, ao fazerem parte da comunicação on-line, também podem estar presentes na comunicação off-line, considerando que “a comparação ciberespaço/espaço físico é uma falsa dicotomia” (BARTON; LEE, 2015, p. 237).

Outro fator relevante para respondermos à questão norteadora da pesquisa foi a escolha da metodologia de base fenomenológica. A Fenomenologia, como uma trajetória metodológica, nos levou a “ir às coisas mesmas” (HUSSERL, 2006), ou seja, nos possibilitou uma investigação direta dos fenômenos que foram experienciados por nossa consciência na pesquisa, aproximando-nos como sujeitos pesquisadores do nosso objeto de estudo.

Ao investigarmos os anglicismos nas realizações linguísticas da Rede Social *Instagram*, o fizemos sem conceitos pré-concebidos, ou seja, livre de concepções dadas a priori, por meio de uma aproximação/afastamento em relação ao nosso objeto de estudo, o que, de forma geral, se constituiu um jeito de proceder numa pesquisa de âmbito fenomenológico.

Assim sendo, os nossos resultados emergiram a partir das Unidades de Significado explicitadas, num primeiro momento, por meio da Análise Ideográfica e, num segundo momento, por meio da convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas, pela Análise Nomotética, em conformidade com o nosso aporte teórico. Foram identificadas 3 categorias abertas: *Adoção de Anglicismo*, *Adaptação de Anglicismo* e *Criação Neológica Inovadora*, as quais foram interpretadas com base no arcabouço teórico-metodológico que construímos para desvelamento de nosso objeto de estudo, conforme já referido anteriormente. Em vista disso, chegamos a pontos relevantes de nossa investigação, entre os quais, destacamos os seguintes:

1) A interação comunicativa nos espaços da Web 2.0, que correspondem às redes sociais, caracteriza-se por ser dinâmica, pois a comunicação estabelecida nestes espaços apresenta características da fala e da escrita simultaneamente. Esse caráter híbrido da escrita digital e a desfronteirização nos espaços da Web possibilitam o surgimento de fenômenos linguísticos inovadores, devido ao intercâmbio cultural, dentre outros fatores, entre pessoas de diferentes línguas, lugares, culturas etc.

Nessa lógica, constatamos que a comunicação on-line possui um dinamismo de construção de palavras inovadoras que proporciona uma troca linguística entre os interagentes da Web, o que possibilita o processo de assimilação de estrangeirismos no português brasileiro.

2) A língua inglesa, por estar presente expressivamente nos espaços de comunicação on-line e por conta do prestígio que possui na sociedade atual, enriquece o léxico do Português Brasileiro. Constatamos esse fato nas três categorias de análise, mais precisamente em *Adoção de Anglicismo* e *Criação Neológica Inovadora*.

3) Em relação à categoria *Adaptação de Anglicismo*, a análise revelou que os anglicismos adaptados se manifestaram por meio de dois níveis de adaptação: a semântica e a morfológica. Também revelou a escrita oralizada, e a juntura intervocabular, fenômenos recorrentes na escrita das redes sociais.

4) No Instagram, a inovação lexical pelo emprego de hashtag é significativa, pois os interagentes a utilizam como uma forma de aumentar a visibilidade de suas postagens e categorizá-las. Ademais, as hashtags funcionam como um morfema lexical, que possibilita a criação de novos segmentos linguísticos, por esta razão, as hashtags são chamadas de tecnomorfemas.

5) As hashtags se mostraram elementos importantes para inovação lexical, pois possibilitam a criação de palavras compostas híbridas, nas quais os anglicismos

atribuem sentidos a expressões no português brasileiro, que se constituem verdadeiras inovações linguísticas, como as próprias hashtags.

6) As hashtags também contribuem para a disseminação de palavras e/ou expressões, haja vista que são elementos compartilháveis no Instagram. Dessa forma, as inovações lexicais se tornam rapidamente conhecidas, quando vão sendo assimiladas pelos usuários da rede social.

7) A inexistência da dicotomia mundo on-line versus mundo off-line¹⁸. Considerando que as inovações linguísticas da comunicação on-line são utilizadas, simultaneamente, na comunicação off-line, uma vez que os interagentes vivem entrelaçados entre os mundos digital e físico. Esta realidade foi intensificada durante a pandemia do covid-19, momento no qual grande parte das pessoas teve de manter o trabalho e o estudos foram mantidos por meio da internet.

8) Os gêneros textuais digitais contribuem para a ocorrência de anglicismos nas interações realizadas no *Instagram*, uma vez que são formas híbridas de comunicação por apresentarem características da fala, tais como dinamicidade e fluidez, diferenciando-se dos demais textos escritos produzidos de forma off-line.

Esta pesquisa nos proporcionou verificar que o uso frequente de anglicismos nas interações face a face tem relação com a comunicação realizada nas redes sociais da web, mais precisamente a realizada no Instagram, rede social muito popular entre os jovens e os adolescentes. Logo, podemos afirmar que a escrita desenvolvida nesse espaço é muito receptiva a estrangeirismos, principalmente os de língua inglesa.

Nesse sentido, já sabendo que o uso de anglicismos era um fato, debruçamo-nos a compreender como os usuários empregam esses estrangeirismos para inovar o léxico do Português Brasileiro, fazendo assim da nossa curiosidade um objeto de estudo que pudesse contribuir para a descrição do Português Brasileiro, assim como para investigações de outros fenômenos linguísticos dessa natureza.

Assim, ressaltamos que as abordagens aqui apresentadas correspondem a um importante avanço epistemológico no âmbito dos estudos da linguagem, sobretudo nos processos de formação e inovação lexical no Português Brasileiro. O desbravamento, fruto da investigação da linguagem on-line, que alberga interações humanas na Web, um terreno que demanda constantes investigações, que ainda tem muito a oferecer em termos de pesquisa e poderá contribuir para ampliar os estudos sobre os anglicismos no português brasileiro.

¹⁸ O mundo off-line é o espaço físico, no qual estabelecemos relações interpessoais face a face.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina M. de S. Filologia e o estudo do léxico. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos; MAGALHÃES, José Sueli de. (Orgs). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 716-21. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_244.pdf. Acesso em: jun/2019.
- ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ALVES, Ieda Maria. **A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português**. ALFA: Revista de Linguística, v. 28 – Suplemento, 1984. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107590>.
- _____. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 77-88.
- _____. **Terminologia política e sucessão presidencial**. Estudos Linguísticos. Anais de Seminários do GEL, 9: 134-9, 1984.
- _____. **Neologismo. Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. **Neologismos: criação lexical**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- AUROUX, Sylvan. **Filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2009.
- AVARRO, Eduardo de Almeida. **O último refúgio da língua geral no Brasil**. São Paulo, v. 26, n. 76, p. 245-254, Dec. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000300024&lng=en&nrm=iso. access on 06 Feb. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000300024>.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. The role of African languages in the emergence of Brazilian Portuguese grammar. **Linguística**. Montevideo, v. 30, n. 2, p. 241-288, dic. 2014. Disponible en http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200010&lng=es&nrm=iso. accedido en 30 enero 2020.
- ARAGÃO, F. B. P., FARIAS, F. G., MOTA, M. O., & FREITAS, A. A. F. (2016) **Curtiu, comentou, comprou. A mídia social digital Instagram e o consumo**. Revista Ciências Administrativas, 22(1), 130-161.
- AZEVEDO. Aluisio. **O Mulato**. São Paulo. Editora Escala Ltda, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BAUER, M.W.; AARTS, B. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER, M.W.; GASKEL, G. (Eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2.ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. p.39-63.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1995.

- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BASTOS, Carmen Célia Barradas Correia. Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: algumas contribuições. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 442-451, dez. 2017. ISSN 2525-8222. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/156>>. Acesso em: 01 jun. 2020.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A estrutura mental do léxico**. Estudos de filologia e linguística. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1981: 131-45.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOMFIM, Flávia Maia. Composição por prefixação ou derivação prefixal. In: SILVA, José Pereira da. **Morfossintaxe da Língua Portuguesa**. São Gonçalo, RJ: Faculdade de Formação de Professores (UERJ), 2002. (Cadernos de Pós-graduação em Língua Portuguesa, v. 2).
- BRAGA, Junia Carvalho Fidelis; MARTINS, Antônio Carlos; MENEZES, Vera. Design de atividades acadêmicas online. In: SALIES, Tânia; SHEPHERD, Tania. **Linguística da Internet**, São Paulo, Contexto, 2013. p. 205-228.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2003
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 157-188, June 2013. ISSN 2237-2083. Available at: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5096>>. Date accessed: 09 July 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.157-188>.
- CAMERON, Helena. (2010). **Inovação lexical: novas finalidades, novas aplicações**. Lexical innovation: new purposes, new applications.
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem do Facebook. In: SHEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. **Linguística da Internet**. Contexto, 2012. P. 78-91.
- CASTILHO, Ataliba. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992.

- CASTILHO, Ataliba. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012
- CAVALCANTI, L. 2010. **Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics**. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 3, Pernambuco, 2010. Anais...Pernambuco, 1-15. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto2010/LarissaCavalcanti.pdf>. Acesso em: 19/08/2014.
- CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- COMO Organizar um Instagram Takeover: Guia completo. **Community Manager**, 2021. Disponível em: < <https://www.communitymanager.pt/organizar-um-instagram-takeover/>>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis M.D. Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.
- CRETU, Roxana Maria. "El trato de los extranjerismos en la nueva ORAE [How Foreign Words Are Dealt with in the ORAE]". *Analele Universității de Vest din Timișoara. Seria științe filologice* 56:169-177. <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=722720>.
- CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge University Press, 2001.
- DENEVAN, William. M. The aboriginal population of Amazonia. In: DENEVAN, William (Org.). **The Native Population of the Americas in 1492**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1976. pp. 205-234
- FIORIN, José Luiz. **A internet vai acabar com a língua portuguesa?**. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 2-9, jun. 2008. ISSN 1983-3652. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/10>>. Acesso em: 11 jul. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1983-3652.1.1.2-9>.
- FOLLARI, Roberto A. Problemas em torno da pesquisa qualitativa. In: BIANCHETT, Lucidio; MEKSENAS, Paulo (Orgs.). **A trama do conhecimento: teoria, escrita em ciência e pesquisa**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- GARCEZ, Pedro de Moraes; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em trono da língua**. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- GARCIA, Elisa Frühauf. **O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional**. Niterói: Tempo, v. 12, n. 23, 2007. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Feb. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200003>.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 169-199, jan. 2012. ISSN 2237-4876.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. **Morfologia** (coleção Linguística para o ensino superior). 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. v. 1.

HESSEN, Joannes. **Teoria do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HORN, Michel B.; STAKER, Hearther. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1989.

_____, Edmund. Investigações lógicas: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 6. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2ª. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. v. 01.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – Volume II**. 1ª. ed. Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2004. v. 1.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, I. M. (Orgs.). **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia – Vol. III**. 1a. ed. Campo Grande-MS; São Paulo-SP: Editora da UFMS; Associação Editorial Humanitas, 2007. v. 1.

Instagram | **Veja hashtags mais citadas no Brasil e no mundo em 2018**. Canaltech. 13 de Dezembro de 2018 às 20h10. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-veja-hashtags-mais-citadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018-129075/>. Acesso em: 12, mar e 2021.

_____, Aparecida Negri; ALVES, I. M. (Orgs.). **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia – Vol. III**. 1a. ed. Campo Grande-MS; São Paulo-SP: Editora da UFMS; Associação Editorial Humanitas, 2007. v. 1.

JACOB, Helena. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. **Revista Comunicare – Dossiê Feminismo**, v.14, n. 1, 1º Semestre de 2014. Documento eletrônico: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Redes-sociais-mulheres-ecorpo.pdf>. Acesso em: agosto 2020.

JUSTINA, O. D. **Presença e uso de anglicismos no cotidiano brasileiro: a visão de pessoas comuns**. (Dissertação) Mestrado em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

LABOV, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

LIMA, Veraluce da Silva. **O ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem fenomenológica**. Dissertação (Dissertação em Educação). UFMA – São Luís, 1997.

LOBO, Tânia. **Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil**. Estudos de lingüística galega, n. 7, p. 69-82, 2015.

LOBO, Tânia; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia e a história social linguística do Brasil. *Estudos de Lingüística Galega* [en linea]. 2015, 7(), 69-82[fecha de Consulta 3 de Octubre de 2020]. ISSN: 1889-2566. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305641135005>

LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A.P; KRIEGER, M.G. (Orgs). **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, vol.II. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2003.

LUCCHESI, D. (1). **A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas**. Estudos De Lingüística Galega, 4. Retrieved from <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/403>

_____. **História do contato entre línguas no Brasil**, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (eds.), *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, Edufba: 41-74.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Políticas linguísticas e historicização do Brasil: a escrita na construção vernacular. **Gragoatá**, [S.I.], v. 17, n. 32, june 2012. ISSN 23584114. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33034>>. Acesso em: 04 oct. 2020. doi:<https://doi.org/10.22409/gragoata.v17i32.33034>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Universidade Federal de Pernambuco. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARIANI, B. Políticas de Colonização Linguística. **Revista Letras**, n 27, p.73-82, jul/dez, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11900/7322> Acesso em: agosto. 2020.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

MASSARUTO, Filippo Antonio; DO VALE, Lara Ferreira; ALAIMO, Marcela Miquelon. **Educomunicação: o meme enquanto gênero textual a ser utilizado na sala de aula**. Revista Pandora Brasil, São Paulo, v. 13, n. 83, p. 1-11, jun. 2017.

MATORÉ, G. **La méthode em lexicologie**. Paris: Didier, 1953.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil** / Renato Mendonça, apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. — Brasília : FUNAG, 2012. 200 p.; 15,5x22,5 cm.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1996.

MOOD, In: OXFORD advanced learner's dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/mood?q=mood>. Acesso em: 12 mar. 2021.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **O último refúgio da língua geral no Brasil**. *Estud. av.* São Paulo, v. 26, n. 76, p. 245-254, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000300024&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000300024>.

NOJOSA, Urbano Nobre. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

O que é uma startup? **Startase**, 2021. Disponível em: <<https://www.startse.com/noticia/startups/afinal-o-que-e-uma-startup>>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.

O que é stalkear? E link na bio? Entenda expressões usadas no Instagram. **Techtudo**, 2021. Disponível em: < <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/09/o-que-e-stalkear-e-link-na-bio-entenda-expressoes-usadas-no-instagram.ghtml>>. Acesso em: 13 de jan. de 2021.

OFICINA DA NET. **As 10 maiores redes sociais – Atualizado**. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

ORSI, Vivian.. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1.

OXFORD advanced learner's dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dIDLPO>. Acesso em: 12 mar. 2021.

OXFORD student's dictionary. Oxford: Oxford University Press, 1988.

O'REILLY, T. **What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software**. O'Reilly Media: Sebastopol, 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 17

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Facebook: um estado atrator na internet. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PAVEAU, Marie-Anne. (2013). *Hashtag. Carnet de recherche. Technologies discursives*. Disponível em: <http://technodiscours.hypotheses.org/488>. Acesso em: 23 março 2021,

PASTOR, L.; LEMOS, A. **A fotografia como prática conversacional de dados. Espacialização e sociabilidade digital no uso do instagram em praças e parques na cidade de salvador**. Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 10-33, jan./abr. 2018. Disponível em: http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1611/pdf_1 Acesso em: 11 out. 2020.

PASSOS, Marcos Vinícius Ferreira (2012). **O gênero “meme” em propostas de produção de textos**: implicações discursivas e multimodais. Anais do SIELP, 2(1). Uberlândia: EDUFU.

PEREIRA, Pâmella Alves. Para uma distinção entre radical e prefixo. Será não-composto um composto ou um derivado? In: **Estudos linguísticos**. São Paulo, 37 (1), 2008.

PERUJO SERRANO, Francisco. **Pesquisar no labirinto**: a tese de doutorado, um desafio possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PEIXOTO, T. S.; LÊDO, A. C. **Gêneros Digitais: Possibilidades de Interação no Orkut**. In: III Encontro Nacional Sobre Hipertexto, 2009, Belo Horizonte. Anais Hipertexto 2009. p.1- 14.

PIZZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno Instagram**: considerações sobre a nova perspectiva tecnológica. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

PIT STOP. In: **Oxford Learners Dictionaries**. 2021 Oxford University Press. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/takeover?q=takeover>. Acesso em: 02 jan. 2021

PRENSKY, M. C. **Nativos digitais, imigrantes digitais**, 2001. Disponível em: . Acesso em: 11 out. 2020.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Ariri-de-festa, Angu-de-caroço e Banda-de-esteira: a fraseologia maranhense na obra de Domingos Vieira Filho. In: LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de; RAZKY, Abdelhak (Coords). **II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística**. Ed. 1. São Luís: EDUFMA, 2012. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/PDF/arq_1624_132.pdf. Acesso em: 15 março 2021.

RAMOS, Penha; MARTINS, Analice. **Reflexões sobre a rede social Instagram**: do aplicativo à textualidade. Texto Digital. 14. 117-133. 10.5007/1807-9288.2018v14n2p117, 2018.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras**, v. 16, 2014.

- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática Normativa da Língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. (refundida)
- ROMERO, S. C.; CAMBRAIA, C. N. Neologismos em uma perspectiva sociolinguística. **Percursos Linguísticos**, v. 5, 2015, p. 1-18.
- SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, 1996
- SANTOS, Veraluce Lima dos. **A influência das tecnologias de informação e de comunicação no uso da língua e suas implicações no ensino de língua portuguesa**, 2006. 419 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) Universidade de Évora, Portugal.
- SANTOS, Veraluce Lima dos. **O ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem fenomenológica**. Dissertação (Dissertação em Educação). UFMA – São Luís, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2016.
- SCHNEIDER, Luizane. **O léxico a partir de um olhar sociológico**. Travessias (UNIOESTE. Online) , v. 1, p. 01-15, 2007.
- SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOUZA, Giselle Moraes de; BARBOSA, Isabel Cristina Lopes. **Mortes por intervenção de agentes do Estado: uma continuação da política de embranquecimento da população negra?** 2019. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
- SILVA, Claudiene Diniz da. Hashtags sob o viés da semântica da enunciação. Tese de Doutorado (Inédita). Belo Horizonte, UFMG, 2017.
- SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. A tradução como política linguística na colonização da Amazônia brasileira. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 8-28, set. 2018. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1126/707>>. Acesso em: 05 out. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v7i2.1126>.
- SILVA, M. E. B. Competências e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.
- SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; DAVID, Nismária Alves. Topônimos de Origem Indígena: O Papel do Tupi na Nomeação dos Lugares Goianos. In: **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**. Anápolis-Goiás, v.3, n.1, jan.-jul. 2014, p.119-131.
- SOUZA, L. P.; DEPS, V. L. **A linguagem utilizada nas redes sociais e a sua interferência na escrita tradicional: um estudo com adolescentes brasileiros**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2., 2012, Lisboa. Atas... Lisboa, 2012. p.163-180
- SPADORO, Antonio. Web 2.0: **redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- STALKEAR, In: OXFORD advanced learner's dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/stalk_2. Acesso em: 12 mar. 2021.
- TAKEOVER. In: **Oxford Learners Dictionaries**. 2021 Oxford University Press. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/takeover?q=takeover>>. Acesso em: 02 jan. 2021

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de 'comunidade de fala'; - DOI: 10.4025/actascilangcult.v31i2.6367. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 31, n. 2, p. 147-153, 6 out. 2009.

ZACHARIAS, Valeria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.